



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação de Mestrado

“Novas Criaturas”

A transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES)
na Igreja Operando Deus

Gustavo Moulin Gouvêa

Vitória

2019

Gustavo Moulin Gouvêa

“Novas Criaturas”

A transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES)
na Igreja Operando Deus

Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Igor Suzano Machado.

Vitória
2019

GUSTAVO MOULIN GOUVÊA

“Novas criaturas”:

**A transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES)
na Igreja Operando Deus**

Dissertação de Mestrado

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Suzano Machado
(PGCS/UFES)
Professor Orientador
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Eliana Junqueira Creado
(PGCS/UFES)
Professor Convidado Interno
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa
(PPGSP/UVV)
Professor Convidado Externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

GUSTAVO MOULIN GOUVÊA

“Novas Criaturas”: A transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES) na Igreja Operando Deus

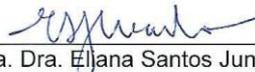
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 05 de julho de 2019.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Igor Suzano Machado
Orientador e Presidente da Comissão - UFES



Profa. Dra. Eijana Santos Junqueira Creado
Examinadora Interna – UFES



Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa
Examinador Externo – UJV

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

G719n Gouvêa, Gustavo Moulin, 1985-
Novas criaturas: a transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES) na Igreja Operando Deus / Gustavo Moulin Gouvêa. - 2019.
138 f.

Orientador: Igor Suzano Machado.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Narcotraficantes. 2. Conversão ao Cristianismo. 3. Mudança Social. 4. Antropologia. 5. Crime. 6. Comunidades. I. Machado, Igor Suzano. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

RESUMO

“Novas criaturas”:

**A transformação de traficantes do Bairro da Penha (Vitória-ES)
na Igreja Operando Deus**

Gustavo Moulin Gouvêa

Esta dissertação tem como objetivo analisar a conversão religiosa de traficantes residentes no Bairro da Penha, em Vitória-ES, considerado um dos mais violentos da Capital capixaba, a partir da filiação à religião evangélica pentecostal, mais especificamente à Igreja Operando Deus, uma referência dentro do bairro na transformação de vida de criminosos e viciados. A partir da observação participante, de entrevistas semiestruturadas, de narrativas de vida, de dados etnográficos e de vivências no contexto, procuramos entender como a Igreja em questão consegue atingir este público e colocar em prática seus métodos e estratégias de forma a trabalhar a ressocialização desses sujeitos, transformando-os e consolidando seus princípios éticos e morais e, por consequência, sua conduta. A Teoria da Dádiva é usada para explicar as trocas permanentes que são condição de existência da estrutura e do processo de conversão; o interacionismo é utilizado para o entendimento da construção das novas identidades a partir das interações dentro do novo grupo social e as noções de carreira auxiliarão no entendimento dos novos papéis dos indivíduos que, afinados à estrutura, sustentam, consolidam e desenvolvem sua nova identidade, possibilitando progressão hierárquica.

Palavras chaves: Conversão religiosa; traficantes; evangélicos; Bairro da Penha.

ABSTRACT

“New Creatures”:

**The life changing of traffickers from Bairro da Penha (Vitória-ES)
at Operando Deus Church**

Gustavo Moulin Gouvêa

The purpose of this work is to analyze the religious conversion of traffickers who live at Bairro da Penha – in the city of Vitória-ES – considered one of the most violent hoods of the Espírito Santo’s capital, through the membership at Operando Deus Church, a Pentecostal evangelical organization that is a reference in the life changing of criminals and drug addicts in the district. Through the methods of participant observation, semi-structured interviews, life narratives, ethnographic data, and through being affected in the context, we aim to understand how that church succeed to reach that public and put into practice their methods and strategies in order to work the resocialization of that people, transforming them and consolidating their ethical and moral principles and, consequently, their conduct. The Gift Theory is used do explain the permanent exchanges that are the condition of existence of the structure and of the conversion process; interactionism is utilized to understand the building of the new identities within the new social group; and the career notions will aid in the understanding of the new roles of the individuals that, faithful to the structure, maintain, consolidate and develop their new identity, enabling hierarchical progression.

Keywords: religious conversion; traffickers; evangelicals; Bairro da Penha.

Este trabalho é dedicado:

Aos meus amores Dayane e Ana Luiza;

Aos meus pais Jhonson e Luzia;

Aos meus irmãos na fé;

Aos sobreviventes do mundo do crime

que ressignificaram suas vidas e

àqueles que ainda precisam fazê-lo;

Às pessoas que dedicam seu tempo para

servir as vidas nas periferias e cadeias;

Ao nosso colega Renan Almeida Tomasi (in memoriam)

que brindou nossa turma com sua presença especial

e importantes contribuições para

o desenvolvimento de nosso trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Pai, por todas as dificuldades, provas, repreensões, correções e ensinamentos durante esses dois anos e meio de Mestrado. Tenho por certo que tudo isso é prova de Seu zelo, visando nos tornar seres humanos melhores e mais preparados para vivermos neste mundo e para lidarmos com tudo o que está por vir. Agradeço pela Sua misericórdia e bondade, sempre provendo as soluções nesses momentos de crise. Agradeço pelo Seu Amor, razão da minha vida.

Agradeço à minha família. À minha esposa Dayane por me apoiar nessa empreitada, me ajudando em todos os aspectos, suportando minhas crises junto comigo e, acima de tudo, me amando, apesar dos meus muitos defeitos. À minha filha Ana Luiza, por sua pureza, doçura e alegria, que me fazem lembrar todos os dias do quanto sou agraciado, e pela compreensão nos momentos de estudo do papai. Aos meus pais, Luzia e Jhonson, que nunca pouparam esforços para ajudar-nos em todos os sentidos. Vocês são maravilhosos e minha gratidão é eterna.

Aos meus irmãos na fé, que foram fundamentais para a conclusão desta estrada do Mestrado, escutando minhas angústias, me aconselhando, me incentivando, me repreendendo e me ensinando. Sou agraciado por tê-los em minha vida. Obrigado Ludmila & Marcos Paulo Silva pelo companheirismo. Obrigado André Vinand, Gabriel Rosa, pastor Doronézio, Samuel Verneck, Alexandre Batista, pastor Aguiar Neto pelo encorajamento. Todos vocês têm contribuições importantes neste processo.

Obrigado à minha família estendida da fé que engloba o Projeto Rei das Ruas: Fênix Rap, Fátima Ferreira, Aline Dantas, DJ NattyDread, MC Anderson, Sacerdotes da Luz, Face da Luz, RDS, Mano Jô. Obrigado Biorki. Vocês inspiram a minha caminhada.

Obrigado aos nossos alunos da UNIS e da UFI, que nos ajudam a compreender a praticidade do Amor divino e a tornarmos-nos seres mais humanos. Sem vocês, esse trabalho nem teria começado.

Obrigado à família ESHOJE, nas pessoas de Carlos Roberto Coutinho, Danieleh Coutinho e Bianca Coutinho, por todo o apoio, compreensão e incentivo desde o início até o último dia do Mestrado. Obrigado a todos os colegas de trabalho que também nos encorajaram nesta empreitada.

Obrigado ao meu orientador Igor Suzano pela paciência; ao professor Diogo Corrêa, pelas referências; aos meus colegas de curso, pelas experiências; aos pastores da Igreja Operando Deus pela atenção e disponibilidade concedidos.

A todos vocês, minha sincera gratidão.

Rimas de Sangue¹

*Rimas de sangue, mas não é rap de bang-bang,
É o poderoso sangue que diz pro morto: “levante!”
Sangue que faz a diferença aonde passa
Sangue do qual a minha rima foi lavada
Hoje sei quem eu sou, sei pra onde vou
A revolução que vem do interior
Solução do problema, decisão do dilema
Eu tô dentro do “esquema”, liberdade é o tema
Representa a vida o sangue que eu rimo
Vertente do Calvário e não do dedo no gatilho
Da rua escorre sangue, da cruz escorre sangue
A vida e a morte, a escolha é sua a todo instante
Pelo sangue da cruz, não importa o que aconteça,
Meu rap ensanguentado dos pés à cabeça,
Do sangue santo que na cruz foi derramado
Que lava a minha vida os meus versos ensanguentados
Pelo sangue derramado é que eu rimo e não me calo
Quer saber do que eu falo?
Do sangue derramado. (...)
É o que quebra as algemas, rompe as cadeias,
Atravessa as muralhas, destrói as fortalezas,
Muito mais poderoso do que o inferno inteiro,
É o sangue puro, sem pecado, é o sangue do cordeiro,
Na cruz de madeira se deu nossa salvação,
No sangue de Jesus a nossa libertação
Se te perguntarem de qual sangue que eu rimo
Vai lá e diz pra eles que é DNA divino.*

¹ BIORKI, Marcelo. **Rimas de Sangue**. Rimas de Sangue. Shekinah Rap, Rima Cruz Produções, São Paulo, 2010.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Capítulo 1 – Da UNIS à UFES	14
1.1 De onde eu falo.....	14
1.2 Lapidando o tema.....	17
1.3 Pentecostalismo e pobreza: problemas são oportunidades.....	18
1.3.1 Crescimento dos evangélicos e das pesquisas acadêmicas.....	18
1.3.2 Pentecostais x neopentecostais: teologias que diferem.....	19
1.3.3 O boom (neo) pentecostal na periferia.....	20
1.4 Tropismo: pentecostais e criminosos pelo Brasil	23
2. Capítulo 2 – Inspirações teóricas e metodológicas	31
2.1 Uma questão de dádiva.....	32
2.1.1 M.A.U.S.S.....	37
2.1.2 “Consideração” e as dádivas entre os bandidos.....	39
2.2 Interacionismo e identidade.....	44
2.2.1 Construção da identidade.....	47
2.2.2 O bandido.....	49
2.2.3 Experiências, continuidade e adaptação.....	52
2.3 Entre duas carreiras	55
Sociologia da conversão.....	58
2.4 Metodologia	66
2.4.1 Ser Afetado.....	66
2.4.2 Narrativas de vida.....	71
3. Capítulo 3 – Dados etnográficos	74
3.1 Bairro da Penha e a criminalidade.....	74
Cultura da violência no Complexo da Penha.....	77
3.2 A Igreja Operando Deus.....	80
4. Capítulo 4 – De traficante a pastor	92
4.1 A carreira do traficante no Bairro da Penha.....	92
4.2 <i>Conceito</i> , dons e “contradons” entre traficantes.....	96
4.3 Fim da carreira no tráfico: morto ou convertido.....	99
4.4 A nova identidade de crente.....	104

4.5 A “dáviva horizontal” entre os crentes.....	110
4.6 A “dáviva vertical” que transforma o caráter.....	113
4.7 Dáviva da prosperidade.....	118
4.8 A <i>salvação</i> dos traficantes.....	121
4.9 Ex-bandido <i>salvando</i> bandido.....	125
Considerações finais	130
Referências bibliográficas	134

INTRODUÇÃO

Não é simples acreditar na mudança de comportamento de um criminoso com numerosos delitos entre homicídios, tráfico de armas e entorpecentes, roubos e outros, nas costas. Até hoje, as ciências relacionadas ao comportamento humano buscam métodos para tratar transgressores sociais, de forma que estes possam adquirir novas perspectivas e novos hábitos de vida que sejam benéficos ao cotidiano do próprio paciente e, conseqüentemente, da própria sociedade, já que um bom convívio social demonstra a eficácia da empreitada.

Mesmo que este “tratamento” existisse, ainda esbarraríamos em um outro empecilho: levando em conta as informações relacionadas ao sistema carcerário brasileiro, de que a maioria dos presidiários são pobres² e o fato de que vivemos em uma sociedade capitalista e cada vez mais individualista, quem seriam as pessoas dispostas a investir na transformação deste criminoso, sacrificando seu tempo, seu dinheiro e até colocando em risco sua própria vida para a realização desta empreitada? Será que o Estado estaria disposto a bancar este profissional de forma digna para que este esforço “valesse à pena” e para que esse transgressor fosse de fato reinserido socialmente, trazendo benefícios para a comunidade?

No entanto, criminosos são o público alvo do trabalho de algumas pessoas que se sentem divinamente convocadas para este tipo de missão. Na teoria, não se trata de uma escolha profissional para trabalhar com este público e a remuneração financeira não é condição para a realização do ofício. Trata-se de uma missão atribuída através da relação humana com o sagrado e que, na maioria das vezes, é exercida por pessoas que passaram pelo mesmo tipo de problema, experimentaram essa transformação e passam essa experiência adiante.

O presente trabalho tem o objetivo de analisar essa transformação pessoal e social de pessoas residentes no Bairro da Penha, em Vitória-ES, considerado um dos mais violentos da Capital capixaba, que viveram uma carreira no tráfico de drogas. O intuito é analisar essa transformação a partir conversão religiosa dessas pessoas à religião evangélica pentecostal, mais especificamente à Igreja Operando Deus, uma referência dentro do bairro na transformação de vida de traficantes e outros tipos de criminosos.

² <https://www.politize.com.br/populacao-carceraria-brasileira-perfil/>

A partir de observação participante, entrevistas semi-estruturadas, narrativas de vida³ (BERTAUX, 2010) e etnografia do “ser afetado” (FAVRET-SAADA, 2005) objetivamos entender a trajetória dos sujeitos na carreira criminal, no Bairro da Penha; seu processo de conversão religiosa e como, a partir deste, o sujeito que viveu a realidade do crime tem sua vida, sua conduta e seus princípios transformados e consolidados em sua nova carreira na vida religiosa.

Para explicar o efeito da religião evangélica pentecostal na transformação de vida dos ex-criminosos, optamos por utilizar a Teoria da Dádiva, de Marcel Mauss, que nos leva a entender que as dádivas do *perdão dos pecados*, da *salvação* e do *novo nascimento*, dentre outras ofertadas pela religião cristã e recebidas entre os convertidos são centrais nessa mudança e que, ao mesmo tempo, geram uma obrigação de praticá-las em sua nova carreira de crente e passá-las adiante. O interacionismo, tendo como principal referência Anselm Strauss e seus estudos sobre a socialização na vida adulta e construção de identidades, é usado para explicar experiências e adaptações à nova vida religiosa do ex-criminoso convertido a partir das interações no novo grupo social. A partir da noção de carreira de Muriel Darmon é possível enxergar melhor o desenvolvimento dos indivíduos em suas duas trajetórias – a de bandido e a de crente – e entender como suas funções nas estruturas sustentam, consolidam e desenvolvem as identidades, possibilitando progressões hierárquicas em ambas.

Desenvolvendo

No primeiro capítulo do trabalho, a intenção é esclarecer de onde falo para que seja possível entender as motivações que me levaram à escolha do tema, bem como visão e referências teóricas. Apresento parte de trabalhos realizados no decorrer do Mestrado que tratam da associação entre pentecostalismo e criminalidade e um tropismo do tema a partir de pesquisas semelhantes a nível nacional.

Posteriormente, visamos tratar das teorias elencadas para explicar a adesão dos sujeitos ao tráfico, sua posterior conversão, suas interações a partir da vivência eclesial e a

³ Em Ciências Sociais, a narrativa de vida resulta de uma forma particular de entrevista, a “entrevista narrativa”, durante a qual um pesquisador pede ao sujeito que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida (2010, p. 15)

nova carreira e hábitos religiosos. Ainda no segundo capítulo, justificamos as metodologias que permitem o desenvolvimento do presente trabalho.

No terceiro capítulo, objetivamos realizar uma exposição de dados sociodemográficos do Bairro da Penha, visando entender o contexto social e iluminar o entendimento acerca dos motivos que fazem moradores, sobretudo jovens, ingressarem no mundo da criminalidade. Logo depois, fazemos um levantamento descritivo da Igreja Operando Deus, buscando destrinchar sua doutrina, elementos e simbologia que ajudem a compreender o processo de conversão de ex-criminosos.

No capítulo quatro, aplicamos as entrevistas e dados colhidos em campo às teorias da dádiva, ao interacionismo e às noções de carreira, analisando-os de forma a entender os estilos de vida da carreira de traficante e de crente, os processos de transformação e toda a estrutura que é formada em torno da dádiva na Igreja Operando Deus.

1. CAPÍTULO 1: DA UNIS À UFES

1.1 De onde eu falo

As motivações que deram origem a este trabalho tomaram minha mente no final do ano de 2014, enquanto exercia meu trabalho como repórter do Jornal Espírito Santo Hoje⁴ e ainda nem pensava em postular uma vaga para o curso de Mestrado em Ciências Sociais. A partir da apuração e redação da matéria “Espírito Santo tem a maior taxa de menores infratores do País”⁵, publicada na edição nº 527, do dia 27 de novembro daquele ano, comecei a me contestar diariamente sobre os motivos daquela situação em nosso Estado, o que poder público e sociedade tinham a ver com aquela situação e quais providências deveriam ter sido tomadas e não foram. Desde então, a prisão e morte de adolescentes e jovens infratores passou a ser uma temática que de forma recorrente tomava meus pensamentos e passava a ser fonte de muitos questionamentos.

Conversei com muitos colegas, ativistas sociais e outras pessoas sobre o assunto e a resposta era quase sempre a mesma: falta de condições sociais (educação, lazer, saúde, saneamento, cultura...) para o pleno desenvolvimento dos adolescentes nos bairros, pobreza e oportunidades rápidas de ganhar dinheiro no mundo do crime. Somente mais tarde comecei a ouvir: “estrutura familiar e boas referências”. Fato é que, de lá pra cá, a quantidade de adolescentes e jovens cumprindo medida socioeducativa no Espírito Santo cresceu até o ano de 2017⁶, chamando minha atenção para um dado: nessa última pesquisa, o ES possuía a maior proporção brasileira de jovens e adolescentes presos por homicídio⁷. Em pesquisa com números mais recentes, com dados do ano de 2016, feita pela Abrinq (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos), o número absoluto de menores presos por homicídio aumentou no Estado (maior inclusive do que São Paulo), e continuamos tendo a maior proporção brasileira.

⁴ Local em que continuo trabalhando.

⁵ <http://eshoje.com.br/espírito-santo-tem-a-maior-taxa-de-menores-infratores-do-pais/>

⁶ O Anuário Nacional de Segurança Pública 2017 mostra que, em 2014, último ano com dados consolidados, eram 940 adolescentes e jovens entre 12 e 19 anos incompletos cumprindo medida socioeducativa no Espírito Santo. Isso significava uma taxa de 246,2 jovens e adolescentes cumprindo medida socioeducativa para cada grupo de 100 mil indivíduos nesta faixa etária, colocando o Estado como o terceiro lugar nacional na taxa de menores infratores, e primeiro lugar nacional na taxa de menores cumprindo medida de internação. Dado da Abrinq referente ao ano de 2016 dá conta de que o número absoluto de menores cumprindo medida de privação e restrição de liberdade no ES já era de 1.123.

⁷ Dados do ano de 2014, do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017, os últimos desta pesquisa, mostravam 210 menores presos por homicídio, 21% do total.

Os dados referentes a adolescentes e jovens assassinados no Brasil também continuam assustadores: dos 59.080 homicídios registrados no Brasil em 2015, 31.264 são de jovens entre 15 e 29 anos, o que corresponde a 52,9% do total. Chama a atenção que de 2005 a 2015 houve um aumento de 17,2% na taxa de homicídio de indivíduos entre 15 e 29 anos.

Esse emaranhado de números estarecedores relacionado à juventude brasileira e capixaba me atordoava e me fazia pensar: “e se eu tivesse nascido no corpo de algum desses adolescentes e jovens, no mesmo local, condição familiar e social... será que eu teria o mesmo destino?”. Meu palpite era que, dado ao comportamento transgressor e vícios adquiridos na juventude, talvez poderia ter o mesmo destino da maioria dos menores sobre o qual pensava: socioeducação, ou até mesmo morte antes da maioridade.

Essa constatação me incomodava a buscar alguma forma de contribuir, dentro das minhas limitações, para ajudar a transformar essa realidade positivamente.

Nesta época eu estava recém-convertido ao Evangelho de Jesus Cristo, o que aconteceu no dia 1 de setembro de 2013, na Primeira Igreja Batista de Vitória. Havia conhecido o trabalho de um rapper cristão paulista que realizava trabalho de arte educação nas unidades da Fundação Casa, em São Paulo, e ouvia os testemunhos da contribuição que dera para a transformação da conduta, caráter e vida de muitos jovens. Comecei a me comunicar com ele via e-mail para saber com maiores detalhes sobre seu projeto e, no ano de 2015 dei início ao projeto Rei das Ruas⁸, com o intuito de levar elementos da cultura Hip-hop⁹ para dentro das unidades do Instituto Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), como instrumento de conscientização, evangelização e como proposta arte-educativa para os internos. Foi a partir de contato mais próximo com os jovens e adolescentes presos que pude conhecer algumas histórias e trajetórias de vida. E constatei que a maioria dos que estavam ali haviam saído da mesma situação social

⁸ O início oficial do Projeto Rei das Ruas se deu com um festival de Hip hop realizado no Centro de Referência da Juventude (CRJ) em Vitória e uma palestra sobre “O papel da Igreja na reinserção do menor infrator à sociedade”, nos dias 14 e 15 de agosto de 2015. Entretanto, as ações dentro das unidades do Iases já haviam começado.

⁹ Hip-Hop é uma cultura urbana que consiste em quatro subculturas/subgrupos/elementos, baseados na criatividade: DJ (que opera os toca-discos e cria os sons para a música RAP), o Break (dança, representada pelos B.Boys), o MC (que representa o canto, responsável pela composição da poesia ritmada – RAP – e pelos improvisos) e o graffiti (que representa a arte plástica).

(pobres, pretos ou pardos, moradores de periferia, ligação com facções criminosas), esboçavam esperança de mudança de vida e alguns, inclusive, já tinham passagem anterior por igrejas, evangélicas ou católicas, sendo suas famílias convertidas a alguma religião.

Posteriormente, conversando com pesquisadores do próprio Iases, tive a informação de que o índice de reincidência ou morte dos egressos do sistema era muito alto. Em 2017, inclusive, realizei uma matéria com base na pesquisa de Iack¹⁰, que demonstrou que 63% dos egressos do Iases reincidiam no crime, voltando para o socioeducativo, ou progredindo para o sistema penitenciário adulto (dependendo da idade da reincidência). Tudo isso, devido ao retorno para o mesmo local de moradia e mesma situação à qual havia sido apreendido, aliado à situação familiar, segundo conclui a própria Iack. Outros 11% dos egressos foram assassinados.

Dado ao baixo interesse dos membros da minha igreja, denominação evangélica tradicional, situada em bairro de classe média (Centro de Vitória) em realizar esse tipo de missão dentro de presídios e também em bairros de periferias, me interessei em saber de que forma as igrejas têm trabalhado dentro dos bairros de onde vêm esses menores infratores para conter essa violência juvenil, se a atuação delas está sendo relevante dentro dos bairros onde estão inseridas. Como evangélico praticante, queria saber se a Igreja estava agindo de acordo com as Escrituras Sagradas, se a prática estava sendo de acordo com a teoria. Teoricamente, no local onde a Igreja está inserida ela deveria ser agente de transformação social e cultural por meio do serviço à comunidade, da prática do amor, da luta contra injustiças, do acolhimento aos necessitados, do cuidado com o próximo, da disseminação de boas ideias. Por consequência, indicadores de violência deveriam ser menores nestes locais, devido, inclusive, à quantidade de comunidades evangélicas espalhadas pela maioria dos bairros de periferia.

Meu palpite inicial era pesquisar sobre a atuação social das igrejas evangélicas frente à violência juvenil no bairro Feu Rosa, no município de Serra, no Espírito Santo, por alguns motivos: Feu Rosa é um bairro emblemático quando se fala em violência no

¹⁰ IACK, Pollyanna L. **A produção da trajetória institucional dos adolescentes e jovens egressos da medida socioeducativa de internação: da segregação ao extermínio sob o viés da biopolítica.** UFES, 2017.

Espírito Santo¹¹; alguns dos adolescentes do Iases, com quem tinha contato do projeto Rei das Ruas eram de lá; alguns dos integrantes do projeto Rei das Ruas são de igrejas de lá e a professora Márcia Rodrigues¹² possui um trabalho de estudo de caso sobre o diagnóstico sociocriminal no município da Serra, o que daria grande base ao trabalho. Entretanto, a não contemplação da bolsa – que seria essencial para a realização do trabalho¹³ – impossibilitou a realização da pesquisa desta forma.

Optei então para que este trabalho fosse realizado no Bairro da Penha, em Vitória, bairro também emblemático quando se falando em criminalidade e tráfico de drogas na Grande Vitória. Este bairro é acessível para mim, pois é mais próximo de onde residia – Fradinhos, Vitória – e tenho uma história com a localidade. Por alguns anos, comprei drogas em algumas bocas de fumo do Complexo da Penha, do qual o Bairro da Penha é o principal bairro (ainda fazem parte do complexo os bairros São Benedito, Estrela, Bonfim e Alto Itararé). Então já conhecia parte do comércio de drogas da região. Agora, com um novo estilo de vida, teria a oportunidade de contribuir de uma forma benéfica para o bairro, estudando a criminalidade no mesmo, sabendo como a Igreja está atuando para contê-la e propor novas formas de atuação a partir de uma parceria cognitiva entre Igreja e academia. Pelo menos era isso o que eu idealizava.

1.2 Lapidando o tema

Com as lapidações sofridas no decorrer do curso de Mestrado e as novas influências acadêmicas adquiridas, somadas às minhas limitações relacionadas a tempo, trabalhos, família e outras atividades, chegamos à conclusão de que falaríamos sobre o processo de saída da criminalidade pela via religiosa evangélica no Bairro da Penha. Sem querer, em uma reunião religiosa – que não tinha relação com o presente trabalho – de que participei na Casa de Oração Avivamento, uma congregação localizada no bairro de Itararé, vizinho do Bairro da Penha, conheci o “Ezequiel”, vulgo “Quiel”, representante da Associação Comunitária do Bairro Bonfim. Em uma conversa informal perguntei para ele se existia uma igreja local que fosse referência na conversão de criminosos da

¹¹ RODRIGUES, M. B. F.; COELHO, C. M. Plano de Segurança Local “Serra Cidade da Paz” – 2006/2007. Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Ciências Sociais - DCSO, Núcleo de Estudos Indiciários - NEI, 2007.

¹² Professora titular do Departamento de Ciências Sociais da Ufes.

¹³ Minha residência fica a cerca de 30 km de distância do bairro Feu Rosa; além da necessidade de tempo para deslocamento para realização da pesquisa de campo, também pesa a situação financeira de minha família, que depende da renda de meu trabalho.

região. Ele logo me passou o contato do pastor Daniel Rocha, líder da Igreja Operando Deus¹⁴, localizada na parte baixa do Bairro da Penha. Lembrei que, tempos antes desse episódio, havia perguntado a um colega de trabalho, também morador de Itararé, sobre uma igreja que fosse referência na conversão de criminosos do bairro. Ele havia citado o próprio pastor Daniel e sua igreja.

Até então, a intenção era pesquisar como a religião evangélica se tornava uma via de saída do mundo das drogas no Bairro da Penha. Ou seja, a intenção era buscar casos em mais de uma congregação. Mas após a minha segunda inserção no campo, caracterizada pela entrevista com o próprio pastor Daniel, na sede da Igreja Operando Deus¹⁵, vislumbrei que a atuação da própria congregação no “combate” à criminalidade no Bairro e a trajetória dos atores da própria igreja – ex-criminosos – que foram transformados a partir do ministério do pastor, já somariam material suficiente para uma dissertação. Este fato, aliado à limitação de tempo, nos levou a delimitar nosso tema à atuação da Igreja Operando Deus no Bairro da Penha e ao estudo de casos de conversão de ex-criminosos na igreja.

1.3 Pentecostalismo e pobreza: problemas são oportunidades

1.3.1 Crescimento dos evangélicos e das pesquisas acadêmicas

Os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relacionados à religião no Brasil mostraram que a religião cristã evangélica é a que mais cresce em todo o País. Em 2010, os evangélicos brasileiros atingiram a marca de 42,3 milhões de fiéis, representando 22,2% da população nacional e um crescimento de 61,75% desde o ano 2000. Estima-se que a cada ano são abertos no Brasil 14 mil novos templos evangélicos¹⁶ e que a maioria dos novos convertidos são predominantemente de classe baixa, devido à expansão evangélica massiva nas periferias brasileiras¹⁷.

Não é de se surpreender que, em razão deste fato, nos últimos anos, as pesquisas nas áreas das ciências sociais envolvendo a relação existente entre as denominações da

¹⁴ Localizada no início da Avenida Robert Kennedy, que segue da parte baixa do Bairro da Penha e passa por Itararé.

¹⁵ No feriado do dia 1º de maio de 2018. Foram quase duas horas de conversa.

¹⁶ BETO apud GARCIA, 2017, p.17.

¹⁷ ABI-EÇAB, 2011, p.4.

religião cristã evangélica, sobretudo as pentecostais e neopentecostais, com a pobreza e a criminalidade têm sido cada vez mais constantes.

1.3.2 Pentecostais x neopentecostais: teologias que diferem

A Igreja Operando Deus, analisada no presente trabalho, é oriunda da Assembleia de Deus, congregação da primeira onda pentecostal brasileira. Muita confusão se faz em relação à questão doutrinária dessas igrejas e costuma-se colocar pentecostalismo e neopentecostalismo em um mesmo bolo. Entretanto, ambas teologias diferem e cabe aqui compará-las.

Paul Freston (1994) fala de “três ondas” do pentecostalismo no Brasil. As Assembleias de Deus, que chegaram no Brasil a partir do movimento pentecostal norte-americano em 1911, fazem parte da primeira onda, junto com a Congregação Cristã do Brasil (1910). Desde o início, a Assembleia de Deus foi a denominação evangélica pentecostal que mais se expandiu no Brasil, tanto geográfica quanto numericamente: o Censo 2000 do IBGE calculou 8,5 milhões de fiéis à época e 10 anos depois já somava 12,3 milhões de adeptos¹⁸. Nas duas denominações da primeira onda pentecostal a característica teológica comum é o batismo no Espírito Santo, com a evidenciação do dom espiritual do falar novas línguas¹⁹.

A segunda onda pentecostal, que ocorreu no início da década de 1950 e início de 1960 trouxe outros três grandes grupos ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), de matriz norte-americana; a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), estas duas de raízes brasileiras. Além do batismo no Espírito Santo, o dom evidenciado nas denominações da segunda onda pentecostal é a cura²⁰.

Já a terceira onda pentecostal, que invadiu o Brasil no final dos anos 1970 e ganhou força na década de 1980 abrange as igrejas denominadas neopentecostais, e possuem uma ênfase baseada, sobretudo, na “Teologia da Prosperidade” e no exorcismo²¹. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), chefiada pelo bispo Edir Macedo.

¹⁸ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

¹⁹ MARIANO apud GARCIA, 2017, p.115.

²⁰ Idem.

²¹ FRESTON apud GARCIA, 2007, p. 116.

As igrejas neopentecostais imprimiram um novo paradigma de relacionamento com a sociedade. Promoveram uma valorização da autoestima de seus fiéis, de forma que abandonaram a clássica concepção pedagógica do sofrimento e da dor e concentraram suas forças nas “lutas” contra satanás e seus demônios, a fim de alcançarem, além da salvação da alma, libertação da opressão demoníaca, saúde para o corpo e, acima de tudo, prosperidade financeira. Essa nova concepção de relação com a sociedade é conhecida como ethos de afirmação de mundo, se contrapondo diametralmente ao ethos ascético e sectário que caracterizava as igrejas pentecostais clássicas, representadas pela Congregação Cristã do Brasil e Igreja Evangélica Assembleia de Deus (GARCIA, 2017, p.117).

Garcia afirma que os traços distintivos do neopentecostalismo em relação ao pentecostalismo clássico englobam (1) a presença da lógica da moderna administração capitalista no empreendimento religioso, sobretudo o marketing, cujo fato mais notável no Brasil é o domínio da Rede Record de TV, a segunda maior do País, pela Igreja Universal do Reino de Deus; (2) a “guerra santa”, com o combate sistemático às “forças do mal”, demônios, entidades das religiões de matriz africana, maldições hereditárias, etc. e (3) Teologia da Prosperidade, pressupondo que a prosperidade financeira deve ser alcançada com a fé em Deus, sendo evidente, nesta lógica, a realização de consideráveis doações financeiras à igreja.

...um movimento muito diferente do que conhecemos do pentecostalismo moderno. Essas diferenças são latentes em sua teologia, liturgia, administração eclesial, hierarquia na liderança, grandes templos sedes, entre outros apontamentos que podem ser feitos. O que hoje chamamos de neopentecostalismo poderia ser chamado de pós-pentecostalismo, pois não há similaridades do que chamamos de pentecostalismo moderno (...) Oferece-se o evangelho fast food, onde o cliente entra, consome, paga e vai embora, não havendo vínculo institucional. Ao contrário das igrejas do pentecostalismo clássico, onde o fiel tem envolvimento, doando boa parte do seu tempo livre para dedicar-se à “obra de Deus”. Servir representa uma das maiores virtudes dentro de uma igreja pentecostal clássica (2017, p.134-135).

1.3.3 O boom (neo) pentecostal na periferia

Fazendo relação com a Teologia da Prosperidade, principal “arma” neopentecostal para atrair novos fiéis, a oferta de ascensão financeira poderia ser uma explicação lógica para o boom evangélico nas periferias. Mas, a partir de uma comparação entre trabalhos de pesquisadores do tema²² e um fato evidenciado pelo Censo 2010 do IBGE²³ – que

²² Carly Machado, Lucas Medrado, Wania Mesquita, Natalia Silveira e Naiana Bertoli, pesquisadores cujos resultados dos trabalhos serão comparados com esta tese, em capítulo posterior.

²³ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

mostrou a perda de fieis de denominações neopentecostais, sobretudo da Universal, com uma baixa de 315 mil adeptos em uma década, e uma ascensão ainda maior da Assembleia de Deus como a maior pentecostal do Brasil, angariando quase quatro milhões de fieis a mais em 10 anos – constata-se que os motivos dessa expansão vão além.

Primeiro, insta formatar o cenário encontrado nos campos estudados pelos pesquisadores – regiões de periferias de cidades brasileiras – e entender os maiores problemas e necessidades das populações residentes nesses locais. A precariedade estrutural é tida como a maior causadora da vulnerabilidade social desses territórios, onde são evidenciados pobreza, desigualdade social, desemprego, dificuldades de acesso a serviços e bens públicos e privados de qualidade e insegurança. Em seus trabalhos sobre “territórios da pobreza”, Wacquant (2005) conclui que a má vontade das elites econômicas e políticas influencia na privação de “bons, padronizados e contínuos” serviços do Estado em relação às classes subalternas, que experimentam cada vez mais a precariedade e a ação violenta das polícias. O sociólogo francês frisa que a relação dos habitantes desses territórios como o Estado, seus agentes e a lei é vacilante, sobretudo com a polícia que, encarregada da manutenção da ordem pública, acaba sendo vista como um órgão opressor, “num sentido muito mais concreto que o leva de volta à sua missão histórica original” (p. 12).

Neste contexto, o comércio ilícito das drogas se estabelece nas periferias, aliciando moradores, sobretudo os mais jovens – atraídos pela possibilidade financeira proporcionada pelo tráfico – que se tornam automaticamente sujeitos “matáveis” (Agamben, 2002), cuja ação passa a ser repulsiva aos olhos do Estado e a eliminação passa a ser desejada pela sociedade, considerada, inclusive, um ato de justiça. As favelas passam, conseqüentemente, a serem alvos da ação policial repressiva, ficando estigmatizadas pela mídia e pela população como “problema social”, locais de criminalidade e ameaça à paz urbana.

Em virtude da histórica segregação social das favelas, a ponta do circuito do tráfico relacionada ao comércio a varejo para o consumo final tem se concentrado nelas. Isso afeta profundamente o lugar das favelas e das pessoas que nelas moram, tanto em sua objetividade material como no plano imaginário social. (...) A própria intensidade da violência do tráfico nessas áreas responde em parte por sua visibilidade. Mais importante, porém, é o fato de que nas favelas o tráfico pode sair da clandestinidade que precisa conservar nas outras áreas da cidade, pois os sistemas político-institucionais de proteção desses locais são muito mais frágeis (serviços públicos deficientes, subalternidade política relacionada a uma incorporação social

que ocorreu pela via do clientelismo, longa tradição de informalidade do trabalho dos moradores e das moradoras, etc.). Assim, puxadas pela visibilidade do tráfico de drogas, as favelas retornam à cena pública como problema social (...) Essa solicitação monocórdia de grande parte da população pela recomposição da ordem decorre de uma tentativa de preservação das rotinas que garantem a previsibilidade da vida cotidiana. É a contraface do medo e da insegurança provocados pela expansão dos episódios de violência (MACHADO DA SILVA, 2008, 76 e 77).

Para Mariano (2008) esse contexto socioeconômico precário é terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal, apesar de o pentecostalismo se fazer presente nos mais diversificados estratos sociais (alcançando empresários, artistas, atletas...). De acordo com o autor, o sucesso proselitista pentecostal nas periferias não depende da existência desses problemas em si, mas da elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para que os fiéis e potenciais adeptos lidem com estes problemas.

Dentre os recursos simbólicos, destaca-se a valorização da doutrina da proteção e unção divina, singularizando os fiéis dos demais moradores da comunidade a partir da produção de uma autoimagem particular que o mune de poder e coragem para enfrentar as situações adversas, sobretudo aquelas associadas à influência maligna, reafirmando suas crenças e valores. Além disso a “ação do Espírito Santo” traz a certeza da direção divina nas escolhas pessoais e profissionais, além das experiências transcendentais através dos dons de cura e de milagres, que confirmam o cuidado e a predestinação “do alto”, favorecendo a autoestima dos fiéis, que se sentem revestidos de um poder sobrenatural. Abumanssur (2005) descreve a ênfase da espiritualidade pentecostal nos sentimentos e emoções e numa fé racional que dá ao crente instrumentos operativos para ordenar e controlar a relação cotidiana com o sagrado. As experiências místicas são vistas como um atestado de idoneidade religiosa que garante ao fiel o direito do esperar e receber na vida diária as bênçãos de Deus (p. 123).

O que fascina é o Deus da misericórdia que cura, conforta, perdoa, ajuda a obter emprego, traz prosperidade e une a família. Deus que liberta o fiel dos vícios, do adultério, do pecado, enfim, das garras do diabo (...) Nesse mundo de perdição, a Igreja desponta como uma ilha de salvação individual, na qual cada fiel se sente um eleito no Senhor (BETTO *apud* GARCIA, p. 19)

Com relação aos recursos comunitários, Almeida (2006) afirma que as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações interpessoais gerando ajuda mútua, estabelecendo laços de confiança, buscando o aumento da

autoestima e estimulando o impulso empreendedor. Os laços religiosos estabelecidos entre os fiéis favorecem a circulação de “benefícios materiais, afetivos e cívicos, como (...) empréstimos de dinheiro, cuidado dos filhos de mães que trabalham fora de casa, informações sobre emprego, solidariedade em situações de doença, etc”²⁴.

Um outro aspecto que explica, inclusive, a maior adesão feminina às igrejas pentecostais é o rompimento da lógica patriarcal religiosa tradicional. No ambiente das periferias brasileiras, onde há presença massiva de mães solteiras com número de filhos, o empoderamento dessas chefes do lar – e mesmo das mulheres que ainda não o são – pode passar pela filiação às denominações pentecostais, onde há abertura para que elas ocupem lugares de liderança como profetizas; ministras de cura, de música e da Palavra; fundadoras de igrejas, evangelistas, pastoras e bispas, apesar da resignação ainda existente à estrutura patriarcal evangélica²⁵.

A luta dessas mães e pais pela vida e pela limpeza moral de seus filhos aliciados pelo tráfico de drogas, e inseridos na lógica dos “matáveis”, é outro fator que determina o sucesso pentecostal nas periferias. A conversão religiosa é vista como a principal – quando não a única – via de fuga do mundo da criminalidade e da morte de seus filhos. Os pais se apegam aos símbolos sagrados e aos recursos comunitários oriundos da fé evangélica pentecostal, dispositivos para lidar com os sofrimentos aos quais são submetidos, e forças para manter a esperança na *salvação* de seus filhos.

1.4 Tropismo: pentecostais e criminosos pelo Brasil

Nas minhas pesquisas, elenquei quatro trabalhos que tratam da relação entre pentecostais e criminosos no Brasil. Esses trabalhos me auxiliaram nas observações em campo e na confecção dessa dissertação, e achei importante realizar um tropismo²⁶ sobre esse fenômeno que vem sendo cada vez mais trabalhado pelos pesquisadores das ciências sociais no Brasil e tecer algumas considerações.

²⁴ MESQUITA, 2009, p.97

²⁵ CUNHA, M. N.. Mídia, Gênero, Pentecostalismo e o "Ecumenismo de Conveniência". In: Célio de Pádua Garcia. (Org.). Pentecostalismo e Sociedade: impactos e/ou cumplicidade. 1ed.São Paulo: Terceira Via; Fonte Editorial, 2017, v. 1, p. 75-98.

²⁶ Segundo Bertaux (2010) o tropismo é a reflexão de um fenômeno social que se estende a toda a sociedade estudada; trate-se de um nível de teorização que ultrapassa o quadro local das observações, direcionada a conclusões de alcance geral.

Em seu trabalho, Carly Machado (2014) trouxe uma análise da atuação da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (Adud), com sede em São João de Meriti, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A igreja é liderada pelo polêmico pastor Marcos Pereira e o foco de atuação da denominação é o “resgate” de criminosos da vida do pecado, do crime e da morte. A proposta é a libertação dos sofrimentos vividos pelos ex-criminosos, mas também dos sofrimentos causados pelos mesmos, não com a intenção de apagá-los de suas histórias de vida, mas de mantê-los vivos em seus testemunhos, pois é a memória desses sofrimentos e a vitória sobre eles que confirma a ação do poder espiritual em suas trajetórias. “Onde abundou o pecado, superabundou a graça”, é lema repetido pelos pastores da denominação.

De acordo com Machado, é a própria “valorização do sofrimento” o elemento que liga os criminosos aos pentecostais. Ao lado de outras igrejas pentecostais, a Adud tem a missão de cuidar “daqueles com os quais ninguém se importa: bandidos, drogados e detentos” (p. 162). A origem da congregação se deu na “obra” dentro das cadeias e na frente institucional voltada para dependentes químicos.

O discurso e as práticas pentecostais posicionam-se hoje nas periferias brasileiras como um espaço social privilegiado de acolhimento daqueles sujeitos mais fortemente marginalizados na sociedade: os algozes da violência. E a principal modalidade de relação do pentecostalismo com esses sujeitos é a valorização de seu sofrimento. Seus atos criminosos são interpretados não apenas como atos que causam a dor do outro, mas ações que geram sofrimento também em seu autor que, na leitura da batalha espiritual pentecostal (discutida por Mariz, 1999), está nessa luta não como sujeito de suas ações, mas como objeto nas mãos do diabo. (...) Os corpos marcados desses ex-bandidos são por si só testemunhos orgânicos de sua quase morte, e de seu resgate “por Cristo, pelo pastor e pela igreja”: todos estes mediadores indispensáveis da relação desses algozes com a cidadania e a sociedade “de bem”. (MACHADO, 2014, p.164)

Redimidos, os ex-criminosos convertidos na Adud têm a oportunidade de testemunhar sua *salvação* nos púlpitos, nas cadeias e clínicas de reabilitação, tendo sua história singular representando a história coletiva de um grupo de homens que se liberta do crime através da Igreja. Agora os *resgatados* passam de vítimas do sofrimento para protagonistas de suas vidas, tendo suas subjetividades reconfiguradas através do poder do Evangelho. Eles passam à posição de evangelistas, que têm seus testemunhos divulgados por meio das diferentes mídias, inclusive como artistas, autores e compositores, conferindo o destaque social que anteriormente era oriundo da criminalidade, agora por meio da igreja. A fama do ex-bandido agora o coloca numa

posição privilegiada de mediador entre o crime e a igreja; entre o bandido e a polícia; entre o crime e o Estado; entre a igreja e o Estado.

A relação da Adud com o crime se realiza, assim, em um complicado espectro que vai do combate à proximidade. A seu favor, a ideia de que a proximidade é indispensável ao seu projeto de combate ao crime, entendido não como responsabilidade do criminoso, mas como ação diabólica que se dá através dele. A proximidade do crime é assim fundamental para a escuta acolhedora do sofrimento do bandido e sua possível salvação (*Ibidem*, p. 173)

Por algum tempo, entretanto, pesou contra a prática da Adud sua proximidade com facções fluminenses criminosas, como o Comando Vermelho. A circulação dos traficantes pelos espaços da congregação chegava a ser denúncia frequente, sendo a Adud acusada, inclusive, de acolhê-los para escondê-los e mediar conflitos entre os traficantes e até rebeliões em presídios. A compreensão das práticas da igreja é interpretada por alguns como um álibi de ilegalismos, configurando uma forma perigosa de poder, forjada lado a lado com o crime, sua proteção e seus métodos.

Lucas Medrado (2016) pesquisou a adesão de bandidos e ex-bandidos ao universo pentecostal na favela do Jardim São Jorge, em Cidade Ademar-SP. Seu trabalho foi fundamentado na atuação da Assembleia de Deus Fortificada em Cristo (Adfec), considerada a primeira da comunidade a estabelecer um conjunto de trocas simbólicas entre pentecostais e criminosos e um fluxo de indivíduos de um lado para outro. Um dos pontos que o autor relata que aproximava o trabalho da igreja dos traficantes era a sua localização, no centro da favela, um local de grande fluxo. Um dos principais atores entrevistados pelo pesquisador era um ex-trafficante, que, mesmo antes de sua conversão, frequentava os cultos da igreja – alguns criminosos da favela têm essa prática de visitar os cultos pentecostais, apesar de não manterem vínculo institucional. O relato do ex-trafficante dá conta de que a prática dos fiéis da ADFEC é a de visitar as casas, orar, “levar a Palavra”, “tentar ajudar” e “tentar mudar” as “pessoas do crime” na favela. Os criminosos aceitam as práticas e, no geral, querem “receber orações e livramento”. Entretanto, alguns moradores resistem de modo implícito às ações dos envolvidos com a criminalidade.

As relações de poder, interatividade e convivência entre bandidos, ex-bandidos e a ADFEC são comuns no dia-a-dia do Jardim São Jorge e Medrado (2016, p. 13) afirma que, mesmo com as pregações enfatizadas na mudança de vida, “criminosos, moradores e ADFEC são parceiros coadunados em prol do povo da favela”. Fábio, ex-bandido

entrevistado pelo autor afirma que “se não fosse a ADFEC não teria condições de ser quem é”, que a igreja lhe ofereceu um recomeço e uma nova perspectiva. Foi através do pentecostalismo que ele foi *resgatado* e construiu uma nova imagem para si. “Hoje não sou mais quem eu era, tudo se fez novo”, afirma ele, parafraseando uma passagem bíblica.

O objetivo deste capítulo em analisar as relações vivenciadas pelos indivíduos, descreve o quanto são contraditórias, porém, marcadas de sentidos e ressignificações que levam à reflexão sobre como o pentecostalismo pode acessar espaços considerados profanos e profanadores na periferia, e expor sua crença de forma eficaz. Podemos compreender que os significados das estratégias do pentecostalismo em consonância com a criminalidade, estão repletos de inconsistências e incoerências, mas plenos de sentidos e aproximações (...) A Assembleia de Deus Fortificada em Cristo de algum modo contribuiu para compreendermos o quanto o pentecostalismo pode ser plural nas suas construções e complexidades que “nascem” nessas últimas décadas. Assim, as múltiplas possibilidades que a pós-modernidade oferece influenciam nas transformações dos sujeitos que optam pelas práticas de algumas igrejas.(...) A religiosidade exercida da ADFEC mostra que o pentecostalismo tem a capacidade de se adequar e de se refazer em pleno contexto de uma periferia, da insegurança e da instabilidade cotidiana, frutos, entre outras causas, da ausência do poder público. (MEDRADO, 2016, p.14)

Wania Mesquita (2009) pesquisou sobre os meios a partir dos quais o pentecostalismo altera as formas de sociabilidade dos moradores de favelas na cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, analisando como a atuação dos líderes religiosos intervém no tráfico de drogas local, atenuando a violência praticada pelos traficantes. Ela observa o fato das Assembleias de Deus terem entre os seus dirigentes moradores das próprias favelas, fator que possibilita uma maior amplitude das atividades da denominação dentro do território no que diz respeito à relação entre os membros e a comunidade, a partir do princípio de conhecimento local.

A autora menciona que a valorização de fatores simbólicos como proteção e unção divinos, fortalecendo a crença pentecostal, e os benefícios trazidos a partir do “relacionamento com o Espírito Santo”, como curas, milagres, e certeza nas escolhas pessoais e profissionais contribuem para a inserção social dos fieis gerando expectativas de melhorias e superação das condições de vida. Isso interfere, inclusive, na resolução dos conflitos, atuando como “recurso de contrapoder”, possibilitando bloquear explosões de violência, características da conduta dos traficantes. Mesquita identificou que pastores e membros pentecostais se colocam em oposição ao narcotráfico e, embora demonizem a atividade, gozam de prestígio em relação aos traficantes, atuando como

mediadores importantes na relação violenta que o tráfico mantém com os moradores da comunidade.

O “posicionamento” de “escolhidos – ungidos por Deus” encoraja-os a se lançarem nas situações com os traficantes os quais se acreditam estarem investidos de um poder sobrenatural. Neste sentido é uma ação humanizadora, pois, ao mesmo tempo percebem o mal como ação de Satanás e acreditam na capacidade do indivíduo que, pela conversão, pode sobrepujar as forças do mal que agem contra o mal. (...) Os pentecostais veem no tráfico a representação do mal na medida em que se envolvem com drogas, portam armas e podem matar. Por sua vez, os pentecostais seriam os “guerreiros do Senhor” na terra. (MESQUITA, 2009, p. 98)

A pesquisadora observa ainda que, embora muitos traficantes resistam a uma conversão que implique no abandono das atividades ilícitas, com a morte do self para o *novo nascimento* e para uma nova vida pós-cura e libertação demoníaca, acredita-se que essa transformação possa ser alcançada em qualquer momento durante os cultos ou progressivamente. Na sociabilidade local, a igreja é vista como uma família que guarda, assiste e mantém relações de solidariedade e filiação dos seus membros, que encontram nela uma referência moral, que se encontra cada vez mais deficiente na família e no Estado. A luta religiosa é uma luta ética e vice-versa. Os pentecostais entendem que o mal do tráfico não tem origem nos seres humanos, mas que estes são vítimas do demônio, a fonte do mal e verdadeiro inimigo.

Também no município de Campos dos Goytacazes-RJ, Silveira e Bertoli (2016) focalizaram a ação pentecostal com relação à juventude na favela Tira-Gosto. Cerca de 20 membros da Igreja Caminho das Águas, referência da pesquisa, já haviam tido envolvimento anterior com o tráfico de drogas, mas foram convertidos na congregação. Os fiéis se referem à favela como “Comunidade da Adoração”, recurso instituído pelo pastor da igreja, visando minimizar o estigma que o conceito de favela tem com o domínio de bandidos, traficantes, coisas “profanas” e “malignas”. Para ele, a nova nomenclatura se deve ao fato de a igreja ter convertido muitas pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, representando pessoas “de família, de caráter, de postura” que vivem na favela.

As principais formas que a igreja se utiliza para atrair os jovens da favela é através da evangelização, feita aos finais de semana e dos cultos ao ar livre. As atividades do grupo de jovens são voltadas principalmente para a música, procurando ritmos e letras que envolvem a ideia de agitação, alegria, empolgação, envolvimento e outras

características joviais. Existe também os momentos de pregação e o estudo da *Palavra*, onde os que foram envolvidos com a criminalidade têm a oportunidade de testemunhar a transformação de vidas pelo Evangelho. Durante as atividades evangelísticas, nas quais os jovens passam por bares, casas, bocas de fumo, aglomerações de pessoas e pontos de ônibus, eles entregam folhetos, falam passagens bíblicas e suas vestes são importantes para caracterizá-los como evangélicos, adquirindo respeito dos moradores e, principalmente dos jovens do tráfico. Jovens envolvidos com a criminalidade procuram a igreja para pedir oração e os líderes se dispõem a dar uma palavra de conforto, orar por eles e tentar trazê-los para a vida religiosa.

As autoras chamam a atenção para a postura do pastor que enfatiza seu *chamado* para trabalhar com pessoas que trilham o “caminho errado”, o que implica, portanto, em não ter medo e impor respeito tal qual um verdadeiro líder carismático. Esta postura, também é encontrada em outros jovens evangelistas da congregação que têm o poder de intervir nos “julgamentos” que os traficantes realizam, tal qual observou Mesquita.

Não apenas o pastor, mas todas as lideranças que conversamos nos relatavam a maneira como eram respeitados dentro da Tira-Gosto. Quando perguntávamos que tipo de respeito, alguns diziam, por exemplo, que os “meninos” que usam drogas, quando vêem eles passando, escondem a droga, as armas, ou se estão xingando, param de xingar. (SILVEIRA e BERTOLI, 2016, p. 18)

O respeito que os evangélicos da Tira-Gosto gozam os credencia, inclusive, a transitar pelas favelas rivais, devido ao reconhecimento, por parte dos moradores, da conduta de vida religiosa, podendo, inclusive, evangelizar nestes locais.

As autoras concluem a relação dialética entre a igreja e o narcotráfico pois, apesar de classificar como atividade “demoníaca”, os jovens fiéis não deixam de se aproximar dos traficantes, mantendo essa proximidade como estratégia de evangelização, alcançando o respeito dos mesmos, embora o trabalho seja voltado para tirá-los da criminalidade, por meio da conversão.

A partir dos quatro trabalhos que avaliaram a atuação pentecostal nos territórios de periferia e sua relação com a criminalidade oriunda do tráfico de drogas, é possível chegar à conclusão de que existe uma relação dialética, na qual, apesar da demonização da atividade ilícita, existe a aproximação com os traficantes visando sua conversão – entendendo ser essa a missão da igreja em relação ao mundo – já que eles não são o

mal, mas estão sob a influência do mesmo. Investidos do “poder que vem do alto”, pastores, evangelistas e fiéis são convocados a entrar nessa batalha espiritual com o objetivo de “salvá-los” para Cristo.

As quatro pesquisas, apesar de se basearem em regiões de periferias distintas, têm em comum a missão dos pentecostais em acreditar na redenção dos “rejeitados” pelo Estado e pela sociedade, a partir da experiência da conversão. Algo que torna essas igrejas territórios únicos é o trânsito desses criminosos como potencial público alvo, tratando-os – pelo menos este é o discurso – como “iguais”, necessitados de *salvação*, como qualquer outro mortal. Este fato é, inclusive, causador de discórdia entre uma parte dos fiéis, de moradores da comunidade e do próprio poder público, como no caso da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (Adud), acusada, inclusive de acobertar criminosos.

Em todos os casos os pastores e fiéis detêm o respeito dos criminosos, estando sempre dispostos a orar e dar uma Palavra, sem deixar de aconselhar. Eles acreditam que é preciso que estes frequentem as reuniões e que a conversão pode se dar a qualquer momento. No caso da ADFEC, sua posição privilegiada em local de grande trânsito na favela de Jardim São Jorge, converge para que os traficantes frequentem o local de culto, mesmo sem vínculo institucional.

Tanto na Adud, quanto na Igreja Caminho das Águas, em Campos dos Goytacazes, existe a valorização do testemunho de uma vida passada no crime e da transformação da nova vida em Cristo – no caso da Adud uma supervalorização dessa característica, fazendo dessa sua principal marca de proselitismo, presente, inclusive, nos materiais midiáticos que a congregação produz.

Em todos os casos, os pentecostais detêm um “poder” único de chegar onde o Estado não consegue chegar e, inclusive, fazer o que o Estado não pode, conseguindo deter situações violentas e desfechos trágicos, recorrendo ao poder conferido pela autoridade divina, sem precisar usar da força.

É visto que o pentecostalismo consegue suprir determinadas carências das regiões de periferias brasileiras, resultados da operação de um sistema falido e mal administrado. O cuidado divino com relação às necessidades físicas, materiais e com os sofrimentos da alma, demonstrado a partir da atuação das igrejas nos casos citados, se encaixa no vazio

deixado pela negligência governamental – falta de estrutura e acesso a bens e serviços essenciais – e pela desestrutura familiar.

Os pentecostais focam na valorização do indivíduo e das relações pessoais, produzindo laços de confiança, fidelidade e solidariedade que atuam em conceitos de carência na lógica do “faça aos outros o que quer que façam a você”, seja suprimindo necessidades financeiras, de comida, utensílios, emprego, informações e outros. Os fiéis passam a ser reconhecidos pelos moradores e pelos próprios traficantes como um grupo santo, tendo uma marca de referência de ética e moral, gozando de respeito nos diferentes grupos.

No contexto das periferias brasileiras, onde os caminhos de vida são bem limitados, a opção pelo caminho pentecostal passa a ser, inclusive, uma escolha prudente, já que as expectativas de benefícios para os fiéis são visíveis no cotidiano de vida em uma comunidade na condição de vulnerabilidade e risco social.

2. CAPÍTULO 2: INSPIRAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Como uma pessoa com dezenas de delitos – inclusive fatais – nas costas consegue voltar a viver em sociedade, sem reincidir? Como essa pessoa, que carrega o arcabouço criminal de toda uma vida, além de uma “especialização” atrás das grades, pode contribuir de uma forma positiva para a construção da sociedade? Por um outro lado, como ele ainda não foi morto, fruto de vingança de entes dos por ele assassinados, por facções inimigas ou até mesmo pelo próprio Estado?

São perguntas para a qual os cientistas podem ter palpites, mas não uma resposta definitiva. As reações sociais jurídicas e legais aos delitos, baseadas em medidas de encarceramento ou sócio educação, das quais, em tese são esperadas efetividade na reabilitação e ressocialização de criminosos para que possam voltar a conviver em sociedade (Art. 1º da Lei de Execução Penal)²⁷ surtem o efeito contrário, vide o tamanho da reincidência criminal no Brasil. A cadeia é chamada de “universidade do crime”²⁸, pelos atores entrevistados na Igreja Operando Deus e que cumpriram pena no sistema prisional.

O que se tem visto é o crescimento no número de delitos de todos os níveis de gravidade²⁹, a superlotação dos presídios e unidades socioeducativas³⁰, e crescimento do número de “sujeitos matáveis”. Na falta e no desinteresse do Estado – a partir de uma visão ideológica (conduta anormal, massa ‘fora do sistema’, segundo Lévi Strauss) – e

²⁷ Art 1º- Execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

²⁸ Pastor Daniel Rocha, líder da Igreja Operando Deus e principal fonte desta dissertação, citou desta forma.

²⁹ Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do ministério da Saúde (MS). (...) Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil. (...) Um dado emblemático que caracteriza bem a questão é a participação do homicídio como causa de mortalidade da juventude masculina (15 a 29 anos), que, em 2016, correspondeu a 50,3% do total de óbitos. Se considerarmos apenas os homens entre 15 e 19 anos, esse indicador atinge a incrível marca dos 56,5%. (...) A vitimização por homicídio de jovens (15 a 29 anos) no país é fenômeno denunciado ao longo das últimas décadas, mas que permanece sem a devida resposta em termos de políticas públicas que efetivamente venham a enfrentar o problema. Os dados de 2016 indicam o agravamento do quadro em boa parte do país: os jovens, sobretudo os homens, seguem prematuramente perdendo as suas vidas. No país, 33.590 jovens foram assassinados em 2016, sendo 94,6% do sexo masculino. Esse número representa um aumento de 7,4% em relação ao ano anterior (**Atlas da Violência 2018**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Rio de Janeiro, 2018, p. 32).

³⁰ A taxa de superlotação dos presídios brasileiros é de 175,82%, nos 1.456 estabelecimentos penais no país. (...) Os dados foram divulgados nesta segunda-feira(18) pelo CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público), e fazem parte do projeto "Sistema Prisional em Números". Em 2015, início da análise do conselho, o índice de ocupação era de 160,77%. No ano seguinte, a taxa sofreu um pequeno aumento, passando para 161,91%, elevando-se para 172,74% em 2017 (<https://noticias.r7.com/cidades/superlotacao-dos-presidios-brasileiros-e-de-175-diz-cnmp-18062018>).

da maioria dos profissionais da saúde – por uma questão tempo/custo/benefício/prioridades – em lidar com estes “casos perdidos” tem-se um terreno extremamente fértil para a propagação da transformação através da fé, sobretudo a fé evangélica pentecostal, a que mais cresce em todo o Brasil e que nutre profundo interesse neste tipo de trabalho com este público, dado a um embasamento canônico e a condições sociais que favorecem a empreitada.

Por isso, a intenção deste trabalho foi propor uma explicação sociológica para a mudança de comportamento desses criminosos a partir da fé evangélica, tendo como base a interação com os símbolos desta fé. Num primeiro momento, a intenção é trazer a Teoria da Dádiva para explicar como a dádiva da *salvação* é determinante para o início de uma nova história de vida por parte do criminoso e como ela o empodera nessa mudança quanto mais ele faz a dádiva circular. Através do interacionismo objetivamos analisar como a socialização e as interações no novo grupo social contribuem para a construção da nova identidade do ex-criminoso. Finalmente, buscamos explicar como a noção de carreira possibilita enxergar o desenvolvimento do indivíduo na sua trajetória de crente e entender como suas funções na estrutura sustentam, consolidam e desenvolvem a nova identidade, possibilitando, inclusive, ascensão hierárquica.

2.1 Uma questão de dádiva

Segundo definição do dicionário Michaelis, “dádiva” é o “ato ou efeito de dar algo, de modo espontâneo e desinteressado; dom (...) donativo, oferta, presente (...) graça natural”. O *Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (1924), de Marcel Mauss, é o estudo de caráter etnográfico, antropológico e sociológico mais antigo e importante sobre a reciprocidade, o intercâmbio e a origem antropológica do contrato. A obra discorre acerca do modo como o comércio de objetos entre os grupos constrói relacionamentos entre eles, como as doações recíprocas estabelecem relações de fortes alianças, hospitalidade, proteção e assistência mútua.

Mauss definia a vida social como “um mundo de relações simbólicas” (1924), defendendo que é da natureza da sociedade que essa se exprima simbolicamente em seus costumes e suas instituições e que as condutas individuais “normais” são elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói.

Foi no *Ensaio* que Mauss introduziu e impôs a noção de “fato social total”³¹, podendo-se descobrir conexões, equivalências e solidariedades entre o sistema social analisado. Na Teoria da Dádiva, de Mauss, simbolismo e solidariedade são decisivos na construção de vínculos sociais. Como explana Tarot (2002, p. 161), “tendo empreendido a procura das origens do contrato e da obrigação, Marcel Mauss (...) encontrou a dádiva e seu surpreendente *double-bind*, ‘você deve dar’, tão contraditório quanto a injunção: ‘seja espontâneo’”. O dom é apresentado como um fato social dotado de características fundamentais, como a obrigação. A partir da leitura etnográfica da doutrina polinésia do mana, do kula e do potlatch, Mauss esclarece o sistema da dádiva que os move e cuja reconstrução é permitida por eles.

“(...) a dádiva já não aparece como uma sequência descontínua de atos individuais, aleatórios ou espontâneos, reservados aos sentimentos do bom coração ou ao peso das circunstâncias, mas compreende-se como momento em um sistema em que qualquer gesto de dádiva fica preso na lei inexorável da tripla obrigação: dar, aceitar e retribuir. A dádiva impõe-se aos homens, fixa soberanamente os papéis de doador de donatário, além de criar, ao metamorfoseá-los em agentes de troca, o vínculo social. A dádiva não é uma escolha, mas uma obrigação; não é apenas um fato, mas um dever; não é apenas um gesto, mas uma estrutura que contém e organiza seus elementos. Não se trata de uma parte, mas de um todo que inclui tanto os homens, quanto coisas” (TAROT, 2012, p. 161 e 162)

Na dádiva, Mauss leva em conta tanto a existência de interesse, de relações econômicas, quanto a ação por desprendimento e altruísmo, concluindo que a construção dos vínculos sociais tem como motor uma obrigação de três vias: dar, receber e retribuir. Para o autor, a dimensão simbólica da dádiva é central na construção do vínculo, excedendo, inclusive, a dimensão utilitária e funcional do bem, criando verdadeiras alianças entre doador e receptor. Ele, inclusive, critica o utilitarismo, considerando-o secundário na constituição da sociedade. Na compreensão de Mauss, a dinâmica da sociedade é simbólica e ambivalente, e ela é formatada como um círculo de doações, recebimentos e devoluções de bens/signos/símbolos (gestos, risos, palavras, presentes,

³¹ “Tem um caráter tridimensional. Faz coincidir a dimensão propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos (diferentes modalidades do social: integração dos aspectos familiar, técnico, econômico, jurídico, religioso); a dimensão histórica ou diacrônica (diferentes momentos de uma história individual: que permita ‘observar o comportamento de seres humanos totais’: nascimento, infância, educação, adolescência, casamento, etc.); e a dimensão fisio-psicológica (diferentes formas de expressão, desde fenômenos fisiológicos como reflexos, secreções, desacelerações e acelerações, até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas)”. “O simples estudo desse fragmento de nossa vida, que é nossa vida em sociedade, não basta”. “É somente em indivíduos que essa tríplex aproximação pode ocorrer”. (LÉVI-STRAUSS, 2002, p. 23 e 24).

sacrifícios, dinheiro...) entre os homens – articulação de atores e instituições sociais em uma mesma rede – e entre estes e a natureza.

Segundo Martins (2005) a sociologia de Mauss critica o utilitarismo – filosofia moral que propõe um individualismo fundado no cálculo interesseiro dos prazeres e dos sofrimentos; e também critica o estruturalismo, colocando a Teoria da Dádiva como um argumento importante para o pensamento pós-estruturalista que resgata o ligar da experiência e da incerteza estrutural do fato social. O dom possui regras próprias, é estruturado e, enquanto fato social total, operador de totalizações sociais, é irredutível às funções e estruturas instituídas, já que ele desenha o meio do desenvolvimento e do sentido das funções e estruturas.

Para Martins (2005, p.10) a Teoria da Dádiva conecta duas perspectivas aparentemente inconciliáveis: (1) a existência de crenças coletivas que aparecem como uma obrigação moral supra-individual, valorizando o todo mais do que as partes (já que considera a sociedade como um fato social total e a dádiva como regra moral imposta à coletividade); (2) “a experiência direta e inter-individual reorganiza o sentido e a direção do bem circulante, refazendo as estruturas e funções estabelecidas” admitindo que os membros da sociedade possuem características peculiares que escapam à obrigação moral coletiva.

Mauss se situa, também, entre os autores que contribuíram decisivamente, no século XX, para valorizar a leitura sociológica da associação, ao avançar a perspectiva de um espaço de interação baseado no risco e na liberdade dos indivíduos se relacionarem, mesmo sabendo-se que essas relações não acontecem em total liberdade, mas dentro de certos parâmetros morais definidos coletivamente. Esta valorização sociológica do princípio da associação é um requisito central para se pensar as bases de um novo paradigma nas ciências sociais que supere o que Godbout e Caillé definem como os dois paradigmas que foram centrais na modernidade ocidental: o do interesse que funda a lógica utilitarista mercantil e o da obrigação que inspirou a lógica burocrático-autoritária no século XX. (MARTINS, 2005, p. 12)

A crítica anti-utilitarista inspirada na tradição de Mauss denuncia o equívoco de toda tentativa de limitar as motivações humanas apenas à moral do interesse e do egoísmo e de privilegiar a economia de mercado na instância do bem-estar social. A universalidade da tripla obrigação de dar, receber e retribuir seria anterior aos interesses contratuais e às obrigações legais, trazendo novas perspectivas para o debate teórico moderno e as implicações disciplinares em torno do social. Compreender a dádiva como sistema de

trocas básico da vida social rompe com o modelo dicotômico da modernidade, que define a sociedade como “fruto de uma ação planificadora do Estado ou do movimento fluente do mercado” (*Ibidem*, p. 21).

O entendimento do sentido sociológico da dádiva quebra esta dicotomia para introduzir a ideia da ação social como «inter-ação», como movimento circular acionado pela força do bem (simbólico ou material) dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio. Por ser a lógica arcaica constitutiva do vínculo social, a dádiva integra potencialmente em si as possibilidades do mercado (retenção do bem doado) e do Estado (possibilidades de redistribuição das riquezas coletivas). (*Ibidem*, p. 21).

Martins (*Ibidem*, p. 29) registra que embora o sistema da dádiva seja mais nítido nas relações interpessoais – família, amigos, vizinhos – também se faz presente em todos os planos da vida social, mesmo nas sociabilidades secundárias, ou seja, nas relações funcionais (aparelhos políticos, econômicos e científicos) mediante uma expectativa de reciprocidade, “confiança implícita a respeito da continuidade da relação que é alimentada subjetivamente pelas pessoas envolvidas”. Há ainda o valor-confiança entre produtores e consumidores sem o qual o sistema mercantil entra em colapso.

“O valor-confiança constitui um atributo que apenas se desenvolve primariamente no nível das relações da dádiva, no dar ao outro gratuitamente um crédito de honra, no acreditar que ao se dar esse crédito a alguém ele será retribuído com algo que faça circular adequadamente a confiança inicialmente depositada” (*Ibidem*, p. 30)

É fundamental observar como o sistema da dádiva influi na construção das práticas que suportam o funcionamento das instituições sociais, já que a confiança é um dos primeiros bens a validar a relação social. Sem a confiança, mercado, Estado, política, religião, ciência, nada disso funciona.

Na Teoria da Dádiva, portanto, os vínculos sociais consideram a coexistência de diferentes lógicas na organização social (interesse, espontaneidade, obrigação, bens...), mas são baseados na tríplice obrigação de dar, receber e retribuir. De acordo com Costa (2005, p. 37) a mesma lógica está presente nas relações sociais do mundo contemporâneo.

“Basta considerar a obrigação “moral” da retribuição de favores, convites, elogios, presentes e gentilezas que são recebidas, bem como, no sentido negativo, o ciclo empreendido pela vingança e acertos de contas entre grupos

rivais para ser constatada primariamente, a presença das dádivas em circulação; (...) A Teoria da Dádiva não fantasia a realidade social ao supor que o interesse, o cálculo e o egoísmo não existem. A Dádiva não só reconhece a existência desses aspectos, mas admite-os como integrantes de uma única realidade social. A sociedade é um fato social total e qualquer tentativa de exclusão de suas lógicas de funcionamento, resulta na mutilação dessa mesma realidade” (COSTA, 2005, p. 37)

Costa ainda complementa afirmando que, por outro lado, também deve-se levar em conta os movimentos voluntários, o cooperativismo, a solidariedade entre estranhos, fatos marcantes de nossa época, que consideram a dimensão da dádiva, e não apenas uma análise economicista. Por meio dela:

“é possível dimensionar as consequências sobre os indivíduos de uma sociedade utilitarista, excludente e enfraquecida na constituição dos vínculos sociais. Na qual o Estado tem-se mostrado cada vez menos capacitado para combater os surtos de violência e criminalidade que atualmente afligem as pequenas e grandes cidades em todo o mundo” (*Ibidem*, p. 38)

Caillé (1998) defende o uso da dádiva como o terceiro paradigma das ciências sociais buscando revelar um sistema de transformações e invariantes da dádiva que seja inteligível. Segundo o autor, o conceito de dádiva só pode ser aplicável se os seus quatro componentes – a obrigação, o interesse instrumental, a espontaneidade e o prazer – estiverem ligados, funcionando conjuntamente, tornando-se, assim, dependentes.

(...) Deduzir-se-á que, assim como a dádiva é o que permite constituir alianças entre pessoas concretas bem distintas e invariavelmente inimigas em potencial, unindo-as numa mesma cadeia de obrigações, desafios e benefícios, a dádiva não é passível de interpretação nem na linguagem do interesse, nem na da obrigação, nem na do prazer, nem mesmo na da espontaneidade, já que não é senão uma aposta sempre única que liga as pessoas, ligando simultaneamente, e de uma maneira sempre nova, o interesse, o prazer, a obrigação e a doação (CAILLÉ, 1998, p. 26)

Para explicar a importância atribuída a essas quatro dimensões que, de acordo com o autor, simbolizam os verdadeiros requisitos das ações individuais e coletivas, Caillé estabelece oposições básicas: a oposição entre obrigação e espontaneidade é a que existe entre morte e vida; a oposição entre interesse e prazer adquire sentido pleno quando retraduzida na oposição entre guerra e paz, entre rivalidade e aliança. Desse modo, o autor faz relação entre dádiva e simbolismo.

Ao retraduzirmos as categorias da ação humana na linguagem de vida e morte, guerra e paz, designamos evidentemente aquilo que se encontra no mais profundo de toda atividade simbólica realizada pela humanidade, qualquer que seja a acepção dada ao termo simbolismo. Pois o símbolo,

originariamente, sumbolon, era um anel (o que liga, o círculo, do kula ou da aliança, por exemplo, na aliança de casamento), lançado ao solo e quebrado em duas partes, levadas pelos amigos separados, de modo que cada um dos fragmentos só podia se encaixar em sua metade original, já que a fratura real, que une simbolicamente, é sempre singular, diferente de qualquer outra. (...) Assim, na origem, o símbolo não é senão o próprio signo da aliança que deve perdurar apesar de qualquer separação ou afastamento, a celebração sempre viva da aliança contraída pela dádiva. Lembremos igualmente que a "moeda" arcaica, símbolo por excelência, não é senão o reconhecimento da dívida de vida (Rospabé, 1995), contraída quando se toma de um clã a esposa que trará a vida ao próprio clã. Atestado de dádiva recebida e garantia de contradádiva futura (...). (*Ibidem*, p. 27)

Para Caillé, o cristianismo se baseia em dádiva.

(...) o que é o cristianismo senão, antes de mais nada, uma história de dádiva? Como notava, com razão, Julian Pitt-Rivers (1992), é surpreendente que os etnólogos não tenham se debruçado sobre o discurso teológico, pois nele encontrariam, transpostas na simbologia cristã, as mesmas questões com as quais estão acostumados. Pois, ao longo de quase dois milênios, foi com o objetivo de determinar o que Deus dá, com que grau de gratuidade (graça), a quem, como e por que, o que se deve dar em troca, que as mentes se contorceram em toda a Europa e noutras partes. (*Ibidem*, p. 24)

Sendo assim, a Teoria da Dádiva será usada para explicar os mecanismos que compõem o processo de conversão de um criminoso – como o eram os membros da Igreja Operando Deus, elencados para o presente trabalho – para a religião evangélica pentecostal, levando em conta as peculiaridades das trajetórias de vida dos sujeitos da Igreja Operando Deus. Nos propusemos a analisar tanto as dádivas circulantes no mundo da criminalidade em que viviam antes da conversão, quanto as dádivas que começaram a circular a partir do momento da conversão, que os consolida na vida religiosa e que, inclusive, são condição de existência da Igreja Operando Deus, de suas funções e estrutura.

2.1.1 M.A.U.S.S.

O Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais (M.A.U.S.S.) foi fundado em 1981, na França, resgatando o valor sociológico da obra do autor. Os dois sentidos do termo M.A.U.S.S. são, claro, o de homenagear Marcel Mauss, destacando sua relevância na sociologia e o de divulgar o caráter anti-utilitarista da Teoria da Dádiva e o potencial dela para uma crítica sociológica consistente à doutrina neoliberal, denunciando o equívoco da ambição do pensamento utilitarista e econômico de considerar o mercado

como variável central na construção da vida social. O movimento expressa as novas ideias que prosperaram nas ciências sociais a partir da crise do estruturalismo com a emergência de uma geração que apresenta duas características importantes: (1) afasta-se do abstracionismo estruturalista e busca compreender a ação dotada de sentido, reabilitando “a intencionalidade e as justificativas dos atores através de determinações recíprocas do fazer e do dizer” (DOSSE *apud* MARTINS, 2005, p.12); (2) aproxima-se do pensamento humanista, em particular com a filosofia analítica inglesa e com o interacionismo simbólico norte-americano.

Um dos pontos importantes da crítica maussiana, que é relevante para este trabalho, é o de que a sociedade moderna não é regida por uma única lógica: “enquanto o mercado é regido por um sistema de trocas equivalentes (dar-pagar), o Estado conhece um outro sistema de reciprocidades (receber-devolver), enquanto a sociedade civil é regida por um sistema de trocas não equivalentes: o dar-receber-retribuir” (*ibidem*, p. 36). Outro ponto discorre que a invenção do social ocorre a partir da solidariedade entre os indivíduos, a partir da iniciativa espontânea, incerta e paradoxal de doação sem garantias de retorno e do risco de se aceitar espontaneamente algo de alguém (recebimento e devolução, a aposta no dom, na qual a relação em si é mais importante do que o valor das coisas). Mas para que esse sistema de trocas interpessoais, que funciona adequadamente na sociabilidade primária, não pareça algo clientelista, por exemplo, é necessário ter uma ordem supra-individual e legal que seja obedecida pelos participantes.

O debate maussiano avança na proposição de um paradigma da associação importante para os estudos das mudanças sociais na contemporaneidade.

O dom ou a dádiva é, por natureza, uma regra sistêmica ambivalente, que permite ultrapassar a antítese entre o eu e o outro, entre a obrigação e a liberdade, entre o mágico e o técnico. Na dádiva participam a obrigação e o interesse, mas também a espontaneidade, a liberdade, a amizade, a criatividade. A sociedade, nessa perspectiva relacional, é um fenômeno social total, porque ela se faz primeiramente pela circulação de dádivas (presentes, serviços, hospitalidades, doações e, também, desejos, memórias, sonhos e intenções), considerados símbolos básicos na constituição dos vínculos sociais. A observação sobre o que circula implica, então, a necessidade de fixação das modalidades de um pensamento do concreto que dê conta da dinâmica de transformação das redes sociais (que constituem o modo próprio de circulação do dom) e das diferenças dessas redes no tempo e no espaço. Certamente, a importância de um pensamento como esse cresce à medida que os dois outros paradigmas das ciências sociais (o da obrigação racional-burocrática e o da liberdade mercantil) esgotam suas perspectivas emancipatórias. (MARTINS, 2005, p. 43)

Os maussianos afirmam, em suma, que o paradigma do dom deve ser visto como o paradigma primeiro ou primordial, já que o paradigma individualista (que privilegia o interesse dos produtores de bens e serviços – utilitarismo econômico) e o holista (que valoriza a regra burocrática impessoal – racionalismo burocrático) são apenas momentos do ciclo geral do dom, do simbolismo e da política em ato.

2.1.2 “Consideração” e as dádivas entre os bandidos

Em sua tese “Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas”, Carolina Grillo (2013) destaca a forma social pela qual o tráfico de drogas é conhecido no Rio de Janeiro, a *facção*, e como bandidos que sequer se conheciam anteriormente são colocados em relação para juntos arriscarem suas vidas em uma missão, na qual nenhum deles é sequer pago para realizar. Fizeram isso apenas pela *consideração*.

O pote de ouro que lhes aguardava ao final do arco-íris não seria uma farta recompensa em dinheiro e nem mesmo a felicidade da libertação de um amigo. Ganhariam com isso apenas *consideração*. Trata-se de uma espécie de prestígio, calculado pela estima alheia e, principalmente, a estima por parte dos traficantes mais poderosos e influentes, como os donos de morro e os seus principais gerentes. (GRILLO, 2013, p. 59)

Segundo a autora, ser escalado para participar de missões consiste no reconhecimento das habilidades guerreiras e de bravura dos bandidos e uma boa oportunidade para que ele publicamente demonstre sua disposição (conjunção entre valentia e impiedade, considerada parte da essência do criminoso) ganhando fama e reputação nos morros comandados pela *facção*.

O bandido não é tão famoso pela sua disposição, tanto quanto o é pela sua periculosidade ao se tornar um inimigo público, alguém que deva ser morto a qualquer custo. A *consideração* de um bandido aumenta quanto mais procurado e odiado (pela polícia, por membros de facções rivais, por membros da “sociedade civil”) ele é, quanto maior é seu valor como troféu de caça, e não como pessoa.

As dinâmicas do tráfico são geridas localmente e a organização dessas atividades comerciais é chamada de *firma* em alusão ao seu aspecto empresarial. A *firma* simula o modelo organizacional de uma empresa capitalista tomando de empréstimo a

coordenação burocrática da hierarquia patrão/funcionários (termos como patrão, gerente, funcionário, plantão, equipe, carga, responsabilidade, anotações, contas e pagamento). Mas há muito mais em jogo do que drogas sendo comercializadas. Há circulação de armas, corpos, vidas, territórios e outros, tendo em vista que a lógica operante desses itens distancia-se em vários aspectos dos padrões de uma economia de mercado.

Há grandes tensões políticas no interior da *firma* ou *facção*. Traficantes de baixo escalão, por exemplo, têm perfeita consciência de que são explorados por seus patrões. Eles não roubam dinheiro da boca, não porque consideram isso imoral, mas porque temem ser descobertos e receberem as *cobranças* às quais podem ser submetidos. “Ser demitido da firma, expulso da favela, receber punições físicas como espancamento ou tiros em partes do corpo e, no limite, ser sumariamente executado, são todas retaliações possíveis às diferentes formas de traição ao tráfico” (GRILLO, 2013, p. 64).

Entretanto, é por meio da distribuição de dádivas, os chefes do tráfico se fortalecem como *patrões*. Pelo acúmulo de riquezas e poder através das armas eles atuam no velho estilo da patronagem brasileira tornando empregados e vizinhos dependentes das benesses por eles distribuídas segundo seus caprichos e interesses (ZALUAR *apud* GRILLO, 2013). A produção, reprodução e replicação das relações sociais se dá também pela composição de alianças políticas seladas pela troca de dádivas de naturezas diversas, a fim de se estabelecer a paz mínima necessária ao desenvolvimento do comércio de drogas.

Mauss nos ensina que o dom é o contraponto da violência, afirmando que dois grupos de homens que se encontram devem escolher entre se atacar ou buscar formar alianças por meio da troca de dádivas. Segundo Sahlins (1968), a teoria maussiana do dom partiria de uma concepção da natureza humana semelhante à de Hobbes, em que o seu estado natural seria a guerra. “O análogo primitivo do contrato social não é o Estado, é o dom” (p.5), ressalta Sahlins, propondo que, em vez de haver uma alienação do recurso à violência privada em favor do poder público, as sociedades primitivas buscariam através do dom, a paz que, nas sociedades civis, é assegurada pelo Estado. (GRILLO, 2013, p. 80)

Diante da constatação de que o dom é capaz de estabelecer alianças que permitem a passagem da guerra à paz ou da desconfiança à confiança, Grillo analisou como as três obrigações da dádiva – dar, receber e retribuir – fundam relações de reciprocidade e poder fundamentais para a configuração das dinâmicas do tráfico. Apesar de voluntário

e aparentemente livre e gratuito, o dom é coercitivo e interessado e quem receber deve retribuí-lo. “Ao se doar, cria-se uma dupla relação de solidariedade e superioridade, instituindo-se a desigualdade entre doador e receptor, até que a dívida seja quitada por um contradom” (*Ibidem*, p. 69). Existe o interesse em construir relações de poder por trás do formalismo, criando-se um campo de manobras e estratégias possíveis servindo uma gama de interesses opostos, podendo ser ao mesmo tempo ou sucessivamente um ato de generosidade ou de violência, mas de uma violência disfarçada em um gesto desinteressado, “pois ela se exerce pelo meio e sob a forma de uma partilha” (GOLDELIER *apud* GRILLO, 2013, p.70).

No interior da firma, portanto, as trocas promovem contratos políticos que viabilizam a produção e reprodução da formação hierárquica gerando alianças e dominação. Segundo Carolina Grillo os *donos do morro*, os legítimos *patrões* ou *chefes do tráfico* – que normalmente estão presos ou fora de suas favelas – nomeiam um responsável para controlar o funcionamento das *bocas de fumo* em determinada área e assumir o poder sobre a resolução das disputas locais. O responsável, também chamado *frente do morro* ou *gerente geral* presta contas ao *patrão*, enviando a parte combinada do lucro da venda de drogas. Abaixo das lideranças há a seguinte hierarquia:

A estrutura dos grupos locais do varejo de drogas foi sempre baseada no sistema de consignação de vendas, a partir do “dono” ou “gerente geral”. A mercadoria é adiantada para os subgerentes e o processo continua até os vendedores diretos, os “vapores”. O movimento de retorno do pagamento é baseado na noção de “dívida” e deve ser feito, impreterivelmente, dentro de um prazo mínimo. O não-pagamento é interpretado como “banho” (logro, furto ou falha) e o devedor, na primeira reincidência, é morto num ritual público de crueldade. O sistema de consignação articula-se, assim, a uma hierarquia mortal de “credor/devedor” (MISSE *apud* GRILLO, 2013, p. 71).

Apesar da centralidade da violência como garantia dos pagamentos, tendo o sistema de circulação de drogas subordinado a uma “economia da força” dentro da hierarquia, o emprego da violência está na maioria do tempo latente e não manifesto, constituindo a exceção. A regra é a condição das rotinas normais do tráfico, sobre as práticas que a viabilizam positivamente. Grillo pensa a *firma* como um sistema de distribuição de propriedades e responsabilidades. A favela, as *bocas*, os *preços*, as *cargas* de cada droga, tudo isso pertence a um dono e são administradas pelo *responsável* ou *gerente*. O *dono* distribui deferentes responsabilidades entre bandidos *considerados*, que passam a

compartilhar dos lucros das *bocas e preços* que eles forem designados a *olhar*, ou seja, a gerir.

O ato de dar a um bandido uma *responça* – como são chamadas essas responsabilidades – consiste em uma dádiva: uma concessão voluntária e aparentemente gratuita dos direitos de exploração comercial de áreas, pontos comerciais ou cargas de drogas vendidas a um determinado preço. Esta concessão é interpretada como a atitude de *deixar forte* ou *dar uma condição*, ou seja, de oferecer a alguém uma possibilidade de enriquecimento e ascensão hierárquica. Este dom expressa o apreço e *consideração* que o *patrão* nutre com relação aos seus funcionários, elevando-os a uma posição mais próxima à de sócio. Uma mesma pessoa pode ser presenteada com mais de uma *responça*, ganhando, por exemplo, a gerência de um morro inteiro e de uma *boca* em outra favela, ou de mais de um *preço* em uma mesma *boca*. (GRILLO, 2013, p. 72)

Essa dádiva não perde o vínculo de pertencimento, já que o rompimento do fluxo de retorno dos rendimentos da *responça* doada pode resultar em sua perda definitiva ou, em último caso, na morte. O que faz com que um dom não possa ser anulado, mesmo por um contradom idêntico é o fato da coisa doada trazer consigo parte do ser e da identidade do proprietário original, permitindo ao doador conservar direitos e obter vantagens sobre o bem doado que seria, de um modo geral, algo inalienável. Além disso, a concessão do direito de exploração comercial dos territórios e cargas (sob forma de *responças* ou *cargos*) não podem ser vendidas ou passadas adiante, não porque são dádivas, mas porque continuam vinculadas ao proprietário original, carregam seu nome, sua fama e sua honra por onde circularem.

Grillo (2013, p. 74) ressalta que ao se deixar alguém *forte* por meio da concessão de uma *responça*, o *dono* abre mão de uma parte considerável do lucro que lhe é de direito, mas ganha a fidelidade incondicional do seu funcionário/apadrinhado. Ele fortalece os laços de reciprocidade com bandidos influentes na comunidade onde quer manter a legitimidade do seu poder, mas, ao mesmo tempo demarca sua distância e superioridade com relação aos mesmos. “Não é possível retribuir uma dádiva da dimensão e importância da *responça*, senão com a própria vida”. Uma *condição* (privilégio/oportunidade de enriquecimento) desse tipo é o sonho de todo jovem bandido que entra para a *boca*, esperando pelo dia em que serão reconhecidos pelo seu empenho na *firma*, sendo presenteados com um *cargo*, podendo “ficar de *patrão*”. “Os bandidos contemplados por este dom encontram-se permanentemente endividados com relação ao seu *chefe*, prestando-lhe, em contrapartida, seus corpos e sua *disposição* para qualquer tarefa ou missão que lhes for solicitada”.

Sempre que escalados para empreitadas perigosas eles obrigatoriamente aceitam porque devem retribuir a *condição* que seu patrão já lhes ofereceu ou porque almejam serem retribuídos futuramente com uma *condição* que ainda não têm. Quando os donos de morro estão presos ou residem fora do morro, sobra para o *frente* a incumbência de distribuir as responsabilidades entre os demais bandidos. Ele “deixa *forte*” os bandidos que somam “várias lutas pelo crime”, avaliando o capital social dos funcionários da *boca* (seu grau de *consideração*) conferindo-lhes um *cargo*, o que lhes remete a uma *responso*.

Os critérios que medem a *consideração* de um bandido costumam ser: a antiguidade de seu pertencimento à *boca*; o acúmulo de experiências emblemáticas da *vida no Crime* (aprisionamento, tiroteios, participação em missões, etc.); a adequação de sua *caminhada* à moralidade do *Crime*; sua popularidade entre bandidos e moradores; e a *disposição* que possui para matar ou colocar a própria vida em risco. Todas essas diferentes qualidades e estoques de experiência, a que voltarei mais adiante, convergem para compor o que se entende por *consideração* e determinam quem merece ser presenteado com uma *responso*. (*Ibidem*, p. 75)

Por isso a *consideração* (espécie de notoriedade e reconhecimento público) é o capital social mais importante que se pode acumular no crime. Além de ser possível conquistar a *consideração* mediante as lutas pelo crime, anos de encarceramento, trajetória criminal sem *mancadas*, estando sempre “do lado certo da vida errada”, esse capital também é adquirido conquistando o apreço de lideranças do tráfico no trato pessoal. Apesar da *consideração* ser, teoricamente, fruto da equação entre disposição e o proceder de um bandido ao longo dos anos, a hierarquia empresarial do tráfico incide sobre a distribuição desigual do prestígio, redirecionando os seus fluxos. “Bandidos que “param do lado” de seus patrões e lhes “rendem homenagem” podem ganhar cargos de gerência no tráfico e tornar-se “considerados”, a despeito de sua pouca luta” (*Ibidem*, p. 129).

Mas o *dono* pode transferir também sua propriedade sobre uma *boca* ou *preço* a um bandido muito estimado por ele, por quem ele alimente uma grande *consideração*. Nesse caso de dom, ele perde a obrigatoriedade da prestação de contas ao dono original já que a propriedade foi transferida. Mas a posse sobre uma favela, *boca* ou *preço* é inalienável em sua essência, não podendo jamais ser vendida. Fora a transferência de pontos comerciais por dádiva, as outras formas de se alienar posse sobre o direito de exploração do tráfico em favelas são a guerra entre facções (invasão armada de

território) ou o “golpe de Estado”, coordenado por bandidos influentes de uma mesma firma, mas respaldados por uma facção inimiga.

Na doação de *responsabilidades* pelo *dono do morro* aos seus *funcionários*, há o aspecto relacional da dádiva, no qual este deve fidelidade incondicional àquele, tratando-se de um contradom relacional. A forma estética dessa relação é a performance dos traficantes, que também contam com os territórios, as drogas e o dinheiro da venda para se objetivarem. A trocas de dádivas que solidificam as alianças e fomentam as relações de solidariedade e lealdade, respaldam-se na concentração dos meios de violência em poder do *dono do morro*, objetificada em seu arsenal de guerra.

Penso ter descrito um cenário marcado pelo excesso de política. Disputas pelo controle de “territórios para o tráfico”; estratégias de guerra e defesa; formação de alianças para respaldar a propriedade sobre os direitos de exploração comercial de territórios; formação de fronteiras concretas e discursivas; trocas de dádivas e mercadorias que estabelecem a hierarquia; *desenrolos* diversos; técnicas para encantar e permanecer vivo; tecnologias para driblar os riscos da pista e voltar para casa; *lutas* pela *consideração* e *respeito*; bajulações para *crescer* e *ficar forte*; táticas para viver em fuga; e resistência como forma de vida. Mas penso também ter descrito um cenário marcado pela *orgia*. Atravessado por desejos diversos de consumo, prestígio, fama e desfrutes de toda ordem. Um cenário em que lançar-se irrefletidamente em busca de seus desejos, permite alcançar o chamado *auge*, mas leva ao incontornável destino da morte ou prisão. (*Ibidem*, p.278-279)

2.2 Interacionismo e Identidade

O interacionismo simbólico é uma tradição sociológica de abordagem empírica que defende o princípio de que o ser humano responde aos estímulos do ambiente, baseado no significado que estes estímulos têm para ele. Para Herbert Blumer (2017), principal difusor dessa tradição, o verdadeiro papel da sociologia é observar de perto e cuidadosamente a vida dos grupos e o comportamento coletivo através da ‘ação’.

Para Blumer, o mundo empírico existia enquanto algo passível de observação, estudo e análise, sempre atento para o fato de que os seres humanos agem em situações sociais, orientados por disposições subjetivas. Logo, privilegiava documentos humanos, estudos naturalistas e histórias de vida para chegar a essas disposições cognitivas. (CORREA, 2017, p. 182)

Por meio do termo “interação simbólica” ele defende que a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, produtos da disposição individual para o agir dos indivíduos que lhes atribui significado ou caráter, independente de um estímulo antecedente que evoque

a ação. O caráter peculiar e distinto da interação entre indivíduos se dá no fato de que seres humanos interpretam ou “definem” as ações recíprocas do outro relacional ao invés de meramente reagir às ações reciprocamente direcionadas. “Interpretar a ação dos outros é indicar a si mesmo que a ação tem este ou aquele significado ou caráter” (BLUMER, 2017, p.16). Nesta interação, as “respostas” (reações) são baseadas no sentido que nós humanos atribuímos às ações, sendo, portanto, a mediação no processo de interação humana um processo interpretativo entre o estímulo e a resposta. Para o autor, a sociedade humana são pessoas em constante interação simbólica.

(...) A sociedade humana é formada por indivíduos que possuem selves (isto é, que produzem indicações para sim mesmo); que a ação individual é uma construção e não um reflexo, sendo formado pelo indivíduo mediante a percepção e interpretação de características das situações em que ele age; que a ação grupal ou coletiva consiste no alinhamento de ações individuais, produzidas pelos indivíduos que interpretam ou levam em consideração ações reciprocamente dirigidas (BLUMER, 2017, p. 17)

Ele desenvolveu uma teoria do interacionismo simbólico que propõe (1) observar os processos, surgimento de grupos, sociedade, etc., crendo que nada é fixo e estático; (2) buscar significados, símbolos e linguagens que compõem a vida social e (3) investigar interações e interconexões, já que o indivíduo está em constante interação.

O interacionismo simbólico tem como sua unidade básica a ação, onde a atividade se origina de um impulso interno, ao invés de um estímulo externo. Esse impulso recupera imagens que oferecem formas para a sua satisfação. Dado o significado construtivista desse processo interno, a fase externa da ação acaba ofuscada. A partir daí, suas considerações teóricas se direcionam para a experiência interior. Para acessá-las, deve-se empregar fontes como história de vida, entrevistas, autobiografias, diários, cartas, ferramentas que permitem ao pesquisador compreender a experiência das pessoas e tornar seus comportamentos inteligíveis. Por isso acusa os psicólogos atrelados ao estímulo/resposta de ignorarem o que é mais essencial para o comportamento humano: o aspecto simbólico-construtivo. (CORREA, 2017, p. 186)

Blumer identifica quatro princípios da perspectiva interacionista e suas implicações para a pesquisa. Primeiro, as pessoas agem, individual e coletivamente, de acordo com os significados que dão aos objetos que compõem o seu mundo. “A pesquisa deve perseguir esses significados para entender a ação, deve ver o ponto de vista daquele que estuda, o que requer habilidade de se colocar no lugar dos outros”. Segundo, a interação é construída sequencialmente num desenvolvimento recíproco de gestos e interpretações – isso significa dizer que o interacionismo é variável e em qualquer evento sua forma

deve ser descoberta empiricamente. Terceiro, a ação social envolve um processo construtivo no qual os atores percebem, interpretam e avaliam situações, confrontando-as. Por último, a visão interacionista das formas de organização social é a de uma combinação de pessoas que estão interligadas nas suas respectivas ações (CORREA, 2017, p. 187).

Segundo Baugh, crítico do interacionismo, Blumer não estava livre do nominalismo social, que sustenta que apenas os indivíduos e suas características são reais, negando que a estrutura social determine a ação e defendendo que a ação é que produz a estrutura social. Essa visão leva o interacionismo à subjetivação de significado, sendo a pesquisa social focada exclusivamente na perspectiva do ator, negando o estudo de fatores mais amplos.

Dessa breve observação dos seus trabalhos metodológicos, percebemos uma tendência para uma interpretação nominalista e subjetivista da posição interacionista e, portanto, distante daquela que entende a sociedade como base para a compreensão da ação e de seus significados. Além disso, a prescrição para que a pesquisa faça um exame direto do mundo social, com a atenção direcionada aos significados dados ao mundo por seus participantes, se afasta de uma posição anterior do próprio Blumer, de criticar essa variável (BAUGH apud CORREA, 2017, p. 188).

Os críticos do estruturalismo afirmavam que este tinha uma tendência ao *status quo*, já que acreditava que a ‘verdade’ emergia das interações (Blumer acreditava que os conceitos científicos procediam das experiências individuais) e não tratava adequadamente o significado da estrutura social, das classes sociais e das divisões de poder na sociedade.

Com a morte de Blumer, os pesquisadores do interacionismo passaram a combinar os interesses do interacionismo clássico com outras tradições sociológicas, estudos culturais, tratamentos teóricos de agência e estrutura, estudos sobre a importância do significado na vida social, psicologia social, psicologia do desenvolvimento, teoria ecológica do *self*, socialização infantil, estudos do comportamento coletivo, etc.

O próprio Alselm Strauss, em *Espelhos e Máscaras* – obra referencial neste trabalho – estabelece a relação entre trajetórias individuais e estrutura social situando-as dentro de uma perspectiva histórica, enxergando indivíduos como sujeitos e objetos de processos mais amplos. Outros exploraram a relação entre interacionismo e teoria dos papéis,

empreendendo uma versão sócio-cultural do interacionismo simbólico, com uma Teoria da Identidade derivando deste quadro.

2.2.1 Construção da identidade

A construção da identidade a partir da socialização na vida adulta incorpora papeis afinados a estruturas sociais específicas, segundo Anselm Strauss (1999). A identidade está associada a avaliações decisivas feitas de nós mesmos, por nós mesmos ou pelos outros. O autor discute uma faceta da identidade que trata do modo pelo qual as pessoas se tornam implicadas com outras pessoas, são afetadas e afetam-se mutuamente por meio desta implicação.

A importância do nome é ressaltada na identidade e chama-se atenção de que a conversão religiosa é marcada por uma mudança de nome, um ato que significa a nova condição da pessoa aos olhos de Deus, do mundo e de si mesma, marcando um status, um título a que a pessoa deve fazer jus tão logo os adquiriu – no nosso caso, um obreiro, diácono, presbítero, evangelista, pastor, missionário, etc.

Discutindo o papel da linguagem no comportamento e na identidade humanas, Strauss ressalta que qualquer grupo de pessoas que permanecer por algum tempo em um lugar desenvolve uma linguagem específica, um dialeto ou jargão, que representa a maneira de identificar objetos importantes para a ação do grupo. Na nossa análise veremos essa lógica concretizada tanto na carreira criminal, quanto na carreira religiosa dos nossos atores.

Nas interações dos integrantes do grupo (sejam eles aqui criminosos ou evangélicos) entre seus membros ou com o restante do mundo, a tendência de estereotipar situações é inevitável, e, dessas maneiras particulares de classificá-las (de acordo com a ‘lei do *crime*’ ou com a Bíblia Sagrada) decorrerá a direção das ações. As classificações trarão consigo não apenas essas antecipações, mas também lembranças de experiências passadas com objetos semelhantes, rememorando valores anteriormente experimentados em relação a coisas, pessoas ou eventos ora classificados.

Strauss defende que “valores não são eternos”, e que à medida que as pessoas sofrem, suas avaliações mudam. “Enquanto perdurar o aprendizado, persistirá a revisão dos conceitos; e enquanto ocorrer a revisão, ocorrerá a reorganização do comportamento”

(p. 43). É constatado que a conversão dos criminosos acontece em casos de sofrimento extremo, seja pelo próprio criminoso ou de seus familiares. Em muitos casos, passaram por situações de quase-morte para rever seus valores em relação à vida.

Uma questão relacionada tanto ao surgimento da Igreja Operando Deus, quanto às áreas de influência do tráfico é o argumento do autor que em áreas relativamente estabilizadas de comportamento, as jurisdições são razoavelmente claras e não existem disputas. Mas o surgimento de novos grupos resulta necessariamente de “brigas jurisdicionais”, porque grupos novos e antigos percebem que seus interesses estão sendo de alguma forma privados. Fato é comprovado tanto no depoimento dos ex-criminosos relativo à guerra do tráfico no Complexo da Penha, quanto no relato do pastor-presidente acerca do surgimento da igreja especificada, que é de vertente assembleiana, “mas tem sua identidade própria”.

A partir da hora em que as pessoas estão filiadas a determinado grupo, o indivíduo internaliza batalhas retóricas, quando surgem dilemas e torna-se necessária a construção de bases de resistência.

Quando o diálogo interior diz respeito a questões que a pessoa sente serem importantes, então a perturbação assinala o progresso dessa pessoa, seja rumo à escolha daquela alternativa do dilema apreendida no final, seja rumo à nova decisão que supera o dilema. (...) Uma vez que a pessoa está limitada a participar de um número relativamente pequeno de grupos, suas concepções de realizações ou valores são igualmente limitadas. Essa possibilidade de alterar o espectro de visão de uma pessoa aumenta com a participação estreita em grupos compostos de pessoas tão diferentes dela mesma quanto possível. (STRAUSS, 1999, p.47)

Se o indivíduo se associa apenas com os seus pares, a chance de uma mudança conceitual radical é bem menor, apesar da inevitável divisão em subgrupos, pois é possível que os “concorrentes” sejam muito parecidos. Em geral, observa-se que tanto no cotidiano dos fiéis da Igreja Operando Deus, quanto na carreira do tráfico, a convivência é limitada àquele grupo social específico e as variações das conexões cotidianas são, no máximo, com evangélicos de outras denominações ou com pessoas “envolvidas na malandragem”, respectivamente, quando não decorrem de situações indispensáveis, como é o caso do trabalho secular, em relação aos fiéis.

Um aspecto que pode ser relacionado aos testemunhos de conversão, uma das principais estratégias da Igreja Operando Deus para “pescar almas”, é a explicação de Strauss sobre a experiência humana do tempo, que trata-se de uma “experiência em processo”: a

possibilidade de rememorar atos permite a reavaliação dos mesmos, que pode ser involuntária, já que nesse processo de rememoração estão implícitas seletividade e reconstrução do acontecimento real. Uma espécie de edição dos fatos, já que alguns aspectos da ação rememorada podem ser descartados ou negligenciados, e outros enfatizados. Tal fato pode explicar a dramaticidade dos testemunhos escutados, alguns cinematográficos.

Dentre as questões de identidade em que usaremos as noções de Strauss para analisar, tanto em relação à Igreja Operando Deus, quanto em relação à carreira do traficante, ainda estão a constante reavaliação do indivíduo em relação a quem ele de fato é; o esforço para se adequar aos valores do grupo em que está inserido; a partilha de julgamentos dos membros de um mesmo grupo em relação a objetos diversos; os processos para aceitação dos indivíduos pelo grupo; o compromisso e autodomínio dos indivíduos dentro do grupo; as terminologias específicas de cada grupo; a progressão de cargos dentro dos grupos e suas funções específicas; suas lealdades e suas práticas.

2.2.2 O bandido

Segundo Misse (2010) o rótulo de *bandido* é uma subjetivação que processa um sujeito não revolucionário, não democrático, não igualitário e não voltado ao bem comum. Trata-se de um sujeito criminal produzido pela explicação da polícia, da moral pública e das leis penais. A imagem do *bandido* é uma construção social.

Não é qualquer sujeito incriminado, mas um sujeito por assim dizer “especial”, aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados. Ele é agente de práticas criminais para as quais são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos, o sujeito ao qual se reserva a reação moral mais forte e, por conseguinte, a punição mais dura: seja o desejo de sua definitiva incapacitação pela morte física, seja o ideal de sua reconversão à moral e à sociedade que o acusa. O eufemismo de “ressocialização” ou de “reinserção social” acusa, aqui, por denotá-la, a “autonomia” desse “sujeito”, e paradoxalmente a sua “não sujeição” às regras da sociedade. (MISSE, 2010, p. 17)

Misse discorre sobre o que chama de “sujeição criminal” na categoria *bandido* e analisa diversas associações e dinâmicas que terminaram por construir uma “cultura” associada a esses sujeitos. O autor chega à conclusão de que não há uma relação necessária entre drogas ilícitas e montante da violência, salvo quando o tráfico se territorializa (no

Brasil, nas favelas e periferias), operando com jovens pobres “submetidos ao sistema da consignação de vendas e à relação de subordinação ao chefe da quadrilha” (*Ibidem*, p. 20).

Nesse sentido, a sujeição criminal também se “territorializa”, ganha contornos espaciais e amplifica-se nos sujeitos locais e mesmo nas crianças e adolescentes cuja sujeição é esperada. Como tal, não pode ser compreendida exclusivamente apenas no plano da interação contextual e do desempenho de papéis sociais, pois se mostra ancorada num plano macro de acumulação social da violência em tipos sociais constituídos e representados por sujeitos criminais produzidos em contextos sócio-históricos determinados. Aqui a sujeição criminal poderia ser compreendida, ao mesmo tempo, como um processo de subjetivação e o resultado desse processo para o ponto de vista da sociedade mais abrangente que o representa como um mundo à parte. Por exemplo, “o mundo do crime” (Ramalho, 1983), que representa as pessoas que “fazem parte” desse mundo (como “malandros”, “marginais”, “traficantes”, “bandidos”) como sujeitos criminosos. Também por isso podemos considerar que a sujeição criminal é um processo de criminalização de sujeitos, e não de cursos de ação. Trata-se de um sujeito que “carrega” o crime em sua própria alma; não é alguém que comete crimes, mas que sempre cometerá crimes, um bandido, um sujeito perigoso, um sujeito irrecuperável, alguém que se pode desejar naturalmente que morra, que pode ser morto, que seja matável. No limite da sujeição criminal, o sujeito criminoso é aquele que pode ser morto (*Ibidem*, p.20-21)

O conceito de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa identidade social ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio. De acordo com Misse esse conceito é proposto com a finalidade de incorporar três dimensões na representação social do *bandido*: (1) seleciona um agente a partir de sua trajetória criminável, diferenciando-o dos outros agentes sociais, usando expectativas que demandam sua incriminação; (2) espera-se que esse agente tenha uma “experiência social” específica, através de sua relação com outros bandidos e/ou da experiência penitenciária; (3) uma dupla expectativa acerca de sua autoidentidade: crença de que o agente não pode justificar de forma sensata seu curso de ação ou, ao contrário, a crença em uma justificação que se espera que este agente dê (ou que possa ser dada a ele) para explicar o motivo de seguir nesse curso de ação criminável.

É importante frisar que a sujeição criminal é o resultado, numa categoria social de indivíduos, de um processo social de constituição de subjetividades, identidades e subculturas do qual participam como fatores: 1) designações sociais que produzem uma específica “exclusão criminal” (através de acusações e incriminações) de agentes que caem na classificação social do que seja delito (crime ou contravenção); 2) atribuições ao agente (baseada na crença de que sua trajetória confirma, nesse caso, regras sociais de experiência) de uma tendência a praticar crimes, isto é, de seguir um curso de ação incriminável, geralmente com a expectativa de que esse curso de ação

venha a ter (ou já tenha) regularidade; 3) autorrepresentações, no agente, ou representações nos seus familiares, ou mesmo nos seus grupos de referência ou na comunidade em que vive, que ora demandam ou tentam “justificar” ou “explicar” suas práticas e escolhas individuais, ora as atribuem à sua singularidade ou concluem pela impossibilidade dessa justificação. (*Ibidem*, p. 24-25)

A partir do conceito a intenção do autor foi fazer uma ponte entre as abordagens interacionistas e pós-estruturalistas, para compreender esses processos sociais numa sociedade desigual, como o Brasil. Representações de “periculosidade”, “irrecuperabilidade” e “crueldade” levam a subjetivações que podem chegar a justificar o extermínio do sujeito criminal. O crime chega a ser tratado como uma possessão e não apenas o comportamento criminoso tornando a tentativa de sair do mundo do crime improvável a “ponto de exigir praticamente um processo de conversão (despossessão) de tipo religioso” (*Ibidem*, p. 26).

...o “perigo” que tal agente passa a representar reforça a crença de que ele possua uma subjetividade peculiar, algo como um “carisma de valor negativo”, mas que denota uma diferença que pode ser interpretada por ele como de “superioridade moral”. Trazê-lo de volta à norma e à sociabilidade convencional representaria, portanto, um processo da magnitude de uma “conversão” ou “reconversão”, e não é raro que esse processo se realize estritamente sob a forma de uma “conversão religiosa”. (*Ibidem*, p.27)

O que importa no trabalho de Misse é a “reiteração” do agente no crime, tornando-se passível de “incorporação” numa identidade social negativa e sua consequente acomodação a esse tipo social. O significado de “bandido” é aplicado ao agente cuja sujeição criminal está em curso ou está consolidada. Mais do que a “reincidência”, o indicador dessa distinção na sujeição criminal é uma ênfase que se dá ao sujeito, com a expectativa social de que este agente é subjetivamente ligado à transgressão; ou pela ênfase na transgressão com a expectativa social de que esta é subjetivamente ligada ao agente (caráter, origem, meio social, biografia...).

...quando o agente “sabe” que, ao empreender determinado curso de ação, ele poderá “cair” dentro de uma classificação social incriminadora, que ele conhece e com a qual até pode partilhar, logo uma autoavaliação se impõe: a que indica o quanto ele está (ou não) ligado subjetivamente a esse tipo de curso de ação e de que modo ele a interpreta. A maior ou menor capacidade e interesse do agente em fazer essa ligação e interpretá-la é a dimensão principal da sujeição criminal no âmbito do processo de subjetivação, e as tensões entre a imputação à subjetividade feita pelo acusador e pelo acusado (seja internamente ao agente, seja externamente entre agentes) permitem construir indicadores fecundos da variedade de situações em que os poderes de definição da sujeição criminal são operados, seja para neutralizá-la, assimilá-la, incorporá-la ou agravá-la. (*Ibidem*, p. 28-29)

Quando a experiência da sujeição criminal é vivida de forma extrema, várias das conversões que reintegram este indivíduo à ordem social legítima, tratam-no como um “indivíduo especial”, cuja vivência incomum o permite acessar registros ontológicos incomuns. “O carisma negativo se metamorfoseia em carisma positivo (...) Não basta que haja conversão, é necessário dar-lhe o testemunho público. Não são poucos os casos em que o ex-bandido se transforma no seu tipo oposto, em pastor, sacerdote ou mesmo em ‘santo’” (*Ibidem*, p.30).

2.2.3 Experiências, continuidade e adaptação

Podemos observar que os atores deste trabalho, ex-bandidos, agora convertidos, se utilizam de suas experiências passadas no mundo do *crime*, para julgar situações nas quais se deparam, sobretudo na sua missão de evangelizar nas bocas de fumo, nas cadeias, nas cracolândias, nas quais este “arcabouço de criminalidade”, são extremamente úteis – e até indispensáveis, já que a falta de experiência nesses procedimentos pode acarretar consequências graves – para realizar o objetivo de converter a pessoa que é alvo de sua investida.

Lemieux (2008), em análise às experiências nos campos de concentração nazistas por Michael Pollak³² sugere haver uma continuidade mínima nas pessoas ao longo do tempo – continuidade que podemos chamar de sua educação ou socialização. Seus modos de domínio da realidade, percepção e memorização do mundo são moldados por experiências anteriores, por memórias corporais dos testes (ou *provas*) vividos, memórias estas que o corpo não pode se livrar, mas, diante de novas experiências, minimizá-las e controlá-las.

O proceder do convertido no mundo à sua volta, em tese, passa a ser mediado pelos mandamentos bíblicos, já que a Igreja Operando Deus propõe-se a ser fundamentada nas Escrituras, com interpretações particulares e uma visão bem concretizada da oposição entre sagrado e profano. Além disso, os entrevistados possuem cargos na Igreja, o que os obriga a “dar testemunho” de uma vida fundamentada na doutrina sagrada. Entretanto, Lemieux leva em conta aspectos de como a *educação, socialização*

³² Michael Pollak, *L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*, Paris, Métailié, 1990, p. 289.

ou *memória* podem permanecer na estrutura de personalidade dos indivíduos e como as “lógicas subjetivas da vontade e da mobilização de recursos” podem influir nas ações do ator, acarretando em acidentes na nova carreira de convertido e até podem levá-los a subvertê-las, inclusive, conscientemente. Na explicação das ações do ator, entretanto, as polaridades não podem ser invertidas: a primazia deve permanecer com a descrição do presente em relação às ações passadas.

Numa situação que busca superar aspectos de uma carreira passada na criminalidade – que durou a maior parte da vida – e absorver as novas doutrinas religiosas, muitas incoerências podem acontecer. De acordo com Lemieux o interacionismo nos convida a considerar que os acidentes possam ocorrer num dado momento na reprodução do ego, mas que é possível que os indivíduos superem as contradições que surgem neles e, assim, consigam ser coerentes consigo mesmos. É preciso observar o trabalho de ajuste e consistência que é necessário que os indivíduos façam regularmente, em diferentes situações, para continuar sendo o que são aos olhos do outros, como são aos seus próprios olhos. Mesmo as pessoas mais aparentemente constantes em suas atitudes necessitam ser concebidas em equilíbrio instável e dinâmico e sua identidade deve ser pensada através de um desempenho que eles são levados a renovar em intervalos regulares de tempo. Experiências extremas de provações da humanidade (como estar entre a vida e a morte, no caso dos *bandidos*) chamam atenção às indeterminações constitutivas das identidades e das relações sociais, permitindo perceber com precisão os momentos de flutuação e tensão quando esses aspectos são colocados em jogo.

A característica dos testes – ou *provações*, no caso dos convertidos – é que os indivíduos saem necessariamente transformados, seja essa transformação consistindo na reafirmação de seu status atual, de sua identidade social prévia ou até numa mudança radical, como é o caso de *bandidos* que passaram por uma experiência de quase morte, exemplificada neste trabalho. Ao analisar a experiência dos campos de concentração relatada por Pollak, Lemieux conclui que essas *provações* (testes) extremas, além de nos transformar, mudam a aparência que podemos ter nos objetos mais comuns do mundo social.

Lemieux chama atenção para o potencial de subversão que deve ser considerado, para não cedermos a uma reprodução mecanicista da ordem social. É importante observar como os eventos diversos contribuem, em um grau ou outro, para questionar o lugar

ocupado por cada um dos atores. O postulado a *indeterminação* é relacionado ao “erro gramatical”, definido pela falta de respeito por um indivíduo de uma regra que seus parceiros esperavam vê-lo honrar. Isso pode deixar claro aos demais atores que o monitoramento das regras a que se obrigam não é necessário e faz sentir a indeterminação constitutiva de suas ações mútuas. O *erro gramatical* é explicado como o resultado de confusão entre duas *gramáticas*: a que é esperada pelos parceiros, mas não é honrada; e a que é honrada, mas não é esperada. Essa *gramática* sugere sentimentos de irrealidade e absurdo, e existe o perigo de sistematizar essas falhas gramaticais. No caso do crime, essas falhas possuem uma tolerância extremamente baixa e podem ter como consequência a morte ou outras consequências pesadas, como “uma surra bem dada, uma perna quebrada”, como relata um dos *ex-bandidos*, hoje pastor. Isso, justamente pelo perigo da falha se tornar sistematizada o que culminaria na falência da *firma*. Quanto à Igreja, a não ser que esse *erro gramatical* seja público – e existe um agravo caso a pessoa que o cometeu tenha cargo de destaque na igreja – o procedimento normal é o aconselhamento pastoral pessoal ou com outro membro que possui cargo na congregação. Caso seja um erro público, e este persista, e a pessoa não se arrependa e mude de atitude, pode-se chegar à consequência máxima da pessoa ser excomungada da congregação. Se o erro público for cometido por um membro que ostenta cargo de destaque, este deve pedir desculpas diante da congregação. Caso o erro persista e não haja arrependimento e mudança de rumo, a consequência é a expulsão.

A perspectiva de previsão da ação respeita o princípio da *indeterminação*, sugerindo que os indivíduos mudarão à medida que seu ambiente imediato muda. Existem “tendências para agir” (impulsos ou expectativas) que encontram explicação na continuidade mínima dos indivíduos relativas a seu passado. Essas tendências são comunicadas pela ação que realizam em uma situação particular de “gramática correta”, na qual podem mostrar-se defeituosos, já que seus impulsos são contraditórios com a ação da gramática esperada. Nossa investigação sobre as tendências manifestadas na ação dos indivíduos estudados foca tanto na trajetória de vida dos mesmos (antes da conversão, na carreira criminal, e após ela, na carreira de crente), quanto no período dos cultos e também nos momentos das entrevistas, que aconteceram em locais diferentes (casa dos atores, escritório pastoral). É possível entender como as formas de vida anterior e atual dos entrevistados fornecem razões para agirem de acordo com impulsos, expectativas e tendências manifestadas.

Lemieux conclui reconhecendo que os postulados do *pluralismo* e de *indeterminação* nos levam a uma visão diferente, na qual o teste pelos indivíduos, em diferentes níveis do que é instituído em seus relacionamentos, torna-se o elemento central de sua existência. Ele finaliza trazendo a ideia de que uma metáfora para essa visão de interação seria a improvisação musical: cada nova nota introduzida precede um desvio, constitui um teste que transforma o músico e seu público, e modifica em seus olhos o valor e o significado geral do trabalho que está sendo criado. As notas que estão por vir podem tornar-se previsíveis para quem conhece outras obras de mesmo tipo ou padrão, mas permanecem não menos indeterminadas, inclusive para o próprio músico. Quanto à emoção musical (alegria, decepção, lassidão...) que convence o músico e sua plateia, ela encontra uma explicação no fato de que as notas precedentes, e as reações dos outros, comunicaram certos impulsos e colocou-os em expectativa que a nota que acabou de ser tocada confirmou ou frustrou. Isso me remete aos testemunhos, *Palavras* e narrativas de vida que ouvi dos atores. A “edição” dos mesmos está em constante interação com o público, seja a Igreja, um fiel, ou o entrevistador, buscando escolher os melhores “takes” (as passagens e lições mais espetaculares) para que sua atenção, interesse e entusiasmo estejam sendo constantemente nutridos.

2.3 Entre duas carreiras

Durante a minha qualificação, tive a orientação de, ao invés de trabalhar com o conceito de *habitus* de Bourdieu para analisar o conjunto de práticas e hábitos que sustentam as identidades dos indivíduos (pré e pós-conversão), pensar essa questão à luz da perspectiva de “carreira” – no caso a carreira do crime e a da igreja, já que esta noção cruza duas perspectivas de vida: a de *bandido* e a de *crente*³³.

Muriel Darmon (2008) defende que a “carreira” é uma ferramenta da implementação de uma concepção de militância como processo, combinando uma análise abrangente das razões da atuação do indivíduo com a objetivação das posições sucessivamente ocupadas pelos mesmos, trabalhando em conjunto as questões de predisposições à militância (da ação a formas diferenciadas e variáveis no tempo de comprometimento, a multiplicidade de compromissos ao longo do ciclo de vida e a retração ou extensão dos

³³ Agradeço ao Prof. Dr. Diogo Correa, avaliador externo da minha banca, por essa instrução no momento da qualificação. A sugestão me auxiliou a analisar e a enxergar mais claramente semelhanças e diferenças entre as duas fases.

compromissos). A carreira também pode articular o tempo do indivíduo para diferentes tempos sociais, tempo de compromisso, tempo de ocupação ou tempo de algum processo longo e tem a vantagem de se atentar a variações ao longo do tempo nas disposições dos indivíduos e até a permissão de “dar um passo atrás” na hipótese do desmantelamento com o compromisso determinado. Pode ser usada para entender as restrições em ocasiões sucessivas que se impõem aos indivíduos ou que abrem espaço para a subjetividade. Mas também pode ser usado para combinar, no estudo de “militância moral”, a análise de sucessivas configurações de relações em que os ativistas estão envolvidos, “restrições estruturais movendo-se em suas margens de jogo” e a “dinâmica de transformações tanto objetiva, quanto subjetiva dos indivíduos” (DARMON, 2008, p. 150-151)

O conceito de carreira permite um “duopólio”: dos discursos, categorias, significados e pontos de vista acadêmico/sociológico e os do entrevistado. Darmon faz uma análise da anorexia como carreira, aos olhos das ciências sociais. Neste caso, a visão das ciências sociais se concentra no “contexto” histórico e social da doença; não em seu “conteúdo” e “coração”, sendo este trabalho do médico ou psicólogo. (*Ibidem*, p. 153)

No entanto, no caso da “anorexia” o conceito do uso de carreira proíbe o uso da abordagem patológica como explicativa.

Em termos de análise, isso significa que sempre que descobrimos algo que nos parece tão estranho e tão incompreensível que a única explicação que podemos dar é qualquer versão de "Eles devem ser loucos", devemos sistematicamente suspeitar que nos falta muito conhecimento sobre o comportamento que estamos estudando. É melhor assumir que tudo isso faz sentido e buscarmos significado. Este requisito geral da postura beckeriana destaca-se por excelência na análise de carreiras desviantes, como já se manifestou pelo uso do termo "contra-emprego", nenhum para apreciar carreiras exemplares (...) Deste ponto de vista, deve-se considerar anorexia em termos de carreira substituindo um requisito de conhecimento ("como alguém se torna anoréxico", raramente perguntado por médicos e psicólogos em relação à questão do "por que") a uma reação instintiva ("eles são completamente loucos") ou alguma forma de sua teorização, deixando inalterada a questão patológica. (*Ibidem*, p. 155, *tradução nossa*)

Então, o uso de carreira como instrumento de análise requer prestar atenção ao patológico como uma questão de designação em vez de uma suposta propriedade de pessoas e comportamentos. É uma questão de analisar a dimensão essencialista da questão (a sociologia não diz o que é normal ou patológico, mas se aproxima com ferramentas para analisar comportamentos vistos como normais e patológicos),

estudando, portanto, os processos de imputação e atribuição do patológico e suas determinações sociais, as lutas de designações nas quais elas são inscritas, os interesses dos diferentes grupos presentes, etc.

O conceito de carreira permite diferenciar categorias de objetivação sociológica de categorias nativas. Em contraste com uma visão da carreira como pura “descrição” dos discursos recolhidos, pode-se argumentar que a análise de carreira oferece a dupla vantagem de permitir contar – em uma oposição a uma sociologia que iria desqualificar – percepções, definições e experiências dos entrevistados e sua objetivação, com a análise sociológica desses discursos não se limitando ao seu registro passivo ou a uma formatação retórica simples. O modelo implícito do sociólogo que desenha a noção de carreira não é a de um separador onisciente e transcendendo o trigo e o joio em discursos, nem o de um simples contrabandista desses discursos (*Ibidem*, p. 157).

Darmon ilustra essa dupla dimensão no uso, para o nome das quatro fases da carreira anoréxica, uma dupla indexação: a primeira refere-se ao termo nativo que designa a fase, e a segunda propõe um termo de objetivação: (Fase 1) "Start": engate; (Fase 2) "Continue I": manter compromisso; (Fase 3) "Continue II": manter o engajamento apesar dos avisos e monitoramento; (Fase 4) "Ter cuidado": contar com a instituição. (*Ibidem*, p. 157). Os títulos analíticos dão a ideia do trabalho de conversão durante a carreira, consistindo numa identificação do “processo” central que organiza a carreira (levando a um trabalho de autotransformação) bem como pontos de opção que pontuam esse processo e delimitam fases analíticas neste tempo.

A autora cita que foi essa dupla operação de objetivação que o conceito de carreira tornou possível. Primeiro, tornou possível reaparecer, por trás da inclinação patológica, uma simples extensão da primeira fase (engate) que leva sem problemas a hospitalização pela perda de peso que implica todo o trabalho necessário em manter o compromisso com a carreira anoréxica: um trabalhar em técnicas de perda de peso, excelência na academia ou medição do corpo, ou mesmo, ainda mais profundamente, um trabalho de conversão diretamente relacionado com as disposições destinadas a possibilitar a manutenção do compromisso com a carreira anoréxica (*Ibidem*, p. 159).

Neste trabalho, foi necessário encontrar traços nas entrevistas, seja em outros momentos da entrevista, em formulações discretas, ou em respostas a questões específicas, encorajando uma análise do entrevistado focada na prática e no cuidadoso levantamento de diferentes ações e sua organização temporal. O conceito de carreira tornou assim possível esta primeira operação

de objetivação em relação aos discursos detidos pelos respondentes. (*Ibidem*, p. 159, tradução nossa)

Na descrição do fluxo contínuo, nas fases 2 e 3 (o “continuar” dos entrevistados) trata-se de uma fase de manutenção do trabalho de autotransformação. É uma fase em que esta manutenção requer um novo tipo de trabalho (discrção e atração) porque é rotulado como patológico e monitorado por uma comissão, segundo Darmon. “Todos os significados são elaborados em momentos presentes particulares. Todos os momentos passados são reconstruídos do ponto de vista de cada presente (Mead, 1932). Isso é inevitável e não há como consertar isso” (*Ibidem*, p. 160).

Longe de tornar o sociólogo prisioneiro dos discursos dos entrevistados e de sua visão necessariamente localizada em um determinado tempo e espaço social, a carreira, e o estudo das várias reconstruções que contém, permite tanto desengatar-se dessa visão, quanto levá-la para o objeto, objetivar, mas também propor interpretações sociológicas do material que constituem (*Ibidem*, p. 161).

A autora afirma ser a carreira um bom instrumento de “objetivação interacionista”, mas não significa que é sempre um instrumento suficiente. Deve ser usada especialmente para “recodificar” cursos que não são vistos como “carreiras” ou mesmo não são vistos como cursos, mas como estados.

Não seria necessário, no final deste curso, que a objetivação aparecesse como uma maneira simples de "marcar pontos" contra, e se destacar com toda a força de um duplo adversário, grupo de entrevistados e grupos profissionais concorrentes. Objetivar, é de fato, na tradição mencionada aqui para ampliar uma lacuna, tanto com a fala dos respondentes quanto com outros discursos aprendidos. Mas isso não é um jogo estéril ou um fim em si. Se é provavelmente difícil para as ciências sociais hoje pensarem verdade como um jogo de soma zero, onde não se pode estar certo sem que o outro estivesse errado - ao contrário dos tempos em que Durkheim metodicamente refutava todos os "fatores extra-sociais" para substituí-los às verdadeiras "causas sociais" do suicídio - mas sim como um espaço para verdades concomitantes ou paralelas, relativas a diferentes pontos de vista, essa tarefa é ainda mais essencial para trazer à existência um "outro" ponto de vista, de propor um "outro" discurso, uma ambição que é comum, como vimos, à profissão de sociólogo (...) (*Ibidem*, p. 167, tradução nossa)

Sociologia da conversão

A partir dos estudos sobre anorexia como carreira algumas surpresas surgiram na pesquisa de Muriel Darmon (2011), que acabaram por levá-la a examinar uma problemática de “identidade”: a noção de conversão, a partir de uma análise sociológica

das transformações individuais. Um dos objetivos deste estudo, nas palavras da própria autora, foi “propor uma análise de uma ‘obra de si’, isto é, uma obra de transformação da pessoa exercida sucessivamente pelo próprio indivíduo e pela instituição psiquiátrica” (p. 2).

Carreira anoréxica de fato surgiu como uma carreira de transformação radical de self, um avanço verdadeiramente planejado e sistemático que requer esforços e técnicas específicas e que podem ser observadas tanto em uma frente corpo ou alimento (para "fazer" um corpo anoréxico, pela dieta, as práticas, roupas ou roupas esportivas usadas no corpo, práticas de medição ou trabalho particular em sensações somáticas) como em uma escola ou em uma frente cultural (para "fazer" você mesmo uma cultura ou um nível de excelência escolar). Neste sentido, trabalhar na carreira anoréxica (...) é parte de uma análise sociológica das transformações de identidade e estilos de vida (...) dieta significa em grego ao mesmo tempo a dieta e o modo da vida. (DARMON, 2011, p. 2, *tradução nossa*)

A autora ressalta que, neste sentido, começou a procurar trabalho em casos de transformações radicais do indivíduo, realizando diversos estudos de caso e percebeu que os descobriu “o tempo todo no mesmo lugar” em termos de orientação sociológica: foi na linhagem sociológica das obras de Pierre Bourdieu que encontrou casos de transformação ou mesmo conversão de *habitus* que considerou mais relevantes em comparação com a carreira anoréxica da autotransformação (*Ibidem*, p.2).

Foi voltando à fonte teórica dessas obras que se tornou consciente do lugar especial concedido por Bourdieu ao conceito de conversão. Ela explica que na teoria do *habitus* a socialização familiar primária gera produtos que são particularmente estáveis e resistentes ao processamento. Neste sentido, evoca a inércia das disposições adquiridas, a resistência à mudança e a tendência do indivíduo perseverar na direção da socialização familiar. Darmon explica que “conversão” se apresenta sob três grandes figuras nos textos de Bourdieu: (1) a “conversão do olhar”, manifestada sob abordagem sociológica como forma de romper com preconceitos de sentido, uma “revolução mental”; (2) “conversão” ou “convertibilidade” de capital, como a conversão de capital econômico em capital cultural, por exemplo e (3) a “conversão radical”, como a substituição completa de um *habitus* para outro, designado em particular pelo termo grego *metanoia*.

O *habitus* é composto de "disposições irreversíveis", mas esse termo não é disposição definitiva, mas "uma disposição que não pode ser reprimida ou transformada, senão por um processo irreversível, produzindo por sua nova disposição irreversível " (...) deve ser visto como uma injunção (...) destacar, em cada caso observado o trabalho pedagógico e as condições que são

necessárias para que tal improbabilidade ocorra... (*Ibidem*, p.4, *tradução nossa*)

Darmon cita Durkheim que define a noção central da educação para uma “conversão lenta”:

"conversão verdadeira é um movimento profundo pelo qual toda a alma, girando em uma direção totalmente nova, muda de posição, atitude e mudanças, como resultado, no seu ponto de vista sobre o mundo (...) Esse mesmo deslocamento pode ocorrer lentamente, sob uma pressão gradual e insensível; e é isso que acontece através do efeito da educação " (Durkheim *apud* DARMON, 2011, p. 4, *tradução nossa*)

A autora exemplifica com o empreendimento jesuíta de acordo com a Evolução Pedagógica na França: um “sistema de envolvimento contínuo”, um “método apreendido”, que visa converter todos os alunos de uma vez para o modo de pensamento e o tipo de atitude que o colégio jesuíta exige deles, num ambiente moral profundamente homogêneo e não ambíguo, que “rodeia” o aluno e “o segue onde quer que ele vá”.

É o modelo de conversão religiosa que serve como um “protótipo histórico da alternância”. A alternância também é definida como uma socialização ou uma ressocialização que se assemelha à socialização primária em seu caráter radical. Ela, entretanto, difere, pois não é *ex nihilo*, e deve “desmantelar” e “desintegrar” os produtos das socializações anteriores. A conversão é, portanto, a substituição do irreversível pelo reversível, sendo a mudança e a transformação fenômenos constitutivos do mundo social, em particular para o interacionismo simbólico.

Ela também cita Strauss (Espelhos e Máscaras) e os diferentes “tipos de conversão”, dentro da ideia de que as vidas de homens e mulheres podem ser teoricamente descritas com uma série de mudanças de status e que as transformações pontuam o curso da vida adulta. Ela enfatiza a insistência na irreversibilidade: “uma vez que a mudança ocorreu, não podemos voltar atrás. Nós podemos olhar para trás, mas só se pode evoluir de seu novo status” (Strauss *apud* DARMON, 2011, p.7)

O estudo de caso escolhido por Strauss para ilustrar o “tipo de processo”, o “protótipo” da transformação individual é a lavagem cerebral na China comunista como “negócio de conversão coletivo”. Ele menciona as práticas que seguem a Revolução Chinesa, visando mudar profundamente a visão de mundo, gostos, comportamentos e fidelidades

de jovens estudantes e, em particular, para transformar sua relação com a família e seu passado. Um processo que envolve uma instituição total, e até totalitária, uma figura também radical da conversão como forma, novamente, de substituição do irreversível ao irreversível.

Darmon passa, então, a apresentar uma grade de análise sociológica dos processos de conversão e uma defesa e ilustração do uso do conceito. O primeiro ponto é que a “conversão torna possível pensar em conjunto sobre a mudança e a estrutura”. Questões sobre a conversão do corpo anoréxico trazem à luz a maleabilidade corpórea e mostra, em um caso extremo, como os dados aparentes do corpo podem ser produtos de um trabalho. Por exemplo, o trabalho sobre sensações somáticas e suas percepções (se acostumar com sensações positivas relacionadas ao estômago vazio e como é negativo e desagradável estar com o estômago repleto); um trabalho sobre gostos para construir hábitos e registrar a dieta do corpo (aprender a sentir gosto ou repugnância por alimentos). Todo o trabalho de transformação é constituído a partir de várias construções sociais que estão gradualmente sendo postas em prática. O que pode ser descrito como “disposições anoréxicas” é o registro de termos corporais usados pelos entrevistados para descrever seus processos (“despareceu”, “é mais forte que eu”, “estômago encolhido”, “não sentimos mais o gosto da comida, apenas as calorias que comemos”).

Todos esses registros evocam a força de disposições incorporadas e o poder da prática para fazer o corpo, e representar inseparavelmente a questão de sua capacidade de desfazê-lo. Esta é a questão que subjaz, por assim dizer, todo o empreendimento terapêutico. (*Ibidem*, p.9, *tradução nossa*)

Darmon defende que a conversão pode ser pela “prática” (e as disposições que ela pressupõe e gera, como concepções de mundo ou auto concepções e adesões, alianças), que busca objetivar os efeitos reais da transformação em mudanças nas práticas; ou pelas reivindicações de identidade. Esta última é uma conversão como “consciência”, discurso da modificação de si mesmo, como para viver e se dizer diferente para si mesmo ou para outros: é a transformação da representação ou da ideia que a pessoa tem de si. A pessoa “não é mais o mesmo de antes”, está mais para o “trabalho biográfico” (trabalho de construção das vidas pelo próprio indivíduo através de uma atividade coletiva, implementação da coerência da concepção e do discurso sobre si mesmo) do

que para os processos de socialização. Esse é o entendimento que Darmon quer dar ao termo.

A distinção é necessária para explicar os dois usos diferentes da noção de conversão, “prática” e “discurso”, objetividade e subjetividade. A natureza ideal da conversão muitas vezes combina ambos os aspectos sendo o ideal, claro, trabalhando em paralelo em ambos os registros. Há casos, porém, em que a “educação” não promove transformações práticas, seja porque não é a isso que ela se propõe ou porque o “aluno” não soube ou não quis aplicá-la, ou mesmo não a aplicou corretamente. A conversão de identidade, a partir de exemplo dado por Darmon, não se dá apenas na ideologia oficial, mas é resultado de um exercício educativo que inclui o fato de viver a conversão e saber falar sobre ela.

Por outro lado, haverá casos em que as marcas da conversão serão vistas somente na prática, mesmo que o convertido não fale sobre isso, mas ele experimenta e vivencia isso. Um exemplo que a autora cita é a “passagem no espelho”, falando sobre a conversão do estudante em médico: seus sonhos, suas piadas mudam ao longo dos anos e levam a marca da classe preparatória.

Os usos sociológicos em relação ao senso religioso ou comum insistem que a conversão faz parte de uma duração, evocando etapas que marcam e organizam as transformações de identidade, mesmo que essas etapas sejam acompanhadas de “momentos críticos”, aparentemente pontuais, mas que são decisivos para a consciência de um processo que as engloba. A caracterização da conversão pela duração também é encontrada em “La Reproduction” (Pierre Bourdieu) como indicado na proposta que define o trabalho pedagógico – “trabalho de enculturação que deve durar o suficiente para produzir treinamento sustentável, i. e., um *habitus*”³⁴.

A caracterização da conversão como um processo é inseparável de sua definição sociológica como trabalho: leva tempo e faz parte de estágios porque deriva ou se encaixa em uma obra particular de conversão. Este é um ponto particularmente destacado por Berger e Luckmann. Eles enfatizam que não é a crise mística que produz em si o convertido, mas a inscrição em uma estrutura social que “confirma” dia após dia os produtos da ressocialização e que permite permanecer convertidos: “fora da Igreja, não há salvação”, dizem-nos com humor, isto é, não realização prática da conversão. Poderíamos dizer, retornando o à fórmula de Durkheim de que “a conversão é uma educação”, que também requer tempo e práticas para produzir efeitos socializantes. (*Ibidem*, p. 14, tradução nossa)

³⁴ P. Bourdieu, J.-C. Passeron, *La Reproduction*, op. cit., p. 46-47. *Apud* DARMON, 2011.

Este trabalho pode ser a atividade de um indivíduo, do próprio convertido, ou ele pode ser o resultado de uma organização que coloca em equilíbrio, enfrentando a remanência e "irreversibilidade" dos produtos de socializações anteriores, através do poder institucional. Darmon observou esse trabalho institucional de conversão em uma pesquisa conduzida pela observação em grupos emagrecimento. Fugindo do discurso sobre "motivação individual" como chave para o sucesso do regime, a observação torna possível destacar o impressionante dispositivo de restrições que é implantado para tentar aproveitar ao máximo a modificação real do comportamento das pessoas. O sistema é organizado em torno de reuniões semanais, que são uma combinação do grupo de conversação e de sessão de treinamento coletivo fornecida por um "facilitador", que pesa os membros na chegada e apresenta-lhes, semana após semana, o "programa" que devem seguir e que é, portanto, destinado a obter uma mudança nas práticas e uma transformação de disposições individuais. "É da base constituída por esta reunião que realmente se desdobra uma instituição de conversão que não é total, mas não menos eficaz" (*Ibidem*, p. 14)

No sistema de controle, o comportamento dos membros baseia-se, antes de tudo, na pessoa do facilitador, que define-se como um "policia" ou "juiz atrás da mesa" - e atrás do equilíbrio; mas os facilitadores também alistam no controle institucional novos aliados que têm o efeito de estender os limites da instituição para fora da sala de reunião. Um controle delegado, é assim executado pelos participantes do programa em primeiro lugar, que estão assistindo uns aos outros, mas também pelos familiares pertencentes ao grupo doméstico do participante, a quem o programa pode desempenhar o papel de lembrete das diretrizes institucionais fora de suas paredes (*Ibidem*, p. 15)

Os limites da instituição e, em particular, do seu poder de conversão, não são, portanto, dados a priori. Eles são objeto de um trabalho para estendê-los. Agora, neste dispositivo de transformação institucional, a forma escrita desempenha um papel de instrumento de controle particularmente remoto:

“a escrita está em toda parte no programa (cartazes, folhetos, guias de programação... (...), e uma verdadeira "avalanche" de escritura "está derramando da sala de reuniões para a casa do aderente, onde os vários documentos que são armazenados e usados jogam tanto micro-lembretes para ordenar e realmente organizar o que parece ser um panóptico de papel, que, para usar a expressão de Foucault, "torna a vigilância permanente em seus efeitos, ainda que seja descontínua em sua ação " (...) A conversão que ocorre e que é baseada nesta Delegação bíblica de controle, é uma mudança de mundo ao mesmo tempo que uma conversão disposicional (*Ibidem*, p. 15, *tradução nossa*)

Com o exemplo, Darmon mostra que, por trás de qualquer conversão é preciso buscar mais especificamente o trabalho da instituição da qual a conversão emana e resulta. Mas é preciso olhar também para a pessoa do convertido. Estudar a força institucional envolvida nas conversões não é suficiente para dar conta de sua possibilidade. É por isso que na análise da conversão é preciso olhar para a conversibilidade daqueles em que ela se exercita. Apenas instituições totais são capazes de "converter" indivíduos, independentemente de qualquer predisposição social entre eles. Mesmo neste caso, a transformação não é certa, nem necessariamente definitiva.

A importância *sine qua non* das condições sociais de possibilidade no processo de conversão aparece muito claramente quando se leva em conta exemplos de instituições poderosas que não conseguem depender apenas do seu envelope institucional. Ela apoia a eficácia de sua ação num processo de seleção cuidadoso e focado em disposições e muito precisamente no espaço social. Por exemplo, na classe preparatória

Estudantes são cuidadosamente selecionados, com base em seu histórico acadêmico, de acordo com habilidades acadêmicas e sua relação com a escola. Eles devem manifestar a excelência acadêmica de um estudante do ensino médio, uma forma de docilidade acadêmica, mas seus dossiês devem, acima de tudo, ostentar a marca das potencialidades acadêmicas e escolares ainda não exploradas, um depósito de energia escolar disponível para a instituição preparatória. Se esta operação de seleção é tão crucial para a instituição, é porque o poder institucional de conversão não poderia ser implantado se certas propriedades dos estudantes não funcionassem como condições sociais de possibilidade de sua eficácia. (*Ibidem*, p. 17, tradução nossa)

A ausência dessas condições sociais de possibilidade culminam em falha no poder institucional aparentemente incontrolável de conversão.

A terceira proposta trazida por Darmon diz respeito ao empreendimento de objetivação da conversão pelo chamado para trazer à luz o espaço social na qual acontece. A autora trabalha com a ideia de que qualquer conversão é "orientada" para definir a tarefa de estabelecer suas coordenadas e especialmente sua inclinação no espaço ou no mundo em que ela ocorre.

No caso da carreira de conversão anoréxica, Darmon mostrou como o trabalho de transformação é orientado para práticas, conformações e usos do corpo, representações do destino corporal e social localizado no topo do espaço social, e como este trabalho através de uma luta destina-se a remover os aspectos mais populares como os mais

vulgares dessas práticas ou representações, às vezes nos sentimentos somáticos mais profundos. O trabalho realizado por grupos comerciais de emagrecimento é também direcionado para o topo do espaço social construindo implicitamente a figura de uma conversão como cruzamento do espaço social: do popular para a pequena-burguesia. Segundo a autora, a prática do próprio regime é socialmente divisora: é muito mais frequente nas classes média e alta.

Da mesma forma, para as mulheres, perder peso significa crescer no espaço social do corpo, já que o peso médio cai quando vamos de mulheres das classes mais baixas para as mulheres nas classes superiores. A receita proposta também é uma liminar para adotar comida limpa para as classes média e alta: cozinhas exóticas, crustáceos, peixes, frutas e legumes frescos... Além disso, a instituição pretende regular a vida dos membros bem além dos problemas de peso estritos. Ela joga nesse fato o papel tradicional de uma instituição de "moralização" das classes trabalhadoras desenhando os contornos de um ideal aderente, correspondendo a uma boa dona de casa da classe média. (*Ibidem*, p. 18, *tradução nossa*)

Este constitui um caso de conversão ascendente, refletindo a maior probabilidade desse tipo de conversão. Está incluída em um espaço social no qual as hierarquias respondem pelo maior interesse no que essas conversões podem representar e buscam justificar o importante trabalho que exigem.

Mas isso não significa que é a única direção possível, e você pode mencionar de passagem os exemplos literários da conversão descendente do príncipe no conto de Mark Twain, que levou a desaprender sua criação real para se tornar um pequeno ladrão de rua perfeito, ou a conversão "horizontal", convertendo capital econômico em capital cultural, um famoso exemplo é a da (...) filha de marceneiros se tornar professora. (*Ibidem*, p. 19, *tradução nossa*)

As propostas apresentadas por Darmon da utilização da noção de conversão fora do domínio religioso permitem pensar em transformações individuais. Da mesma forma que o conceito de "carreira" foi importado do campo de trabalho e profissões para permitir a análise sociológica de outros domínios, às vezes muito distantes, o conceito da "conversão sociológica" resultou de uma desterritorialização que o afastou o universo filosófico e religioso em que ele se originou.

No caso da carreira, o empréstimo do conceito baseou-se e alimentou um aspecto fundamental do paradigma interacionista: a ideia e prática científica de estudar da mesma forma, e usando os mesmos conceitos, o "normal" e o "desviante", atividades valorizadas e atividades desaprovadas, o "alto" e o "fundo" do espaço social (*Ibidem*, p. 20). Para Darmon, buscar na conversão um conceito generalista também pode trazer

contribuições substanciais para a caixa de ferramentas sociológica. Esse conceito permite analisar, mas também objetivar fenômenos que hoje são tematizados (mudanças individuais, conversões, reformas...) sem ser um prisioneiro de suas definições e teorias nativas.

Mais localmente então (...) o conceito responde à crítica costumeira da sua suposta incapacidade de analisar "mudança". Finalmente, parece-me que a noção de conversão pode constituir, se não for um terreno comum ou um espaço para diálogo entre sociologias, pelo menos um lugar onde pensar juntos sobre estrutura e processo, isto é, uma maneira de sintonizar - para terminar esta palestra em uma metáfora musical! - diferentes "pequenas músicas" sociológicas, diferentes maneiras de fazer sociologia. (*Ibidem*, p. 20, *tradução nossa*)

2.4 Metodologia

2.4.1 Ser afetado

Jeane Fravret-Saada (2005), a partir de seu trabalho etnográfico sobre feitiçaria no Bocage francês (*Deadly Words: Witchcraft in the Bocage, 1977*), discorreu sobre uma escolha metodológica que, em suas palavras, levou-a a “explorar mil aspectos de uma opacidade essencial [que ela define como inconsciente] do sujeito frente a si mesmo” (FRAVRET-SAADA, 2005, p. 161). Ao permitir-se “ser afetada” pela feitiçaria – o que, caso não acontecesse, encontraria sempre uma resistência por parte dos sujeitos nativos em falar sobre o assunto – ela faz da sua participação nos rituais, no fato de estar enfeitiçada e na vivência com os camponeses enfeitiçados e enfeitiçadores um instrumento de conhecimento, buscando compreender os sujeitos e o objeto de forma subjetiva, elevando assim a etnografia um nível acima do praticado pelos precursores.

Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações, percepções e pelos pensamentos” de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então de ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159)

Ela insiste sobre o ponto de que, o próprio fato de aceitar ocupar seu lugar na feitiçaria e ser afetada por ela abre uma comunicação específica com os nativos: “uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser

verbal ou não” (*Ibidem*, p. 159). É aí que se torna possível o gênero de conhecimento a que a autora visa.

Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo (*Ibidem*, p. 160)

A etnógrafa francesa argumenta que numa etnografia do *Ser Afetado* é preciso reconhecer que a comunicação etnográfica usual (comunicação verbal, voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas) é pobre e imprópria para a compreensão de aspectos não verbais e involuntários da experiência humana. Ela afirma, ao contrário, que é voltando sucessivamente a situações de comunicação involuntária e não intencional que sua etnografia é constituída e que a densidade particular dos materiais recolhidos faz com que “as certezas científicas mais bem estabelecidas sejam quebradas”.

No *Ser Afetado*, a diferença na precisão das análises em comparação às etnografias tradicionais está no fato de se ter convivido tanto tempo entre os sujeitos e o objeto; por ter escutado, além dos discursos de conveniência, uma grande variedade de discursos espontâneos; por ter experimentado tantos afetos associados aos movimentos particulares do objeto e, também, por ter visto os sujeitos fazerem tantas coisas que não eram ligadas ao ritual. Enfim: por deixar-se ser afetada pelo objeto, sem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar narcisismos e sem deixar o projeto de conhecimento perder-se em uma grande aventura.

Na análise que fazemos da Igreja Operando Deus e de sua dinâmica, o método do *Ser Afetado*, foi utilizado. Como membro de uma congregação cristã evangélica tradicional, também participei das atividades da Igreja Operando Deus (mesmo esta sendo de uma denominação diferente, com doutrina diferente) ocupando “o lugar no nativo”, buscando entender a apreensão subjetiva dos símbolos pelos membros da denominação, suas sensações, percepções e pensamentos, no objetivo de aproximar ao máximo esta análise de sua realidade.

Durante a minha caminhada cristã já frequentei muitas igrejas pentecostais, principalmente em função de apresentações e ministrações do grupo de rap cristão de

que participo (chamado VersoVivo) e de divulgação do projeto Rei das Ruas – esses dois projetos têm mais a adesão dos pentecostais. Por isso, apesar das igrejas pentecostais se diferirem uma da outra, era um terreno em que eu estava familiarizado com algumas situações. Durante as visitas que fiz na Igreja Operando Deus recebia e dava as boas-vindas aos membros, com a “Paz do Senhor”, saudação tradicional entre os pentecostais. Cumprimentava os “irmãos” e conversava como se fosse um membro da igreja. Cantava os louvores e fazia o esforço de tentar “entrar” neles, entregando-me no momento de adoração – os pentecostais são caracterizados por terem uma adoração intensa. E posso dizer claramente que “senti a presença de Deus”, assim como na Igreja que frequento, através de experiências diferentes.

Uma delas é que, durante os louvores e em outras partes do culto um shofar era entoado. Depois, nas entrevistas que fiz, descobri que, para eles, o shofar atraía a presença do Espírito Santo de Deus. Uma outra situação que aconteceu comigo foi a da liberação de profecia. Ao final de um culto do qual participei, num momento destinado à manifestação de dons espirituais, tais quais os de *palavra de conhecimento e profecia*, foram feitas diversas revelações e profecias sobre a vida dos fiéis. Como neste dia, uma quarta-feira à noite, a igreja não estava tão cheia, estava um pouco ansioso e, confesso, torcendo para que não viesse alguma revelação ou profecia sobre mim. Eis que o próprio pastor Daniel, de quem eu estava fugindo o olhar para não ser o escolhido, aponta para mim e diz: “Você!”. Eu olho para os dois lados, torcendo pra que ele não estivesse falando comigo. “Você mesmo!”. Pronto, eu suei frio. “Vejo diante de você algumas muralhas. Você pode até não estar vendo agora, mas Deus vai te dar a vitória. Mas vai ser preciso que você use a sua fé. Chegou a hora de colocar a fé em prática. O ingrediente para derrubá-las será a fé”. “Ufa”, eu pensei. Ainda bem que era só isso. Mas, confesso: aquilo pra mim funcionou como um grande incentivo. Pra mim, a primeira dessas muralhas era justamente o Mestrado, era entregar a minha dissertação e apresentá-la, empreitada da qual eu cheguei a desistir, mas depois fui convencido a prosseguir. Aquela palavra do pastor me encorajou a viver mais intensamente a dimensão da fé nesse momento decisivo, colocando os caminhos nas mãos de Deus, jogando minhas ansiedades e demais projetos sobre Ele, procurando descansar mental e espiritualmente. O intrigante é que, uma semana depois, durante um culto pentecostal no qual me apresentei com o meu grupo de rap VersoVivo, recebi uma palavra

semelhante de uma mulher membro da igreja em questão, em um momento de dispensação de dons espirituais.

Através de situações como essas pude entender que um dos grandes trunfos para a expansão pentecostal, sobretudo nas periferias, vem deste empoderamento, uma certeza que vem diretamente do sagrado, do *Senhor da vida*. A necessidade de forças, coragem, poder e perseverança para alcançar vitória sobre situações adversas, como a própria vida do crime, o vício em drogas como crack, a pobreza, faz entender o apego radical ao sagrado e o afastamento do mundo, porque só neste Deus é que consideram encontrar o suprimento para as suas necessidades. Ele *fala* também através de seus profetas – pastores, presbíteros, diáconos. O método do *Ser Afetado* me ajudou em outras várias análises, descritas no decorrer deste trabalho, que, muito provavelmente, não conseguiria realizá-las de outra forma.

Na minha experiência de vida no “Complexo da Penha”, em Vitória, localidade da minha pesquisa, entre os anos de 2008 e 2012 como usuário frequentador das bocas de fumo dos bairros que o compõe (Bairro da Penha, São Benedito e Bonfim) também vivenciei aspectos relacionados ao que Favret-Saada define como a perspectiva metodológica do *Ser Afetado*, como: (a) o contato direto e uma certa convivência com os sujeitos de minha tese – traficantes; (b) sensações e percepções de estar na mesma linha de risco do sujeito – em caso de batida policial, ambos iríamos presos; (c) comunicar-se de forma específica e “involuntária” com os sujeitos, apreendendo as gírias e expressões (símbolos) em uma “conversa de malandro” aparentemente desprovida de intencionalidade, mas buscando um limitado estreitamento de laços para conseguir a droga com melhor preço e melhor qualidade; (d) escuta de discursos espontâneos dos sujeitos e (e) sujeito fazendo coisas que não são ligadas diretamente ao tráfico de drogas, como jogando sinuca, tomando cerveja no bar, curtindo noitada e outros.

É claro que, na minha situação, eu estava afetado em relação ao meu objeto – neste caso, o tráfico de drogas, representando o mundo da criminalidade – já que me tratava de um usuário constante, mas não estava afetado em relação ao mundo do meu sujeito pesquisado, no caso, o do traficante (em que certamente existe uma complexidade peculiar). Entretanto, a posição que ocupava é vital para a existência do meu objeto, levando em consideração que, se não houvesse usuário, não haveria compra de drogas;

portanto não haveria venda, não haveria tráfico e não haveria o traficante, meu sujeito. A condição de existência do tráfico de drogas é a mesma de qualquer outro tipo de comércio: para existir a venda (traficante) é preciso existir a demanda pela compra (usuário). Fui, portanto, afetado pelo objeto como sujeito complementar ao mundo social de minha pesquisa, conseguindo, portanto, apreender, pela experiência e vivência dentro do objeto, certos símbolos, aspectos e dinâmicas do tráfico de drogas do Bairro da Penha.

É preciso salientar que, naquela época eu era recém-formado em Comunicação Social e sequer pensava na existência de minha dissertação, diferente de Favret-Saada que, apesar da intencionalidade da realização do trabalho, afirma que nos encontros com os enfeitados e desenfeitados deixava-se afetar, “sem procurar pesquisar, nem mesmo compreender e reter” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 158). Em dado momento, ela chegou a indagar: “Eu mesmo não sabia bem se ainda era etnóloga” (*Ibidem*, p.157). Além disso, um dos quatro traços distintivos da perspectiva metodológica do *Ser Afetado*, nas palavras da autora, é que:

As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

Isso me leva a crer em minha experiência de campo *sendo afetado*, como um elemento indispensável na condição de existência do tráfico – um de meus objetos – e do traficante – meu sujeito – vale como um dado etnográfico dotado de uma “densidade particular” (p. 160) – apesar de tratar-se de uma participação ocorrida há alguns anos, mas com muitas memórias e detalhes ainda claros – conduzindo-me a uma análise etnológica mais fiel e concreta do objeto tráfico/criminalidade.

Ao mesmo tempo, ainda é preciso fazer um esforço de apreensão subjetiva, como sugere Mauss³⁵, para buscar entender melhor a perspectiva do meu sujeito principal, o traficante, já que como *afetado* eu apenas cumpri o papel do sujeito complementar, indispensável para a compreensão do objeto, mas insuficiente para a compreensão daquele sujeito. Além da diferença de posições de ambos os sujeitos em relação ao tráfico, sendo um o sujeito ativo (traficante) e o outro o sujeito passivo (usuário), ainda

³⁵ LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 26

existe toda uma diferença social, tanto de classe social, quanto dos diferentes tipos de capitais: econômico, cultural e simbólico³⁶.

2.4.2 Narrativas de vida

Para cumprir com os objetivos do presente trabalho foram realizadas entrevistas do tipo “narrativas de vida” (BERTAUX, 2010) e entrevistas semiestruturadas tendo os sujeitos entrevistados dentro de uma *categoria de situação* determinada: homens, ex-trafficantes/criminosos, atuais frequentadores da Igreja Operando Deus e moradores do Bairro da Penha. A intenção foi realizar a análise das trajetórias sociais desses sujeitos, contidas nas narrativas de vida e buscar entender os fatores que os levaram à vida do crime e de que forma a conversão religiosa e a adesão à comunidade evangélica atua como uma via de fuga da criminalidade.

As narrativas de vida resultam de uma forma particular de entrevista, a entrevista narrativa, durante a qual o pesquisador pede ao sujeito/informante que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida, constituindo essa uma descrição mais próxima da história realmente vivida. Isso possibilita a compreensão do conjunto de fatos em sua evolução no tempo e permite perceber as lógicas de ação no desenvolvimento biográfico do sujeito e as configurações de relações sociais em seu desenvolvimento histórico (BERTAUX, 2010. p. 17).

Os sujeitos pesquisados no trabalho se enquadram nas *categorias de situação*, que são categorias nas quais eles apresentam características específicas aos olhos da administração e/ou do senso comum.

É a situação em si que lhes é comum. Essa situação é social na medida em que gera obrigações e lógicas de ação que apresentam vários pontos comuns, em que ela é percebida mediante esquemas coletivos e é, eventualmente, tratada pela mesma instituição (*Ibidem*, p. 27)

A utilização das narrativas de vida no caso das *categorias de situação* se mostra eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias,

³⁶ De acordo com definições de Pierre Bourdieu, o capital econômico está ligado aos meios de produção e renda; o capital cultural à escolaridade, diplomas, títulos, expressão oral e posses de obras de arte e o capital simbólico é referente à honra, ao prestígio, ao conhecimento e reconhecimento e corresponde ao conjunto de rituais (etiqueta, protocolo) que a classe dominante impõe às demais classes (BOURDIEU, 2008).

permitindo identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram à referente situação (traficantes), como se esforçaram para administrar a situação e, posteriormente, para superá-la, neste caso, a partir da conversão religiosa e adesão à comunidade evangélica.

As narrativas de vida conseguem levar o particular ao geral graças à descoberta de recorrências de um percurso de vida para outro e à construção de conceitos e hipóteses sobre essa recorrência, elaborando um modelo baseado em observações e rico em descrições de mecanismos e em proposições de interpretação de fenômenos.

Para descobrir generalizações é necessário dispor de uma série de casos dentro da categoria de situação determinada no projeto (saturação do modelo, adquirindo valor de generalidade), tornando possível a realização de comparações que compreenderão ao mesmo tempo semelhanças e diferenças.

Visto que nenhuma categoria de atores detém, sozinha, todo o conhecimento objetivo, e que a visão de cada uma contém sua parte da verdade, é pela comparação crítica operada pelo pesquisador que passa o trabalho de construção de um modelo de objeto de estudo (BERTAUX, 2010, p. 35)

Diante desses parâmetros, as entrevistas foram realizadas nas sedes da Igreja Operando Deus, no Bairro da Penha e na casa dos membros da igreja que se enquadram na *categoria de situação* descrita anteriormente, no objetivo de obter uma maior riqueza de informações e encontrar mecanismos, semelhanças e diferenças que auxiliem na análise da conversão dos ex-criminosos.

Além das entrevistas, como descrito anteriormente, realizamos uma descrição da Igreja Operando Deus, buscando entender sua doutrina, elementos e simbologia e participamos, tanto na forma da observação participante, quanto *sendo afetado*, de atividades promovidas pela Igreja.

Assim, construímos hipóteses sobre os tipos de elementos que permitem compreender como funciona o ingresso no mundo do tráfico de drogas e da criminalidade no Bairro da Penha e como se dá a saída deste universo pela via da conversão à religião evangélica, especificamente na Igreja Operando Deus. Nossa tarefa

(...) consiste em discernir no próprio campo ou pela análise dos materiais recolhidos, a presença de tais elementos; em identificar seus contornos, nomeá-los (procurar sua denominação adequada), encontrar as diversas formas sob as quais esses materiais lhe apareceram para se assegurar de que não são um simples produto de sua imaginação; consiste ainda em construir,

a título de hipótese, uma representação (um “modelo”) por meio do vocabulário sociológico existente ou, se houver necessidade, enriquecido (*Ibidem*, p. 39)

3. CAPÍTULO 3: DADOS ETNOGRÁFICOS

3.1 Bairro da Penha e a criminalidade

A relação entre o Bairro da Penha, localizado na Região 4 (Região Administrativa de Maruípe) de Vitória, e a cultura da violência existe desde sua ocupação inicial, que data de meados da década de 1950. Mesmo tratando-se de um bairro localizado em frente ao 1º Batalhão da Polícia Militar do Espírito Santo – o maior aparelho da PM no Estado – a criminalidade não só no bairro, mas na região do chamado “Complexo da Penha” – que envolve ainda os bairros Bonfim, São Benedito, Alto Itararé e Estrela – se perpetuou ao longo dos anos, a partir da manutenção de *bocas de fumo* famosas da capital Vitória em pontos cujo controle do tráfico é exercido por facções rivais – sobretudo no Bairro da Penha e no São Benedito – sendo o conflito entre essas facções a causa principal do assassinato, sobretudo de homens cada vez mais jovens, dos 15 aos 29 anos. O pastor Daniel Rocha, pastor-presidente da Igreja Operando Deus, relata que o sistema criminoso no Complexo da Penha evoluiu nos últimos anos.

Na minha época era mais de 300 homens. Era um sistema muito grande. Aqui vem São Benedito, Ponto Final, Rua do Pó, Beco 2... é um negócio muito grande e todos eram unidos. Hoje não é unido não. Depois da minha época que eu saí que isso estourou e ficou um contra o outro. Aí morreu mais de 26 homens. Disso virou uma guerra entre Ponto Final, São Benedito, Bairro da Penha, guerra entre eles. (...) Era tudo família. 300 homens, fora mais de 1000 dentro da cadeia. É muito homem irmão. (...) [Hoje] Tem mais, tem muito mais! Porque o negócio só cresce. Morre um hoje e aparece cinco amanhã. Aqui é um império irmão. Hoje o negócio tá muito mais evoluído que antigamente em todos os sentidos que você imaginar. Armamento, droga, até embalagem. Tudo mais desenvolvido do que antigamente! (pastor Daniel Rocha, 2018)

[Eu] E por que, ao seu ver, se desenvolveu, ao invés de murchar? Temos um quartel da PM em frente ao morro. Por que não existe uma diminuição no tráfico?

Porque a polícia não quer acabar com o tráfico. A polícia tem poder para acabar com o tráfico a hora que ela quiser. Só que não vale à pena. (...) Isso não é coisa para peixe pequeno. (...) Se o Estado quiser, ele acaba com isso aqui. (...) Tem como entrar nisso daí, colocar base militar e acaba com isso. Como se acaba com o negócio? Se instalando ali! (...) Não acaba porque não quer. Porque não é o total interesse. (...) Os menino tão pesadão de fuzil lá em cima. Então o policial vai entrar lá para botar em risco o dele, ganhar uma mixaria, sabendo que não vai ter solução. Ele já tá indo resolver um problema que não vai se solucionar. Isso é desanimador irmão. (pastor Daniel Rocha, 2018)

D.S., 43 anos, foi fonte para esta dissertação na época em que o trabalho não se limitava à Igreja Operando Deus. Ele, entretanto, também é ex-trafficante, morador do Bairro da

Penha e hoje é evangélico, frequentador da Igreja Batista Monte Sinai, que fica no próprio bairro. Sua narrativa de vida ilustra bem pontos importantes sobre o tráfico na localidade. Ele se envolveu com drogas desde antes dos 10 anos e ingressou no tráfico aos 26 anos de idade. Ele diz que

(..) Hoje os meninos tão envolvidos cada vez mais cedo. Tem menino de 10, 11, 12 anos que é fogueteiro, avião³⁷ (...) Quem chega aos 20 anos com vida é adulto, sobrevivente... (D.S., 2017)

A área onde se localiza o Bairro da Penha – nome fundamentado no fato de que muitos moradores no início da ocupação eram devotos de Nossa Senhora da Penha – pertencia à Fazenda Maruípe e foi doada ao Município de Vitória. A ocupação inicial se deu nos anos 1950 através de invasões pacíficas orientadas pelo Sargento Carioca, considerado um “xerife” pelos moradores (devido à sua postura autoritária). Ele era quem demarcava e indicava os lotes a serem ocupados, orientando os assentamentos – na mesma época, e da mesma maneira, o Sargento foi responsável pelas ocupações que dariam origem aos outros bairros do “Complexo da Penha” (São Benedito, Itararé e Bonfim) que eram, anteriormente, áreas de lavoura de culturas como café, cana-de-açúcar, milho, arroz e outros. Além dos moradores das proximidades que se instalaram na região, a maioria dos migrantes eram do interior do Espírito Santo, do Norte de Minas Gerais, Norte do Rio de Janeiro e Sul da Bahia³⁸.

Inicialmente, a ocupação do Bairro da Penha se deu na parte baixa do bairro, devido à maior facilidade de acesso a água, luz e transporte. Na época, havia uma grande divisão dentro na região e os territórios eram limitados pela Rua Ariobaldo Bandeira. Os moradores não podiam ultrapassar os limites demarcados do seu território e este fato foi causador de organizações de grupos e conseqüentemente de muitos desentendimentos locais. O perfil inicial da comunidade era de muita pobreza, as casas eram de estuque ou de madeira, cobertas por folhas de coqueiro ou palha e aos poucos foram construídos barracos de madeira, localizados na parte alta do morro e casas de alvenaria na parte baixa³⁹.

³⁷ O tráfico de drogas possui hierarquias, que vão do chefe ao “olheiro” ou ao “fogueteiro”, passando pelo “avião”, pelo “soldado”, pelo “vapor” e pelo “gerente”, cada um com funções e ganhos diferenciados. Informação disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/criancas-comecam-no-traffic-de-drogas-do-rio-aos-oito-anos-de-idade-diz-instituto-20091227.html>>.

³⁸ PMV. Disponível em <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>>.

³⁹ *Idem*.

Apesar da urbanização sofrida nas últimas duas décadas, o bairro continua com o perfil socioeconômico semelhante ao que se via no início de sua ocupação. Hoje o bairro da Penha é um dos mais habitados do município de Vitória (201 hab/ha) e a população é estimada em cerca de 10 mil habitantes, sendo aproximadamente um terço formado de jovens entre 15 e 24 anos de idade, com maior quantidade de mulheres. Mais de 60% dos moradores são pardos e cerca de 10% da população é preta, de acordo com dados do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cada domicílio do bairro possui entre 3 e 4 habitantes em média e o rendimento médio dos moradores vai de um a três salários mínimos⁴⁰.

O bairro é destaque nos noticiários televisivos, sobretudo da editoria policial e tem o estigma de bairro violento endossado mesmo pela plataforma digital Google – ao digitar “Bairro da Penha em Vitória” a primeira página apresenta somente notícias relacionadas à violência e ao tráfico e quando se opta pela aba “imagens”, as situações que aparecem são moradores carregando mortos, pessoas presas na delegacia, armas apreendidas e batidas policiais⁴¹. Estes fatos fazem jus aos indicadores de violência da região: na década entre o ano 2000 e o ano de 2010, o Bairro da Penha foi o segundo bairro de Vitória com maior perda de homens (505 mortos), ficando atrás somente do bairro vizinho Bonfim (769 homens mortos)⁴², que também faz parte do chamado “Complexo da Penha”.

[Eu] Como acha que o Bairro da Penha é visto por quem é de fora?

Péssimo. Um bairro de alta periculosidade, pela quantidade de traficantes, assaltante, homicida que tem aqui. Mais traficante. Que tem aqui. Aqui é potência do Espírito Santo. O lugar que tem mais donos do tráfico de drogas é aqui. (pastor Daniel Rocha, 2018)

O estabelecimento da região administrativa de Maruípe e mesmo o batismo de “Complexo da Penha” pelos agentes do Estado e pela mídia, se deu devido aos fatores socioeconômicos e elementos socioculturais que os bairros que o compõem têm em comum, o que nos remete às noções trazidas por Pierre Bourdieu (2004) sobre região. O sociólogo francês destaca que as relações de poder são estabelecidas na sociedade utilizando-se também de construções simbólicas, como a própria noção de região, e

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Acesso em junho de 2017.

⁴² PMV. Disponível em <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>>.

expõe que os intelectuais atuam dentro de parâmetros estabelecidos pelos grupos dominantes na sociedade. A classificação de um determinado local como região, segundo o autor, não resulta de uma decisão puramente científica, mas é resultado de uma construção simbólica, como produto de uma disputa entre diferentes áreas do saber pelo poder de definir os limites e os sentidos a serem atribuídos a uma região.

O Bairro da Penha encontra-se na Região Administrativa de Maruípe, em Vitória, região essa que engloba 12 bairros de características socioeconômicas e populacionais semelhantes – apenas dois se diferenciam dos demais, Maruípe e Santa Cecília, predominantemente de classe média – como a renda média entre um e três salários mínimos, a porcentagem de moradores pretos e pardos (acima de 60%) e a porcentagem de moradores adolescentes e jovens – próxima de um terço em cada bairro. Além disso, o Índice de Qualidade Urbana (IQU) – que engloba as dimensões educacionais, ambientais, habitacionais e de renda – médio dos 10 bairros de perfil popular na região foi de 0,44, em uma escala que englobou os 79 bairros de Vitória, tendo o bairro São Benedito, no Complexo da Penha, como o de menor IQU do município: 0,22. O maior ficou com o bairro Santa Helena (0,84)⁴³. Além disso, grande parte dos bairros da região se formaram a partir da ocupação do loteamento Vila Maruípe, intensificado na década de 1940 em virtude do aumento populacional decorrente do processo migratório de pessoas que chegavam à capital Vitória em busca de melhores condições de qualidade de vida. Todos esses fatores em comum influíram na classificação do local como região, auxiliando o poder público na administração e implementação de políticas públicas locais⁴⁴.

Cultura da violência no Complexo da Penha

Um outro fator social que é consequência dos indicadores econômicos e culturais locais, referindo-me aqui ao conceito de cultura estabelecido por Barth (1995), é a criminalidade na região. Barth diz que a cultura é induzida nas pessoas por meio das experiências – é constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado; é caracterizada por uma continuidade complexa e padronizada; é algo distribuído por intermédio das pessoas, entre as pessoas, como resultado de suas

⁴³ PMV. Disponível em <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores/iqu/ranking.asp>>

⁴⁴ PMV. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_regiao/regiao_4/regiao4d.asp>

experiências; e que a cultura está em um estado de fluxo constante, sendo os materiais culturais constantemente gerados.

A gente fazia o que os garotos mais velhos, os adultos também fazia (...) bebia, cheirava cola, fluido, fumar maconha, cheirar cocaína, tráfico, furto, roubo, arma (...) a gente aprendia (D.S., 2017)

O pastor Washington, conhecido como “Brown” na época do tráfico, é considerado pelos antigos envolvidos da Igreja Operando Deus como o “mais pesado” de sua época. Ele cumpriu cerca de dez anos de cadeia por diversos crimes e conta como foi envolvido por uma espécie de cultura da criminalidade no Bairro da Penha.

E quando completei 15 anos comecei a ver a vida de outra forma. (...) O ambiente traz a modificação na vida das pessoas, até mesmo o bairro pode trazer a mudança na vida das pessoas. (...) E quando fui crescendo, comecei a ver a criminalidade aqui no bairro. Porque no bairro onde tem tráfico, onde tem homicida, onde tem prostituição (...) Com 10 anos comecei a ver corpos no chão estirados, trocas de tiros, pessoas correndo pra cá e pra lá, pessoas chorando, pessoas usando drogas, se prostituindo, e tudo aquilo foi como um filme entrando dentro da minha memória, dentro do meu coração. (...) E a criança vai crescendo revoltada, com uma mentalidade criminal à qual a tendência é piorar, é virar uma pessoa totalmente desequilibrada. Fui vendo que o ambiente, o morro, mostrava pra mim só coisas más. (...) Com 12 anos eu peguei o meu primeiro cigarro para dar o meu primeiro trago. Comecei a ver a vida de outra forma, não somente olhar, mas querer também experimentar. Agora o meu primeiro cigarro de maconha. (...) Comecei a ver no morro os traficantes traficando, comecei a ver no morro a vida do traficante de luxúria, de marca, se vestir bem, era até mesmo ostentar o que ganhava. E na minha juventude eu via aquilo. E enquanto eu não podia ter uma bermuda de marca, uma camisa de marca, o traficante podia. Comecei a ver o traficante andando de cordão, andando por cima, e eu comecei a ver: como pode, ele tem tudo e eu não tenho nada! (...) Eu comecei a cometer pequenos furtos, a roubar, a assaltar a entrar na vida do crime. Com 16 anos eu já estava portando uma arma, assaltando, entrando dentro de supermercado, botando todo mundo no chão, entrando até mesmo dentro das empresas e botando todo mundo dentro do banheiro e cometendo meu primeiro delito. (...) Eu comecei a esconder drogas, a guardar as armas. Ali eu estava apenas começando. (...) comecei a ir para a boca de fumo e a traficar. (...) cada dia que eu traficava, mais eu gostava porque o dinheiro vinha fácil. (pastor Washington, 2017)

Existe um ciclo cultural da violência, sobretudo nos bairros classificados pelos delegados da capital Vitória como “Complexo da Penha”. Essa definição, inclusive tem uma origem curiosa: tornou-se popular no meio policial e, posteriormente, no meio jornalístico capixaba, após a invasão do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, pelas forças policiais e pelo exército, no final do ano de 2010, buscando acabar com o controle do tráfico de drogas da região carioca. O episódio foi televisionado em tempo real em todos os principais noticiários das TVs aberta e fechada brasileiras, tornando-se

assunto principal entre os brasileiros durante semanas. O Complexo do Alemão tem o Morro do Alemão como sua principal comunidade e outros 14 morros e favelas que com ele fazem divisa. Assim é também o Complexo da Penha, que é formado pelos bairros da Penha, São Benedito, Bonfim, Alto Itararé e Estrela, que ficam em um mesmo maciço rochoso, limítrofes e de recorrentes ocorrências policiais. O nome foi dado primeiramente pelos agentes da polícia capixaba e depois foi reproduzido nos noticiários dos principais veículos de comunicação do Estado⁴⁵, devido à forte relação dos bairros com a criminalidade, sobretudo à constante guerra entre facções rivais pelo domínio do tráfico de drogas na região.

Não é possível determinar onde este ciclo cultural da violência tem início. Sua composição abrange características e consequências de dimensões econômicas, políticas, educacionais, jurídicas e principalmente, de acordo com os entrevistados, familiares. Estatísticas do Fórum Nacional de Segurança Pública⁴⁶, dão conta de que a maioria dos brasileiros vítimas de homicídio ou presos nas cadeias e unidades de internação socioeducativas no Brasil têm idades entre 15 e 29 anos, são pobres, negros ou pardos, moram em bairros de periferia e têm apenas o ensino fundamental completo. Baixa qualidade das políticas públicas relacionadas à educação, saúde, geração de renda e emprego, habitação e saneamento, aliada a uma sociedade que associa o consumo à obtenção de sucesso e status social são algumas das características que contribuem para o envolvimento no tráfico de drogas. Entretanto, a frágil estrutura familiar, sobretudo com os responsáveis envolvidos em problemas de violência e/ou vício em drogas, foi um fator recorrente encontrado nas narrativas dos sujeitos deste trabalho para a entrada na carreira de traficante.

Passei por muito sofrimento com meus pais brigando por causa do alcoolismo. Eles com alcoolismo discutindo, brigando. E uma coisa que criança tem é sentimento e memória para guardar as coisas. Fui crescendo vendo tudo aquilo acontecendo. Estava vivendo num lar com muita angústia. Um dia vi meu pai sendo preso e era muito apegado com ele, mesmo estando na porta de bar queria estar com ele. (pastor Washington, 2017)

Quando fiz meus 13, 14 anos, meu pai se separou da minha mãe. Meu pai (...) me humilhava, me batia (...) Meu irmão assaltante, minha irmã lésbica, eu traficante, você vê que família. Meu pai e minha mãe separados. Meu irmão já tinha sido preso quatro vezes, na última tomou 9 anos. (pastor Daniel, 2018)

[minha família era] Totalmente desagregada. Eu até os 4 anos de idade morei com a minha mãe. Com seis meses na barriga da minha mãe, meu pai largou.

⁴⁵ PMV. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_regiao/regiao_4/regiao4d.asp>

⁴⁶ LIMA, R. S.; BUENO, S., 2016.

Me deixou, abandonou minha família. Eu sou filho mais velho de cinco irmãos por parte de mãe e seis por parte de pai. Meu pai, cada um filho é uma mulher diferente. E eu sou o mais velho, sou o primogênito. E minha família, eu nunca tive auxílio do meu pai, ele nunca me deu nada, nunca me ajudou. E com quatro anos eu fui entregue aos meus avós. (pastor Wadlei, 2019)

Em todas as entrevistas, o tráfico se mostrou o meio mais rápido de se alcançar a independência financeira, de poder adquirir os produtos da moda, usados pelos traficantes mais velhos, divulgados através de exaustivas campanhas publicitárias nos meios de comunicação que despertam desejos que demorariam mais para ser adquiridos pelos meios legais. Além disso, ter mais dinheiro significa ter acesso mais fácil ao sexo, à promiscuidade, às drogas e à ostentação, aspectos que fazem parte da identidade de alguns traficantes e até de ídolos artísticos, que muitas vezes são as referências que os mais jovens têm. Este aspecto em específico, é constatado em quatro anos que participo do Projeto Rei das Ruas, de atendimento sócio-espiritual a adolescentes que cumprem medida de sócio educação nas unidades do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases).

Além do iminente perigo de morte ou da provável passagem pela cadeia, uma das consequências dessa cultura entre os homens, seja no Bairro da Penha ou em outras periferias brasileiras, é a proliferação de mães solteiras e de mulheres na cadeia. Dados empíricos da Coordenação Estadual Sobre Drogas do Governo do Espírito Santo (GOUVÊA, 2017), dão conta de que 90% das mulheres nos presídios capixabas são esposas de traficantes e não necessariamente tinham participação ativa na compra e venda de drogas. Outros dados empíricos do projeto Rei das Ruas na Unidade Feminina de Internação (UFI), unidade do Iases onde adolescentes do sexo feminino de até 18 anos estão privadas de liberdade, mostram que aproximadamente 25% das meninas já são ou serão mães solteiras (pois estão grávidas), a maioria delas fruto de relações com traficantes⁴⁷.

3.2 A Igreja Operando Deus

A sede da Igreja Operando Deus é localizada na parte baixa do Bairro da Penha, em Vitória, na Avenida Robert Kennedy, que passa também pelo bairro Itararé. Essa

⁴⁷ Dados empíricos até o mês de junho de 2017.

avenida possui muitas igrejas ao longo de sua extensão. Em menos de 50 metros, além da Igreja Operando Deus, há uma Igreja Maranata e a Igreja de Nova Vida. A sede possui dois prédios, sendo o principal o santuário, onde acontecem os cultos, e o anexo, o que abriga salas para as escolas de estudo e demais projetos. A porta do santuário é de vidro transparente para e nos momentos de culto é possível que as pessoas passem e vejam e até assistam de fora. A Operando Deus possui uma filial no bairro Flexal II, na periferia do município de Cariacica, e um Centro de Recuperação para dependentes químicos chamado “Casa do Oleiro”, que também se localiza em Flexal II.

Daniel Rocha, pastor-presidente da Igreja Operando Deus, conta que iniciou seu ministério pastoral por volta do ano de 2011, em uma outra igreja, uma Assembleia de Deus, próxima à Igreja Operando Deus, e cerca de dois anos depois fundou a “Assembleia de Deus: ministério operando deus quem impedirá”, cujos prédios são os mesmos da atual congregação. Entretanto, em meados de 2017, a placa da igreja mudou de nome, apenas para “Operando Deus”. O pastor afirma que se trata de uma congregação de “vertente assembleiana”, mas preferiu tirar o nome “Assembleia de Deus” da placa porque considera que a Operando Deus possui características distintas de outras Assembleias, denominação evangélica de maior amplitude no Brasil.

Nós somos uma assembleia fora da forma, irmão. Nós quebramos a forma da assembleia. (...) Porque assembleia é uma reunião para Deus. Uma assembleia é onde se reúnem pessoas para falar sobre algo para Deus. Cada uma tem a sua característica dentro dela, a visão de como vai trabalhar, as estratégias de trabalho (...) A gente ajuda bastante pessoas carentes, que vem dessa vida, mas também qualquer tipo de pessoa, como advogado, médico, o que precisar ela vai ter ajuda espiritual. (...) A gente não usa o nome Assembleia de Deus. A gente usa o nome Igreja Operando Deus. Assembleia de Deus tem um monte. (...) Se você chegar na porta ali você vai ver o nome Igreja Operando Deus. (...) Tem igreja que nem documento tem, não tem diretoria, não tem nada. Graças a Deus aqui nós temos um trabalho certo, dentro da lei. O que difere, depende. Usos e costumes? É vestes? Na nossa igreja os irmãos usam bermuda, usam calça, as mulheres podem usar calça, bermuda, porque essa é uma diferença da nossa igreja das outras assembleias de Deus. Geralmente não pode usar bermuda. Mas isso não é bíblico, Jesus nunca falou de vestes. (...) É lógico que não tô falando de lascívia. A gente tem que ter pudor e modéstia. (...) (pastor Daniel Rocha, 2018)

Segundo Paul Freston (1994) a característica das Assembleias de Deus tradicionais é o batismo no Espírito Santo e o dom espiritual do falar novas línguas. Mas, ao analisar o discurso do pastor presidente e ao participar dos cultos da Igreja Operando Deus, diversos elementos são evidenciados que a distingue de uma Assembleia tradicional. O dom do batismo no Espírito Santo e do falar em línguas são características fortes, mas

outros têm uma participação fundamental na identidade da Igreja – e cabe aqui salientar que a quantidade de dons e até a definição dos mesmos pode variar muito entre as igrejas. Os dons que aparecem mais constantemente são os que os pastores definem como dons de “visão” (“Deus me mostrou...”) e de “revelação” ou “profecia” (“Deus me disse que...”). Nos cultos de quarta-feira à noite, que vão das 19h30 até as 22 horas, a parte final é toda dedicada à demonstração desses dons, sendo pastores, presbíteros e obreiros utilizados para entregar essas mensagens espirituais. Eu mesmo recebi uma profecia ao final de um culto de quarta-feira do qual participei, diretamente do pastor Daniel.

Algumas características da Igreja Operando Deus flertam com o neopentecostalismo. Segundo afirma Garcia (2017), as igrejas neopentecostais promovem a valorização da autoestima dos fiéis a fim de alcançarem, dentre outros fatores, a prosperidade financeira, sendo a “Teologia da Prosperidade”, fator marcante nessas congregações. Na Igreja Operando Deus, nos cultos que participei, alguns fiéis testemunharam sobre situações em sua vida que Deus os honrou com prosperidade financeira, e também algumas das revelações e profecias eram relacionadas a crescer financeiramente, comprar casas e carros, etc. Em situações específicas, em que a Igreja precisava pagar contas de luz da Casa do Oleiro e também que construiria um novo templo em Cariacica, os pastores e presbíteros pregavam retorno financeiro aos que se dispusessem a doar.

Para o pastor Wadlei Polese, responsável pela filial de Flexal II, a prosperidade financeira é também um sinal da conversão religiosa da pessoa. Existe, inclusive, uma lógica espiritual para que o fiel prospere financeiramente, que se baseia na fidelidade em dízimos, ofertas e primícias – esta, na Igreja Operando Deus, é o valor equivalente ao salário mensal dividido pelos dias do mês (30 ou 31), que é entregue ao pastor-presidente.

A prosperidade financeira ela não é só a prosperidade pra mim. (...) é quando você prospera pra você e também para outras pessoas. (...) É eu ter também para estar ajudando a você. Hoje eu falo que sou uma pessoa próspera. Porque hoje eu tenho uma condição de me ajudar e ajudar outras pessoas também. Isso que é prosperidade financeira. (pastor Wadlei, 2019)

[Eu] A pessoa saber utilizar bem o dinheiro é um sinal de conversão?

Sim. Antigamente eu usava meu dinheiro saindo comprando tudo o que eu queria, que eu via, gastava dinheiro. No tráfico ganhei muito dinheiro. (...) Então eu não soube aproveitar esse dinheiro. Que ao mesmo tempo que eu tava com R\$ 1.000, ao mesmo tempo eu não tava com esses mil reais.

Gastava tudo com droga. Então quando você se converte, você aprende a administrar aquilo que Deus te deu, porque você ganha ele de uma forma suada, você trabalha. O que você adquire não é assim, de uma forma ilícita, que você vai achar de novo no mesmo lugar. Ali é suado. (pastor Wadlei, 2019)

[Eu] Existe uma lógica espiritual da prosperidade financeira?

Sim. Fidelidade para com Deus. (...) A Bíblia diz que devemos honrar o Senhor com nossos dízimos e nossas ofertas. Então quando nós honramos ao Senhor as janelas do céu se abrem. (...) Quem abre a janela é quem tá por dentro. Quem tá por dentro é Deus. Ele é o dono do ouro e da prata. Somente Ele. Só Ele. Igual... hoje na presença de Deus você não tem o que você tinha no mundo, você sabe disso. Então isso é realidade. Eu vejo pessoas que hoje poderiam estar muito bem estruturadas, mas pela infidelidade dele para com Deus, eles não conseguem adquirir. E o primeiro de tudo é a primícia. Primícia é o primeiro. Antes de você tirar o dízimo você tem que tirar sua primícia. (pastor Wadlei, 2019)

Uma outra característica que as distingue das assembleias tradicionais são os símbolos físicos. Sendo a Assembleia de Deus a maior denominação pentecostal do Brasil com milhares de ramificações, é de se esperar que também nesse aspecto elas se difiram bastante. Para Geertz (1989) a própria religião é

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras, disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos, de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.104-105)

O próprio pano de fundo do altar já é um imenso banner que apresenta a figura de um pastoreiro com ovelhas e os dizeres “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”. O púlpito é de acrílico transparente e nos compartimentos do mesmo estão dispostos um candelabro – *menorah*, elemento significativo da cultura judaica, a única iluminação existente no Lugar Santo do Tabernáculo na época do Êxodo, representando Cristo como a *luz do mundo* a partir do Novo Testamento⁴⁸ – e um vaso com óleo ungido – usado para unguir os membros em diversos momentos, como nos de transição de hierarquias, nos *propósitos* a serem perseguidos e nas consagrações ministeriais. O shofar é um elemento central na celebração dos cultos, sempre tocado enquanto os louvores são entoados. Segundo o pastor Wadlei, o toque do shofar tem diversos significados, já que “são quase três mil toques diferenciados”. “Mas o principal deles é a presença de Deus”,

⁴⁸ CARVALHO, Claunísio A. **O candelabro**. Estudos Gospel.
In: <<https://www.estudosgospel.com.br/estudo-biblico-evangelico-diversos/o-candelabro.html>>

afirma. Em determinados cultos e fotos de divulgação o pastor-presidente usa um *talit* (espécie de xale com franjas pendentes em seus quatro cantos, que os judeus usam). Em épocas em que os membros estão em *propósito* – definidos pelo pastor Wadlei como ações práticas que o fiel adota durante um tempo determinado para alcançar um objetivo, seja qual for – que envolve humilhação, adotam práticas semelhantes às judaicas como a restrição alimentar (jejum) e outras, como descrito.

Antigamente quando eles faziam esse propósito, se humilhavam e colocavam roupa, de pano de saco. Só a cinza que a gente não joga, mas unge a nossa cabeça com óleo, entra descalço dentro da Igreja, usa uma roupa como se fosse a piorzinha e se humilhamos diante do Senhor, que a Bíblia diz “humilhai-vos perante a Deus”. Então devemos se humilhar diante de Deus. (...) O [objetivo do] jejum da humilhação é a exaltação de Deus na nossa vida. (pastor Wadlei, 2019)

Na entrevista que fiz com o pastor-presidente Daniel Rocha, recebi de presente uma sacolinha com terra do solo de Israel. Segundo ele, o fato de ser uma “terra santa”, onde Jesus Cristo pisou, nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, a difere de qualquer outra no mundo. É nítido como os símbolos da cultura e religião judaica são presentes nos cultos e vistos com propriedades sobrenaturais, o que a torna uma congregação distinta da Assembleia de Deus tradicional e, nestes aspectos, assemelha-se mais a igrejas de cunho neopentecostal, como a Universal do Reino de Deus, presidida pelo bispo Edir Macedo. Em 2014, a Universal inaugurou o Templo de Salomão, uma mega obra, réplica do Templo bíblico, que apresenta diversos elementos judaicos, como o próprio candelabro, as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos, réplica da arca da aliança e os pastores e bispos presidem os cultos vestidos com o *talit* e, por vezes, com o *kipá* (ou solidéu) – vestes típicas dos rabinos.

Muito embora o pastor fale sobre uma determinada liberdade nas vestimentas, parte do que ele caracteriza como “usos e costumes”, a grande maioria dos convertidos comparece ao local de culto vestido de calça e camisa (homens) e de saia abaixo do joelho, calça ou vestido (mulheres). Os pastores, presbíteros e diáconos da igreja estão sempre vestidos de roupa social – pastores e presbíteros normalmente com terno – sobretudo nos materiais de divulgação (banners de eventos no santuário da igreja ou no site). Os ministros de música e eventuais evangelistas que sobem ao púlpito para pregar a Palavra também estão normalmente vestidos com roupas sociais.

A sequência hierárquica na Igreja começa com os convertidos que são levantados a obreiros, depois diáconos, presbíteros e pastores. Além deles existem os ministros, relacionados aos ministérios de música, dança, teatro, ensino bíblico, etc. E os evangelistas, que são chamados para pregar a Palavra e levar as pessoas à conversão – subentende-se que todo o convertido realize esse mandamento, mas para o evangelista isso é mais forte, é um ofício.

[Eu] E as funções... Um obreiro ele faz o que?

O serviço dentro da Igreja, de limpar a Igreja, deixar o altar limpo, de servir uma água, de recepcionar as pessoas, de estar ajudando os afazeres da Igreja. Um diácono ele prepara as coisas de dentro da Igreja, Santa Ceia, incumbido de fazer compra, de observar um copo que tá faltando, desses tipos de coisa. Os presbíteros já está mais na direção da Igreja, de dirigir, aconselhar, orar, visitar hospitais. (...) E o pastor é de cuidar (...) (pastor Wadlei, 2019)

[Eu] E o evangelista?

(...) ele vai até os lugares para levar o Evangelho. Ele não fica só dentro da Igreja. O evangelista ele já vai fazer as missões. Vai pros lugares, prega, leva o amor de Cristo, vai para os lugares para trazer almas pra Igreja, convida as pessoas... E o pastor já cuida dessas pessoas. O evangelista vai, chama você, fala do amor de Cristo pra você, aí você vem fazer uma visita e ali você cuida dele, você vai tratando, você vai alimentando ela, vai cuidando do espiritual, *pagando preço*⁴⁹. (pastor Wadlei, 2019)

Na Operando Deus, o que credencia a passar de uma hierarquia para a outra é a profundidade da entrega de cada pessoa, o envolvimento dela com a comunidade eclesial e o aprofundamento das disciplinas espirituais e conhecimento bíblico. No meu primeiro culto na Operando Deus, vi o então presbítero Wadlei sendo *levantado* a pastor. Enquanto nas igrejas tradicionais, para se tornar pastor o pretendente deva, além de sentir-se *chamado por Deus* para o cargo, cursar um seminário teológico com duração mínima de três anos, servir na Igreja, ter boas referências de outros pastores e passar por um concílio para, então, ser ordenado, na Igreja Operando Deus tudo acontece pelo “poder do Espírito Santo”.

No meio do culto daquela quarta-feira, o pastor Daniel recebeu um “toque do Espírito Santo de Deus” para ungir o presbítero Wadlei como pastor. Na Bíblia, o então pastor de ovelhas Davi foi ungido Rei de Israel quando Deus falou ao profeta Samuel para fazê-lo. Os mesmos símbolos foram usados. O óleo ungido foi derramado sobre a cabeça do pastor consagrado e, uma coisa intrigante, trouxeram um cajado da pastora

⁴⁹ “Pagar o preço” é orar e jejuar pela pessoa, visitá-la, acompanha-la espiritualmente, aconselhá-la. Gastar tempo – ou investir – para que essa pessoa se estabeleça e fique firme na fé.

Roqueline – soube que era dela, pois tinha o seu nome escrito – esposa do pastor Daniel Rocha, para que Wadlei pudesse segurar, enquanto estava ajoelhado, sendo ungido. Além do muito *falar em línguas*⁵⁰, sem intérprete – isso durante todo o culto – o pastor Daniel consagrou o presbítero Wadlei com tanto “poder”, que o jogou deitado no chão, e ele chegou ao chão como que desacordado. Ao final do culto, o, agora, pastor Wadlei, falou que esperou muito por esse momento, mas ficou surpreso em ser naquela hora. O filho dele estava com ele e se emocionou, falou que teve *revelações* de que o pai se tornaria pastor. No final do culto conversei com Wadlei e ele disse: “pastor, rapaz... quem diria!”.

...Naquele dia [culto que eu estava] foi diferente. Eu nem sabia que eu ia ser levantado a pastor. Ali foi o Espírito Santo de Deus que conduziu o pastor Daniel a ter me levantado como um pastor. Porque já fazia essa função de pastor, de cuidar das ovelhas, de pastorear, só não podia realizar casamento. E hoje não, hoje já posso realizar um casamento, já posso fazer algumas coisas além do que já fazia antes. (...) É porque o que acontece... O estudo é bom? É. Mas quando você tem algo... igualzinho o pastor Daniel, ele não tem nada. Não tem teologia, não tem nada disso. (...) Mas essa inteligência que Deus deu a ele é grande, enorme. Então o estudo, a ciência do homem não é tão grande como a ciência de Deus. (...) Se você olhar na Bíblia teve homens que não sabiam fazer nada, e apenas Deus entrou com poder dele e as pessoas aprenderam a fazer, a Arca de Noé por exemplo. Então isso são dons que Deus dá a quem Ele quer e da maneira que ele quer. (pastor Wadlei, 2019)

Vale ressaltar que as mulheres têm o seu lugar até como pastoras, a exemplo da pastora Roqueline, esposa do pastor-presidente. Embora ela tenha liberdade para falar no púlpito, quem comanda as celebrações é sempre o pastor homem. Cunha (2017) fala sobre este fator que explica a grande adesão feminina às igrejas pentecostais. Para ela, no ambiente das periferias brasileiras, onde há presença massiva de mães solteiras com número de filhos, o empoderamento dessas chefes do lar – e mesmo das mulheres que ainda não o são – pode passar pela filiação às denominações pentecostais, onde há abertura para que elas ocupem lugares de liderança como profetizas; ministras de cura, de música e da Palavra; fundadoras de igrejas, evangelistas, pastoras e bispas, apesar da resignação ainda existente à estrutura patriarcal evangélica. Observamos as mulheres, na Igreja Operando Deus, liderando ministérios, sobretudo de música, dança e infantil. Mas a presença delas nos cultos é maior do que a dos homens.

⁵⁰ Dom espiritual em que os fieis falam em “línguas estranhas”, consideradas “línguas dos anjos”, através das quais, muitas vezes, são entregues profecias. A passagem de 1 Coríntios 14.27 diz que o que *fala em línguas* deve ser acompanhado de intérprete de línguas.

Abro um parêntesis aqui para falar da importância que propósitos e jejuns têm na vida da Igreja, com um episódio que aconteceu com a própria pastora Roqueline e com a esposa do pastor Wadlei, que tem a função de “missionária”. Durante um culto de quarta-feira em que eu estava presente, a pastora Roqueline falou sobre um *propósito* que ela havia feito com o Senhor com relação à nova filial da igreja que estava para ser erguida em Cariacica, para que os “perdidos” daquele lugar fossem *salvos*, fossem cuidados pela congregação e se mantivessem firmes. O preço desse propósito consistia em raspar os longos cabelos lisos, bem cuidados da pastora, além de manter um período em jejum e oração. O pastor Daniel contou à igreja que havia pensado que seria “uma doideira”, mas que chegou à conclusão de que sua esposa deveria ter suas próprias *experiências com Deus*. Pouco depois que ela contou isso, a esposa do recente pastor Wadlei, contou que também havia feito um *propósito* com o Senhor de raspar a cabeça para que houvesse *salvação* em sua família, principalmente pela *salvação e libertação* das drogas da sua irmã, que também estava presente no culto. Elas disseram, e também foi dito pelos pastores, que a atitude não foi combinada. Ao final a esposa do pastor Wadlei fez um apelo à sua irmã, que estava com problema de dependência de drogas, e estava no culto. Ela chamou a irmã ao altar para que orassem pela vida dela. E ela fez sua decisão por *aceitar a Jesus* no culto. Outras pessoas fizeram a mesma decisão ou foram *se reconciliar* (pessoas que já andaram na fé evangélica, mas desistiram, e agora retornam). Toda a cena foi realizada em cima do altar. Obreiros estavam com a máquina de raspar a cabeça, fizeram os cortes, o óleo ungido depois foi derramado sobre a cabeça de ambas. A pastora Roqueline declarou que seu cabelo seria doado a obras sociais.

O impacto desde *propósito* na vida das mulheres – abrir mão de um dos principais elementos de sua beleza, o cabelo – para alcançar um objetivo que, ao menos do discurso, visa beneficiar a vida de outras pessoas, através da *salvação, libertação, firmeza na fé*, é enorme, sobretudo na vida das mulheres da igreja, mostrando a dimensão da renúncia de si mesmo pelo amor do próximo – mandamento central da fé cristã – e, por assim dizer, a dimensão da fé dessas mulheres. Se a leitura da situação for feita pelas lentes da abordagem da Escolha Racional da Religião, sendo a religião um fenômeno no qual as pessoas fazem escolhas racionais, de acordo com análise de CORREA e VALE (2017), a conclusão poderia ser que se tratou de uma estratégia de engajamento a partir do choque que a atitude de duas mulheres rasparem a cabeça

causaria no público. Certamente, a pastora e a missionária que realizaram o feito saíram com uma admiração maior dos fiéis, pela sua demonstração de fé, o que arrasta consigo a figura dos pastores maridos e da igreja por eles representada. Isso resulta em fiéis mais comprometidos com os objetivos da igreja, quaisquer que eles sejam. Independente se houve uma estratégia de convencimento, ou se foi uma atitude sincera de fé, os mesmos objetivos foram atingidos.

Da mesma forma poderíamos pensar ao olharmos a importância central dos testemunhos e sua força nos apelos para a conversão. Em algumas das pregações, o pregador em questão (seja ele pastor, presbítero, evangelista...), se utiliza da porção do texto bíblico somente para introduzir o assunto, e depois, até o final da pregação conta testemunhos de sua vida antes e depois da conversão, citando alguns versículos bíblicos no decorrer do momento. Existe uma série de pregações da Igreja Operando Deus intitulada “Das Cinzas para a Glória”, onde os pregadores falam exclusivamente de seus testemunhos. A importância dos testemunhos, de acordo com os pastores, é que pessoas que passaram pelos mesmos problemas que eles passaram, possam ter exemplos de que “é possível vencer esses problemas com Jesus”. Sobretudo em se tratando de traficantes, homicidas, em que os casos parecem muitas vezes sem solução, os testemunhos são a estratégia central para impactar vidas.

Mas nós vamos estar subindo o Bairro da Penha pra dar o nosso testemunho de lá de onde nós éramos. Lá na boca. Nós vamos na boca. Levo a Palavra. Essa semana eu fui atrás de um traficante que na época queria me ver morto. Fui lá atrás dele pra levar um sonho que Deus me deu aqui. E o mesmo sonho que Deus me deu, Deus deu à minha esposa, no mesmo dia. Eu deitado na cama, minha esposa deitada ali no chão, ela não é de dormir de tarde. Ela teve um sonho com ele e eu tive um sonho. Quer dizer, Deus dando um despertar pra ele. Nós vamos, nós subimos, nós vamos nos locais, nas famílias (pastor Wadlei, 2019)

Eu era de lá né, querido. Eu tenho furo de bala que larguei desse morro. Eu tenho história aqui. A gente é respeitado aqui no bairro. A gente é referência aqui, eu era traficante aqui irmão. Os mais antigos aí, vê o que Deus fez na minha vida. Tenho traficante que traficava comigo, que hoje é membro da igreja, ovelha minha. Os moradores respeitam. As pessoas falam “meu Deus do céu, o que Deus fez na sua vida”. Então uma coisa é você sair de um lugar e ir morar em outro lugar onde ninguém conheceu a sua história. Outra coisa é quando eles viam você igual Satanás aí no morro e vendo hoje como um homem de Deus, com uma família abençoada, uma pessoa de referência. (pastor Daniel Rocha, 2018)

Correa e Vale afirmam que, a partir de uma postura racional, as igrejas passaram a conhecer as especificidades do “mercado” em que estão inseridas, adequando seus

produtos/serviços (programações em geral) às necessidades dos seus fiéis, atraindo-os, aplicando métodos de gestão típicos da racionalidade econômica e utilizando-se das principais ferramentas de comunicação visando maximizar seus recursos líquidos. Eles analisam, a partir da Escolha Racional da Religião, que o sucesso pastoral depende da capacidade dos pastores e das igrejas em atrair fiéis e gerar renda, objetivos para os quais empregam estratégias nos cultos, como as oriundas da “Teologia da Prosperidade”. Mesmo que faltem estudos convencionais, pastores que se tornam líderes possuem habilidades superiores, em relação ao meio ao qual saíram, de liderança, técnicas de persuasão, trabalhando como militantes ativos a partir de diversas táticas, adequando os serviços religiosos às demandas e interesses do público alvo e procurando solucionar dificuldades e problemas dos fiéis, de todo o tipo. Os pastores também se apropriam de práticas de igrejas concorrentes e utilizam as que julgam mais adequadas para o crescimento da congregação. No discurso do pastor Daniel, e em elementos da Igreja Operando Deus esse fato pode ser notado, já que se trata de uma congregação oriunda da Assembleia de Deus, mas com uma identidade específica.

O pastor Daniel disse que não conta o número de membros da sua igreja pela quantidade de pessoas que vão aos cultos nos santuários, mas pela quantidade de discípulos que possui. Na época que o entrevistei, maio de 2018, ele havia falado sobre ter vinte e quatro discípulos – que também chamava de líderes – e que esses discípulos, que lideram células nas residências, tinham outros discípulos, totalizando cerca de 300 pessoas.

As programações de cultos acontecem nos mesmos dias e horários, tanto na sede, quanto na filial: às quartas-feiras, chamados de “campanha de poder”, às 19h30; e aos domingos, os “cultos de adoração e da família”, às 19h30. Às sextas-feiras, a programação é chamada de “célula nos lares”, caracterizados por pequenos grupos de estudos bíblicos que acontecem nas residências dos fiéis, comandados por “discípulos” do pastor. A “Escola de Crescimento”, que se trata de palestras sobre assuntos bíblicos diversos, acontece toda a terça-feira na sede da Igreja.

Além dessas programações fixas, a Igreja possui uma intensa grade de programações variadas, com seminários, como “Seminário de Libertação”, “Seminário de Cura”, “Encontro com Deus”, “Raiz da Iniquidade”; campanhas, como “Minha família no altar de Deus”, “Campanha do Cajado”, “Provocadores de Milagres”; além de ministérios,

como “Homens de Honra”, “Casamento no Altar”, “Grupo de Dança Redenção” e a “Cia de Teatro Arautos do Rei”.

Essa palavra [ministério], na Bíblia, na maioria das vezes em que aparece, significa serviço. No Novo Testamento a palavra grega para ministério é “diakonia” e indica a prestação de algum tipo serviço ou trabalho. Como, por exemplo, nesse texto: “e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério [diakonia] da palavra.” (Atos 6. 4 – acréscimo meu). Ou seja, eles se dedicariam ao trabalho, ao serviço da pregação da palavra de Deus. (...) Na Bíblia temos essa palavra aplicada aos vários serviços especiais designados por Deus aos seus servos. Por exemplo, vemos na Bíblia, no Antigo Testamento, citados o ministério dos levitas, dos sacerdotes, dos profetas, dos apóstolos, etc. (2 Crônicas 6. 32; Atos 1. 25). Assim, quem tem um ministério é um trabalhador, um servo voltado a agradar a Deus com aquilo que faz, com seu serviço⁵¹.

As campanhas se caracterizam por um período predeterminado de realização de disciplinas espirituais (tais quais jejum, oração e leitura bíblica) para a realização de um objetivo na vida do fiel ou na congregação. As campanhas se diferem do propósito, à medida que são algo que é institucionalizado e tem publicidade para toda a congregação. Eis o exemplo da campanha “Provocadores de Milagres”:

Venha participar desta Campanha de muita oração, clamor, jejuns e rogos em favor de um Milagre de Deus nas nossas vidas. Início: 07/03/2018. Final: 18/04/2018. O maior milagre Deus já fez por nós, ressuscitando Seu Filho na Cruz. Com isso, Jesus Cristo pagou o escrito de dívida que havia contra nós, e nos dá o direito a sermos participantes do Reino de Deus. Mas existem outros milagres que Deus pode fazer na sua, na minha, nas nossas vidas: cura de uma enfermidade, cura da depressão, libertação dos vícios, portas de empregos, causas na justiça, enfim. Todos nós precisamos de verdadeiros milagres que impactem nossas vidas para o Louvor de Deus. Venha participar desta Campanha! (site da Igreja Operando Deus⁵²)

Todo novo convertido na Igreja Operando Deus passa por uma sequência de encontros, cursos e seminários, além do discipulado pessoal. De acordo com o pastor Daniel Rocha, após a pessoa se decidir por Jesus, ou o pastor ou um membro encarregado da Igreja faz o contato com a pessoa em, no máximo, 48 horas; na primeira semana, essa pessoa é integrada a uma célula, passa a frequentar a “Escola de Crescimento” e é inscrita nos quatro seminários da igreja (Libertação, Cura Interior, Encontro com Deus e Iniquidade). Além disso, tem um atendimento pessoal semanal com o pastor ou membro por este encarregado. Caso a pessoa tenha problema com drogas, é encaminhada à

⁵¹ O QUE significa ministério? Esboçando ideias. Disponível em: <<https://www.esboçandoideias.com/2012/02/o-que-significa-ministerio.html>>.

⁵² Igreja Operando Deus. Disponível em: <<http://www.igrejaoperandodeus.com.br>> .

clínica de reabilitação Casa do Oleiro (gratuitamente, se não puder arcar com os custos de cerca de R\$ 500 mensais).

Ligamos na semana: “e aí como você tá? Tudo bem?”... “Rapaz, tô sem comida dentro de casa”. (...) a gente faz uma cesta básica, bota comida na casa do cara. “Rapaz, eu tô sem roupa”. O irmão, pega uma roupa, cada um doa uma roupa e “toma”. Damos assistência ao cara. (...) Então esse Kleiton [Quirino, na época, em maio de 2018 obreiro, hoje diácono]. Ele está há seis meses, ficou três meses na casa de recuperação, saiu. Agora está na igreja com a gente. (...) hoje, vou estar alugando o salão pra ele, ele já tem a profissão [cabelereiro]. Então eu mesmo vou estar alugando um salão pra ele, já conversei com um rapaz do ponto, eu vou estar dando dinheiro meu mesmo para estar abençoando a vida dele, o ministério dele. Vou estar alugando um ponto pra ele. Já consegui com o meu irmão, que é dono de salão... como eu falei pra você é ex-assaltante, traficante. Meu irmão deu uma bancada, e eu já liguei pra alguns amigos, e vou estar doando e nós vamos montar um salão pra ele. (pastor Daniel Rocha, 2018)

A Igreja Operando Deus mostra-se como um lugar atrativo, não só para os que almejam deixar a vida da criminalidade, mas para os que buscam um ambiente fora do cotidiano violento e problemático em que vivem. Para Ilse Scherer-Warren (2006), as associações religiosas servem à sociedade civil como ambientes socializantes que, dentre outras funções, servem também como bases domésticas, dando suporte aos membros individuais no coletivo ou em seus próprios engajamentos cívicos (p. 150) Como afirma Almeida (2006), a igreja evangélica trabalha em favor da valorização da pessoa e das relação interpessoais gerando ajuda mútua, estabelecendo laços de confiança. Os laços religiosos estabelecidos entre os fiéis favorecem a circulação de benefícios materiais, afetivos e cívicos. Esses laços de solidariedade e confiança propostos no seio da congregação, tornam as igrejas evangélicas um local seguro em meio ao caos das comunidades, como expõe Vital da Cunha (2009).

Num espaço social como o das favelas, no qual a insegurança é tão presente no cotidiano, onde o sentimento de desrespeito e de baixa confiança em si mesmo e nas instituições é muito intenso, a rede dos evangélicos e dos laços de afeto e confiança gerados (e/ou fortalecidos) a partir de tal pertencimento religioso têm uma dimensão fundamental na rotina, não só dos que se filiam a esta religião e participam de suas atividades litúrgicas, mas também para os que vivem próximos a esta realidade e percebem neste meio uma possibilidade buscar ‘acolhimento’ em momentos de necessidade. É como se a percepção da existência de um lugar ou grupo no qual é possível obter proteção material, emocional e espiritual já fizesse o indivíduo dispor de alguma sensação de segurança (VITAL DA CUNHA, 2009, p. 236).

4. CAPÍTULO 4: DE TRAFICANTE A PASTOR

4.1 A carreira do traficante no Bairro da Penha

O conceito de “carreira” foi importado do campo do trabalho e das profissões para permitir a análise sociológica de outros domínios, às vezes muito distantes, e o empréstimo desse conceito baseou-se em e alimentou um aspecto fundamental do paradigma interacionista: a ideia e prática científica que é estudar da mesma forma e usando os mesmos conceitos, o “normal” e o “desviante”, atividades valorizadas e atividades desaprovadas do espaço social. Pastor Daniel Rocha, os pastores Washington Santos e Wadlei Polese, e o diácono Kleiton Quirino da Igreja Operando Deus cresceram no Bairro da Penha e tiveram trajetórias anteriores na vida do crime e agora na vida de crente. Utilizarmos o termo “carreira” (DARMON, 2008) para definir essas duas vidas, já que trata-se de dois “tempos sociais” distintos, que envolveram compromisso/comprometimento, trabalho/serviço, ocupações/posições hierárquicas, processos de maturidade para o crescimento nos “empreendimentos”, tutoria, restrições sucessivas impostas pelos cargos/posições, militância para o aumento/consolidação da área de influência dos “empreendimentos”, etc. nos moldes de trabalho em empresas, no caso, a empresa do tráfico e a da fé. Há ainda uma peculiaridade nos símbolos, interpretações, discursos, categorias e significados em cada uma das carreiras que definem a identidade do bandido e a do crente.

Todos os atores ouvidos neste trabalho tiveram uma origem semelhante. Além de morarem no mesmo bairro, onde o tráfico de drogas possui uma influência grande no cotidiano da comunidade, são filhos de famílias pobres, desestruturadas – pais violentos, alcoólatras, dependentes químicos, presos – e procuraram o tráfico como a forma mais rápida e palpável de ganhar dinheiro e/ou sustentar o vício em drogas.

Quando fiz meus 13, 14 anos, meu pai se separou da minha mãe. Meu pai (...) me humilhava, me batia (...) meu pai saiu da minha casa. E aí não tinha como trabalhar, era novo, não tinha emprego da pessoa da minha idade. E aí, eu nunca fui de pedir dinheiro a ninguém, sempre gostei de se virar e como não tinha emprego eu subi lá pra cima pro tráfico de droga. (...) Meu irmão assaltante, minha irmã lésbica, eu traficante, você vê que família. Meu pai e minha mãe separados. (pastor Daniel, 2018)

Na minha infância eu não tive muitos privilégios, muitas regalias. Meu pai e mãe não tinham muitas condições. Uma criação difícil, passando por necessidade, angústia, não tínhamos às vezes alimento, pão para comer (...) Passei por muito sofrimento com meus pais brigando por causa do alcoolismo. E uma coisa que criança tem é sentimento e memória para

guardar as coisas. Fui crescendo vendo tudo aquilo acontecendo. (...) Um dia vi meu pai sendo preso e era muito apegado com ele. Mesmo estando na porta de bar queria estar com ele. E via a angústia tomando conta do meu coração. (...) Com seis anos eu não morava mais com a minha mãe. A minha mãe me entregou à minha avó. Minha avó começou a cuidar de mim com 6 anos de idade. (pastor Washington, 2017)

Em todos os casos, antes de começarem na empresa do tráfico, eles eram clientes, e suas drogas de consumo variavam. Pastor Daniel se considerava dependente de maconha; Wadlei chegou ao crack; pastor Washington, na cocaína. A maioria iniciou a experiência no tráfico na adolescência. O pastor Wadlei saiu do bairro aos quatro anos de idade e voltou aos 17 anos, quando começou a fumar maconha, andar com os traficantes e *endolar* a maconha – processo de colocar o pedaço de maconha em saquinhos para a venda – apesar de nessa época ainda não fazer parte da *firma*.

Carolina Grillo (2013), em seu trabalho sobre o tráfico e o roubo nas favelas cariocas, explica que as dinâmicas do tráfico são geridas localmente e a organização dessas atividades comerciais é chamada de *firma* em alusão ao seu aspecto empresarial. A *firma* simula o modelo organizacional de uma empresa capitalista tomando de empréstimo a coordenação burocrática da hierarquia patrão/funcionários (termos como patrão, gerente, funcionário, plantão, equipe, carga, responsabilidade, anotações, contas e pagamento). Os cargos são basicamente os mesmos na hierarquia do tráfico carioca em relação ao do Bairro da Penha, começando pelo *chefe do tráfico*; o *gerente geral* (que supervisiona toda a droga que entra no morro e presta contas ao patrão), *os subgerentes* ou *gerentes* (responsáveis pelas *bocas/áreas*, *cargas* e/ou *preços*), *os vapores* (responsáveis pela venda direta) e *os fogueteiros* ou *escoltas*.

O pastor Daniel descreve que começou na carreira do tráfico como *escolta*, função responsável por vigiar e avisar sobre a possível chegada da polícia, através de rádio-comunicadores, fogos ou outro tipo de sinal (esta função sofre variação de nome e também pode ser chamada de *fogueteiro*). Por essa função também passou o pastor Wadlei, quando iniciou um comprometimento com a vida do crime. Já o pastor Washington começou em uma função que ele denomina como *mandado* – cujo papel é levar e trazer recados ao traficante responsável pelo morro. Antes de traficar, alguns deles tiveram envolvimento com roubos e furtos.

Fiquei uns oito meses ali na *escolta*. *Escolta* é aquele camarada que vigia, que fica vigiando. E quando a polícia vem, tem que avisar antes. Então fiquei

ali mais ou menos uns oito meses. Fui indo, fiquei... Só que trabalhava de uma maneira diferenciada, porque eu trabalhava pelo dinheiro, não trabalhava pela droga. (...) Eu ganhava o equivalente a um dia de pedreiro, eu ganhava 50 reais na época. Isso era muito dinheiro. (...) Na época só gostava de usar maconha. E a maconha me deixava um pouco lento. Então no começo não usava [no trabalho]. Depois comecei a usar. (...) Já usei maconha, crack, cocaína, haxixe, e outras. (...) Já [fui dependente] e muito! Da maconha. Não da cocaína e nem do crack. Porque eram as drogas que sugavam o dinheiro dos caras tudo. (...) Só queria o dinheiro. (pastor Daniel, 2018)

E com 16 anos comecei a olhar a criminalidade de outra forma, porque o que seus olhos veem começa na sua mente e vai para o seu coração. Comecei a ver no morro os traficantes traficando, comecei a ver no morro a vida do traficante de luxúria, de marca, se vestir bem, era até mesmo ostentar o que ganhava. E na minha juventude eu via aquilo. E enquanto eu não podia ter uma bermuda de marca, uma camisa de marca, o traficante podia. Comecei a ver o traficante andando de cordão, andando por cima, e eu comecei a ver: como pode, ele têm tudo e eu não tenho nada! (...) Eu comecei a cometer pequenos furtos, a roubar, a assaltar a entrar na vida do crime. Com 16 anos eu já estava portando uma arma, assaltando, entrando dentro de supermercado, botando todo mundo no chão, entrando (...) dentro das empresas e botando todo mundo dentro do banheiro e cometendo meu primeiro delito. E ali me deram uma oferta. O diabo me ofertou o tráfico de drogas. E eu comecei a fazer favor. Porque quando você entra na vida do crime a primeira coisa que você tem que fazer é *mandado* dos outros. É como se fosse o *aviãozinho*⁵³, você vai lá e dá o recado, você vai lá e leva, você vai lá e vai levar o recado ao traficante. (...) Eu comecei a esconder drogas, a guardar as armas. Ali eu estava apenas começando. (pastor Washington, 2017)

Para crescer na carreira do tráfico é preciso ganhar o que na linguagem do Bairro da Penha é chamado de *conceito*, popularmente o que chamamos de *moral*. De acordo com a tese de Grillo, os cariocas chamam de *consideração*. Ela define como “uma espécie de prestígio, calculado pela estima alheia e, principalmente, a estima por parte dos traficantes mais poderosos e influentes” (p. 59). Essa estima é o que credenciou o pastor Washington, então conhecido como “Brown” no mundo do crime, a crescer na hierarquia e chegar a ser *gerente geral* do morro. Um fato interessante, é que todos os entrevistados reconheciam o *conceito* que o pastor Washington tinha no morro, e essa fama se dava não só pelo alto cargo que chegou a ocupar na hierarquia do tráfico, mas pela sua “periculosidade”, o quanto era desejado pela polícia, e a disposição que tinha para realizar roubos e outros delitos, como homicídio. No local onde eu trabalho atualmente, Jornal ES HOJE, um colega que mora no bairro Itararé conhecia a fama do ex-traficante, considerando-o um dos mais perigosos que já passou pelo Complexo.

⁵³ O “aviãozinho” é a função na qual a pessoa leva a droga a um comprador e volta com o dinheiro para o traficante responsável pela droga. A diferença entre o “aviãozinho” e o “mandado”, citado pelo pastor Washington, é que este último ao invés de levar drogas, leva somente a informação e realiza determinados favores para o traficante.

E quando você ganha moral no crime, você ganha *conceito*. Eles começam a te olhar de uma forma diferente, o menino tem *conceito*, o menino é gente boa, vamos promover ele. Você sabia que lá no tráfico as pessoas também é promovida? (...) Comecei então a traficar, comecei a ir para a boca de fumo e a traficar. Comecei a vender a cocaína, a vender a maconha, a pedra, a traficar e a cada dia que eu traficava, mais eu gostava porque o dinheiro vinha fácil. (...) O diabo colocou na minha mente pra se tornar (sic) um assassino, pra se tornar um sequestrador, pra se tornar até mesmo um psicopata. (...) Porque um abismo chama o outro. E agora já não traficava mais, já gerenciava o tráfico. Aquele menino já gerenciava. Eu não ficava mais sentado no “beco” vendendo drogas, agora eu tinha muitas vezes que andar pelo menos uma vez no morro para saber como estava as vendas. Era o gerente da droga. Comecei a comandar, a dar ordens, a impor. (...) E aí eu tinha que dar a última palavra. E aí uma pessoa lá de Cariacica que deveria acertar contas, ligavam pra mim: e aí o que você acha? Você que dá a última palavra. (...) E o tráfico só foi trazendo glórias, só honra. (pastor Washington, 2017)

Para Carolina Grillo, a fama do bandido está diretamente ligada à sua periculosidade ao se tornar um inimigo público, alguém que deva ser morto a qualquer custo. A *consideração* (ou *conceito*) aumenta quanto mais procurado e odiado (pela polícia, por membros de facções rivais, por membros da “sociedade civil”) ele é, quanto maior é seu valor como troféu de caça e não como pessoa. Esse fato também é real no Bairro da Penha. O pastor Daniel, ao falar da conversão de um traficante no morro, fala da perda que o tráfico tem, dependendo do *conceito* do mesmo: “dependendo do peso que esse cara for, peso de homicídio, de loucura, vai se perder um soldado bom, alguém de respeito”.

Darmon (2008), ao analisar a carreira anoréxica a divide em quatro fases que são o “start”, “manter compromisso”, “manter engajamento” e “ter cuidado”. Podemos fazer um paralelo com as fases da carreira criminal. A fase de “start” ou da “entrada no tráfico”, se dá em função de fatores motivadores/causais, como a desestrutura familiar, a falta/desejo de dinheiro e/ou a necessidade de alimentar o vício em drogas; para se manter no tráfico é preciso “manter o compromisso” adaptando-se e obedecendo às leis do tráfico e ao *modus operandi* da firma.

E tráfico de droga é aquilo, quanto mais coisas erradas você vai fazendo, desde que se atue na lei do tráfico (...) você vai crescer, se obedecer as leis do tráfico. Ali foi indo, o trabalho crescendo, desenvolvendo ali dentro, ganhando respeito, moral, fazendo tudo certinho, executando o que tinha que executar. E ali a gente foi desenvolvendo, criando um nome na favela. (pastor Daniel, 2018)

A fase 3, que se caracterizaria pela “manutenção do engajamento”, é uma fase de continuidade na qual o processo de autotransformação no bandido vai se aprofundando já que quanto maior o *conceito*, maior grau hierárquico na empresa do tráfico ele vai conquistar e, por consequência, mais dinheiro – seu objetivo ao entrar na carreira – vai adquirir.

Na fase 4 da carreira anoréxica analisada por Darmon, após atingir o corpo desejado, o ator deveria tomar os cuidados pós-resultados, contando com a instituição médica para eventuais necessidades, visando a manutenção do corpo e a não ocorrência de problemas de saúde. Já no mundo do tráfico, quanto maior a hierarquia, maior o prestígio e maior o dinheiro; mas maior é também a responsabilidade sobre as drogas comercializadas e as consequências legais de portar a quantidade e o tipo de droga – ser preso e passar longos anos na cadeia – e, em alguns casos, maior o perigo de morte. O “Ter Cuidado”, nesse sentido, envolveria ter um bom “exército” de subordinados, com bom *conceito*; boas relações políticas dentro do bairro, de forma que não seja “caguetado” por moradores e/ou inimigos e agir da maneira mais discreta possível. Tudo isso de modo que consiga viver a carreira ilícita sem ser preso ou morto.

Eu estava gerenciando três *bocas de fumo*. Não tava me contentando com aquilo, comecei a gerenciar seis *bocas de fumo*. Aí não tava me contentando com aquilo e comecei a gerenciar nove *bocas de fumo*. (...) Tava no auge. (...) De olheiro, de vapor, à gerência do tráfico. Agora eu comecei até mesmo a ser o traficante. Tudo aquilo que chegava no morro tinha que passar por mim. Me lembro um dia que estava pra chegar um carregamento no morro e estava ansioso para chegar o carregamento. Os meus parceiros do lado, sempre tinha cinco ou seis, às vezes tinha 10, 20 pessoas na reunião. (...) E as pessoas estavam ali no “beco” e me esperando. E uma criança de 13 anos tinha ido buscar e ela carregava uma mala de viagem no beco, estava chegando a droga, e numa distância como se fosse daqui pro outro lado da rua, a polícia chega. E eu com uma arma na mão. (...) E quando os policiais apontaram aquela arma pesada pra mim, e disseram, “levanta a mão e larga a sua arma” eu pensei: eu não vou largar. E eu corria, eles dava tiro em cima de mim, eu dava em cima deles, e eu corri descendo uma escadaria. (...) Eu consegui depois correr e entrar dentro da casa de um morador e me esconder debaixo dos panos (...) A minha família tinha dia que quando entrava no quintal...eu estava foragido. A minha avó fechava as portas pra mim. Porque minha família sabia que se eu estivesse ali poderia acontecer uma tragédia. Eu não parava quando a polícia mandava eu parar. Eu não parava. Muitas vezes até pra sair usava disfarce. (pastor Washington, 2017)

4.2 *Conceito*, dons e “contradons” no tráfico

“Fiquei uns oito meses ali na *escolta* (...) Só que trabalhava de uma maneira diferenciada, porque eu trabalhava pelo dinheiro, não trabalhava pela droga. (...) Fiz daquilo verdadeiramente uma profissão pra mim. Comecei a gostar

tanto que ao invés de pegar um plantão só, pegava dois (...) Fiquei oito meses e depois eu virei *vapor*. O cara que vende a droga, que dá contenção, protege a boca. E ali foi indo. Depois eu fui aprendendo tudo o que se aprende no tráfico de droga, como fazer a droga, comprar arma, desmontar, montar, treinar dar uns tiros, proteger a *boca* e acontece uma série de coisas que é complicado falar. (...) E tráfico de droga é aquilo, quanto mais coisas erradas você vai fazendo, desde que se atue na lei do tráfico (igual existe a lei de Deus, você quer crescer, você obedece a Palavra, a lei do tráfico, você quer crescer, obedece as leis do tráfico). Ali foi indo, o trabalho crescendo, desenvolvendo ali dentro, ganhando respeito, moral, fazendo tudo certinho, executando o que tinha que executar. E ali a gente foi desenvolvendo, criando um nome na favela. (...) Eu já cheguei a gerenciar uma droga, num prazo bem curto de tempo. Aquilo é exercer um papel de *gerente* do tráfico de droga, num prazo muito curto de tempo. Já fiz isso. (pastor Daniel, 2018)

O “respeito”, a “moral” da qual o pastor Daniel fala é o mesmo *conceito* ao qual o pastor Washington faz referência. No trabalho que Carolina Grillo exerceu com o tráfico carioca a expressão é *consideração*. Trata-se de uma espécie de prestígio, uma estima por parte dos traficantes mais poderosos, que reconhece o bom trabalho dos subalternos (seja que tipo de trabalho for, adequado à moralidade do mundo do crime). Para Grillo a *consideração* é o capital social mais importante que se pode acumular na criminalidade, já que é a partir dela que os funcionários recebem as dádivas do *patrão*. Quanto maior a *consideração* que o funcionário tem diante do *patrão* maior é a chance de ele adquirir boas dádivas do mesmo. Elas são, tanto a recompensa pelo bom desempenho dos subalternos, quanto os fatores fundamentais para as condições de estabelecimento, crescimento e perpetuação do comércio de drogas.

No mundo do tráfico, no qual os bandidos caminham entre a vida, a prisão e a morte, no qual há circulação de todo o tipo de bem, serviço e conduta ilegal (drogas, armas, dinheiro do tráfico, furto, roubo, homicídio...), no qual os envolvidos vivem em constante tensão política entre si e entre os outros (seja dentro ou fora do seu território), e no qual todos os envolvidos têm um interesse em comum (dinheiro e/ou poder), é preciso criar condições a fim de se estabelecer uma paz mínima necessária ao desenvolvimento do empreendimento do comércio de drogas. É por meio da distribuição de dádivas, tornando empregados e vizinhos dependentes das suas benesses – distribuídas segundo seus interesses – que os *chefes do tráfico* criam essas condições. O dom é o contraponto da violência e por meio dessa troca de dádivas (dar, receber, retribuir) é que se criam as alianças, fundando relações de reciprocidade e poder fundamentais para a configuração das dinâmicas do tráfico.

Apesar de aparentemente livre e gratuito, o dom é coercitivo e interessado e quem recebe, deve retribuí-lo com um “contradom”, já que, a partir da doação, estabeleceu-se uma “dívida a ser quitada”. No interior da *firma*, as trocas promovem contratos políticos que viabilizam a produção e reprodução da formação hierárquica gerando alianças e dominação. Os *donos do morro (patrões)* nomeiam um responsável, normalmente o *gerente geral*, para controlar o funcionamento das *bocas de fumo* de determinada área e assumir o poder sobre a resolução das disputas locais. O *patrão* adianta as mercadorias para o *gerente geral* e o processo continua hierarquia abaixo até os *vapores*, que distribuem as drogas na *pista*. O movimento de retorno do pagamento (hierarquia acima) é baseado na noção de “dívida” e o não pagamento pode custar a vida do devedor. O sistema de consignação é articulado numa hierarquia mortal de “credor/devedor”.

Por isso, a *firma* é vista como um sistema de distribuição de propriedades e responsabilidades (*bocas, cargas*) ou *responsas* que pertencem ao dono do morro e são administradas pelos gerentes. O ato de distribuir entre os bandidos essas propriedades e responsabilidades consiste em uma dádiva, que é dada mediante a *consideração* ou *conceito* que os bandidos adquirem nas hierarquias abaixo. Ao distribuir essa dádiva o patrão abre mão de uma parte considerável do seu lucro, mas ganha a fidelidade de seu funcionário. Fortalece seus laços de reciprocidade com bandidos influentes na comunidade onde quer manter a legitimidade do seu poder, mas ao mesmo tempo demarca sua distância e superioridade. Todo o bandido que entra para o tráfico tem o sonho de ser reconhecido pelo seu empenho, de ser considerado, e conseqüentemente, presenteado com um bom cargo na hierarquia, com uma boa *responça*. Não é possível retribuir uma dádiva dessas senão com a própria vida, servindo seus chefes com seus corpos e sua disposição para qualquer missão que lhes for solicitada.

O pastor Daniel descreve os dons e “contradons” entre chefes e funcionários e também entre o tráfico e os moradores do Bairro da Penha, que criam as condições políticas para a existência e perpetuação do comércio de drogas.

Então o camarada tava no tráfico. Então ele tinha que pagar as leis do tráfico, que era a parte do dono, da *responça*, e ficar com o lucro dele. Não podia ganhar nada mais. Mas nisso ele tinha as despesas que tem, no tráfico de drogas organizado. Aí o morador passou mal, tá precisando de um remédio. Se caiu no plantão do cara, o cara vai ajudar a pagar o remédio. A mulher tá engravidando. O tráfico tem que pagar o táxi pra levar a mulher até lá. Acabou um gás de morador. Tem que rachar no tráfico. Isso é o crime organizado. Tem aquilo ali. (...) Ele foi pro tráfico por causa de que? Ele

gosta de tomar tiro de polícia, ele gosta de ir preso? Ele foi pro tráfico por causa de dinheiro. O traficante. (...) Então o traficante se preocupa muito com a segurança dele, confiando no bico, confiando na pistola, na *facção*. (pastor Daniel, 2018)

4.3 Fim da carreira no tráfico: morto ou convertido

[Eu] Dos seus amigos do tráfico, do crime, onde eles estão hoje?

Na presença de Deus e alguns mortos. A maioria tá morto.

[Eu] Não tem nenhum que saiu e tá (em outra situação)...

Não. O último foi morto agora há pouco tempo. A maioria tá morto.

[Eu] A minoria tá na presença de Deus...

A minoria tá na presença de Deus. E outros estão presos. Porque fora isso é prisão. (...) Mas quando sair já tem a sentença dele decretada de morte, se não for pra presença de Deus. (pastor Wadlei, 2019)

A fala dos pastores é unânime. O fim da carreira no tráfico se dá com a morte – na maioria das vezes sequer usufruindo de uma posição de destaque na hierarquia – ou com a conversão que, de acordo com os relatos, é a partir da filiação à religião evangélica pentecostal. A prisão é um caminho praticamente inevitável, independente do destino. Os pastores Wadlei e Washington, e o diácono Kleiton, tiveram várias passagens pela cadeia e lá tiveram contato com a fé evangélica pentecostal. Grupos externos de evangelismo *plantaram* Igrejas – evangelizaram presos que passaram a se reunir em culto a Jesus Cristo – dentro do presídio e, a partir do processo do discipulado com os presos, ordenou obreiros que foram subindo as hierarquias até, alguns, se tornarem diáconos, presbíteros e pastores, tendo uma Igreja autônoma dentro da prisão.

Se, de acordo com a colocação dos pastores – que um dia foram somente membros comuns da Igreja – há somente uma saída com vida do mundo da criminalidade em que estavam inseridos, fica claro que esta é, também, uma escolha racional. Primeiro, para permanecerem vivos; depois, segundo Correa e Vale (2017), porque os indivíduos pesam custos e benefícios que maximizarão seus benefícios líquidos e virão a produzir resultado social vantajoso, a partir dessa escolha. Segundo os entrevistados, os resultados são vantajosos em todas as áreas da vida, da sentimental à financeira.

Para a maioria dos atores a conversão foi um processo lento e as recaídas aconteceram até que eles se considerassem, de fato, convertidos. Muriel Darmon (2011) explica a conversão com uma “obra de si”, uma transformação da pessoa exercida sucessivamente pelo próprio indivíduo e pela instituição em questão (no caso a Igreja Operando Deus),

uma transformação radical do self – da identidade e do estilo de vida – que requer esforços e técnicas específicas. Segundo Bourdieu (*apud* Darmon) a socialização familiar primária, explicada na sua teoria do *habitus*, gera produtos que são particularmente estáveis e resistentes à mudança, evocando a inércia das disposições adquiridas, o que explica o árduo empreendimento que é a conversão religiosa de um traficante. Esta estaria para uma “conversão radical”, segundo os termos de Bourdieu, que se caracteriza pela substituição completa de um *habitus* para outro, o que é designado pelo termo grego *metanoia*, termo este que também aparece em várias passagens bíblicas significando a mudança na forma de pensar e de agir, propondo um novo estilo de vida baseado na obediência às Escrituras judaico-cristãs.

Metanoia não significa simplesmente mudar o comportamento de uma pessoa, seja isso conseguido através de regras impostas, pressão da sociedade, igreja ou família. Embora todas essas fontes de influência possam fazer parte de um processo de transformação, *metanoia* sugere que essa transformação seja a consequência de uma mudança mais profunda do que somente o comportamento. *Metanoia* é mais do que tentar transformar alguém através de sistemas de punições e recompensas. O conceito de *metanoia* expressa uma transformação do homem de dentro para fora, ou seja, uma mudança que acontece na mente e conseqüentemente muda atitudes e ações. Essa é a transformação que o evangelho de Jesus veio trazer ao homem. (GARCIA, 2016)

O primeiro processo é o *aceitar Jesus*. Durante os cultos que participei na Igreja Operando Deus a parte do *apelo* (“alguém quer aceitar Jesus como seu Senhor e Salvador?”) vinha usualmente na parte final do sermão, seguindo o padrão tradicional. Entretanto, em muitos dos casos *aceita-se Jesus* mais de uma vez, o que é sinal, para os pastores, de que a conversão (no sentido da *metanoia*) não aconteceu. Para os pastores Wadlei e Daniel a *decisão por Jesus*, aconteceu algumas vezes, até que a conversão genuína viesse. Apesar de entre o *aceitar Jesus* e a conversão, terem relatado “experiências com Jesus”, o estilo de vida do bandido e/ou do drogado, que viveram durante a carreira no tráfico, e durante boa parte da vida, vieram à tona algumas vezes, provocando recaídas.

Fui pra cadeia dos condenados, fiquei lá, aceitei Jesus e Deus começou a trabalhar na minha vida ali. Comecei a aprender a Palavra, comecei a ler. (...) Minha ocasião foi que, os meninos que estava na cela onde eu estava, eles sempre faziam culto. Estavam sempre fazendo culto. E um dia eu peguei e participei do culto. Aí senti uma energia muito forte, e quando dei por mim já estava ajoelhado e pedindo esse Jesus. Falei “eu quero aceitar esse Jesus”. Daí comecei a conhecer a Palavra lá dentro, comecei a ler, e Deus começou a mostrar o sobrenatural dele lá dentro pra mim, eu sem entender o que era. (...)

Eu fui orar pela vida de um *vaso*⁵⁴, um rapaz, e eu olhava e via ele e uma porta branca em volta dele. E eu orava e via assim, Deus me mostrava, nunca tinha experimentado a experiência de cristão assim tão forte e eu vi... eu falava assim: “rapaz o Espírito Santo de Deus me mostra uma porta do seu lado, e é provisão de Deus”. Depois que eu falei aquilo eu fiquei pensando: “rapaz o que eu falei... o que é isso, que doidera...”. Aí se fechou. Acabou o culto umas 8 horas, e quando deu por volta de umas 22h30 da noite o sino toca do auto falante, que quando vai falar alguma coisa faz: “blim-blom”, aí o agente fala. O agente falou e chamou o nome do rapaz, esse rapaz que eu tinha falado. Era a saída dele. Deus já estava me mostrando o sobrenatural, ele estava sendo liberto naquele dia. Aí ele veio e falou: “pastor, Deus é contigo, o meu alvará cantou. Continua buscando a Deus”. (...) Só que aí [depois] eu já tinha se afastado. Estava triste porque a opressão lá dentro é ruim demais. Logo no início eu fiquei sem visita, fiquei quatro meses sem visita, porque toda a vez que acontecia um problema dentro da cela eles cortava, sancionavam a visita daquelas pessoas dentro da cela. Aí fiquei triste com aquilo e acabei se afastando. (...) ainda continuei um pouco nas drogas. (pastor Wadlei, 2019)

Ele começou a contar a minha vida todinha, eu levantei a mão, e ele disse: é você mesmo. E ali me quebrantei, levantei minha mão, aceitei Jesus, tinha uns 18 anos de idade. Quando fui ver já estava lá na frente chorando, Espírito Santo de Deus me tocou, eu não chorava por nada, e ali começou. (...) Mas a perda é maior do que o ganho, muito maior. [a perda] De todas as pessoas, não só do traficante. É maior. Eu, no meu primeiro ano de conversão eu me afastei quatro vezes. Que é difícil, amigo, não é fácil não... (pastor Daniel, 2018)

Darmon explica que a conversão religiosa é um “protótipo histórico da alternância”, sendo essa alternância definida como uma ressocialização que se assemelha à socialização primária em seu caráter radical, com a diferença de que não é *ex nihilo*, devendo, portanto, “desmantelar” ou “desintegrar” os produtos das socializações anteriores. Para ele, a mudança e as transformações são fenômenos constitutivos do mundo social (no caso, a comunidade eclesial) e todo o trabalho de transformação é constituído a partir de várias construções sociais. Estão gradualmente sendo colocados em prática os hábitos religiosos, decorrentes de todo o processo institucional ao qual a Igreja Operando Deus submete os “novos decididos”. Entretanto, há casos em que essa “educação religiosa” não promove transformações práticas na vida do indivíduo, no

⁵⁴ O termo “vaso” é uma expressão evangélica, oriunda do pentecostalismo, que se refere a um membro de igreja comum ou o que não ocupa uma alta posição hierárquica. Refere-se à passagem de Jeremias 18, quando o Senhor diz ao profeta Jeremias que vá à casa do oleiro, onde este fazia vasos de barro. “Desci, pois, à casa do oleiro, e eis que ele estava ocupado com a sua obra sobre as rodas. Como o vaso, que ele fazia de barro, se estragou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme pareceu bem aos seus olhos fazer. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor. Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel” (Jeremias 18.3-7). A ideia é de que aquele membro ainda está “em construção” nas mãos do Senhor, muito embora este processo de “construção” se estenda durante toda a vida de todos os cristãos, mesmo os pastores mais experientes, de acordo com a Escritura.

caso da Igreja Operando Deus, porque o “novo decidido” não soube ou não quis aplicá-la, ou porque não a aplicou corretamente.

Para os pastores, a conversão genuína só acontece quando há mudança de comportamento. No caso dos traficantes, essa mudança deve ser ainda mais radical. E, para que chegue a mudança de comportamento, a presença da instituição é preponderante e a assiduidade nas atividades da igreja, nas disciplinas espirituais (jejum, oração, leitura das Escrituras e meditação), o estudo bíblico e, principalmente, a *obediência*, são fundamentais. Darmon explica que a conversão compreende uma duração, com etapas que marcam e organizam a transformação de identidade, e que essas etapas são acompanhadas de momentos críticos – no caso da conversão religiosa as *provas* são esses momentos – que são decisivos para a consciência do processo que as engloba, “confirmando” os produtos da ressocialização e permitindo a manutenção da conversão.

Por isso, todo o “novo decidido” é aconselhado a participar de uma série de cursos, seminários e palestras oferecidos pela Igreja Operando Deus, sendo incorporado à rotina da congregação (com atividades praticamente durante toda semana), integrando as células (onde é acompanhado ou liderado por um membro) e, neste novo ciclo social, passa a ser tutorado, ensinado e influenciado nos novos hábitos religiosos.

E me converti, depois de muitos anos e fui passando em todos os treinamentos possíveis, um processo de *libertação* muito lento, pelas dificuldades que tinha, até chegar a minha conversão. Aí eu me empenhei ao extremo, em tudo o que era preciso fazer, e fui me aprofundando na Palavra, me aprofundando na obediência e através disso Deus foi me dando dons e esses dons foram se aperfeiçoando e tudo o que fui botando a mão foi crescendo, crescendo, crescendo, até chegar o jeito que estou hoje. (pastor Daniel, 2018)

O primeiro [seminário] que você passa, na sua conversão, é o Encontro Face a Face com Deus. Nesse encontro você tem um tempo com Deus, Deus Ele fala poderosamente com você. E depois tem o Seminário de Iniquidade, fala sobre iniquidade, o pecado que você acha que não é pecado. (...) Tem o Seminário de Honra que te ensina a honrar pai e mãe, honrar seu líder. (...) Tem o Seminário de Cura Interior. Tem pessoas que têm o coração preso, não perdoa as pessoas, falam do amor de Cristo, mas não perdoa. E Deus tem feito o sobrenatural na minha vida através desses seminários. (pastor Wadlei, 2019)

Mas por trás de qualquer conversão, segundo Darmon, é preciso olhar, tanto o trabalho da instituição, da qual a conversão emana e resulta, quanto para a pessoa do convertido, para a “conversibilidade” daqueles em que a instituição se exercita. Em alguns casos as

condições sociais, culturais, intelectuais e outras de determinados indivíduos podem favorecer ou não o processo de conversão, religiosa ou não. O pastor Daniel explica que a conversão genuína do traficante é mais complicada, tanto pela dívida social (crimes diversos como furtos, roubos, homicídios pelos quais terá que pagar legalmente) quanto pelas dívidas que devem ser acertadas com o *tráfico*, como acertar o valor do carregamento pelo qual estava responsável com o dono do morro; a possibilidade de retaliação com relação pessoas que esse traficante matou ou espancou e outros. Para ele, o sinal de que esse traficante se converteu de fato é a sua mudança de comportamento na sociedade, firmeza espiritual, dedicação ao *Evangelho* e os *frutos do Espírito* (amor, paz, alegria, bondade, benignidade, longanimidade, mansidão, fidelidade e domínio próprio⁵⁵).

O camarada [traficante] se converteu. Amanhã ele vai chegar lá e vai resolver o que tem que resolver, as drogas que estão na pista, que ele botou e está responsável por elas, até acabar, seja o que for, e vai passar para outra pessoa. São vários gerentes. (...) Se ele tem o armamento dele que tá ali, e ele vai estar entregando (...) ele só tem que acertar o mesmo tanto que ele pegou, ele não pode sair devendo.

[Eu] Se ele sair sem estar devendo, sai tranquilo, sai com as mãos lavadas?

Tranquilo, “mão lavada”, depende... quantos inimigos ele tem? Quantos homicídios ele matou no tempo que ele ficou no tráfico? E a família dessas pessoas? Sabe que foi ele que matou? Tem uma “n” de coisas aí. Quantas pessoas ele espancou no tráfico que não pagou droga? Que tão no bairro, que odeiam ele... Tá entendendo? É uma série de coisa. A conversão desse cara tem que ser bem conversão mesmo. (...)

[Eu] Como você sabe que é conversão mesmo?

Ele não fica firme. Ele volta a praticar as coisas que ele praticava antes.

[Eu] Existe alguma marca que o senhor associe à conversão desse criminoso, que quando ele mostra, você fala que ele é “nova criatura”, de fato convertido?

Mudança de comportamento. Dedicção ao *Evangelho*. Não é uma atitude que faz com que o cara mude. É algo contínuo. Igual o nome aqui da igreja, não é “Deus Operou”, ou “Deus vai Operar”, é “Operando”, é contínuo. É ele continuando ali que vai demonstrar que ele se converteu. (...) São os frutos dentro da casa dele, com a família, com a esposa, com os filhos, comportamento, a maneira de falar, a maneira de lidar... É um bom pagador, paga as dívidas dele, trabalha, tem responsabilidade, não dá mal testemunho, consegue manter isso. E não só fazer isso por um tempo. Aí ele se converteu. A pessoa quando aceita Jesus ela não se converte. Ela se decide. Então ele não é chamado de “novo convertido”. É chamado de “novo decidido”. Porque a conversão é um processo. (pastor Daniel, 2018)

⁵⁵ Bíblia Sagrada, Gálatas 5.22

O pastor Wadlei acrescenta que a conversão genuína acontece quando os outros enxergam a mudança no convertido, e não quando ele mesmo fala que mudou. Portanto, não se dá como uma reivindicação de identidade, como discurso da modificação de si mesmo, não se tratando assim, de um “trabalho biográfico”. As pessoas mais próximas do convertido, sobretudo sua família e familiares, precisam “atestar” essa mudança. Ele explica que a conversão é um processo diário. De acordo com Darmon é a força das disposições incorporadas e o poder das práticas de forma contínua que possibilitam o empreendimento da conversão. Segundo o pastor Wadlei, isso seria o “andar na Palavra de Deus”.

O sinal da conversão é as pessoas verem em você a mudança, não você mesmo ver. Porque às vezes você fala assim: eu estou mudado (...) As pessoas que têm que ver em você. A conversão ela vem dentro da sua casa. De seus filhos testemunharem quem você é, a sua esposa falar quem você é. Porque quem vai falar quem você é realmente é quem acompanha você. Porque a Bíblia diz que o coração do homem é enganoso. Então a gente precisa se converter a cada dia. Cada dia tenho algo dentro de mim que tem que ser transformado. Aí que a gente vê a conversão nossa. (...) Por exemplo, eu era uma pessoa que gostava muito do dinheiro. Muito mesmo, muito, muito. Hoje em dia, nós precisamos do dinheiro, mas se você hoje me oferecer algo eu vou analisar: qual é a procedência disso? Você me chega com um celular desse aqui [mostra o meu celular]. Um celular desse aqui vale R\$ 2.000. Aí você me vende ele por R\$ 100. Eu nem ia querer saber a procedência desse celular. Eu já comprava na sua mão. E depois a procedência dele é ilícita. Então eu ia ganhar dinheiro em cima dele, R\$ 1.900 em cima dele. Então isso já é uma conversão. (...) Porque antes você tinha um pensamento e hoje você já tem outro. Você não age da mesma forma. A conversão é o contrário daquilo que você era. Você converteu o seu pensamento, o seu jeito de ser. (...) Então a conversão ela vem aí. E pelo ouvir a Palavra de Deus também né, *varão*⁵⁶. Porque você tem que sempre andar na Palavra de Deus. (pastor Wadlei, 2019)

4.4 A nova identidade de crente

Segundo Anselm Strauss (1999) a identidade está associada a avaliações decisivas feitas de nós mesmos por nós mesmos e pelos outros. Fica claro que a conversão, o processo de mudança da carreira do bandido para a carreira do crente, a mudança de identidade, o fato de tornar-se *nova criatura*, neste caso, não ocorre se não tiver a decisão do próprio ator a submeter-se a outras pessoas – o pastor e demais membros – à estrutura (igreja) e

⁵⁶ Assim como a expressão “vaso”, a palavra “varão”, no dialeto evangélico, designa um homem que é forjado na fé cristã (no caso de mulher, “varoa”). Aparece muito nas versões mais clássicas da Bíblia traduzida para o português. Também é mais utilizada pelos pentecostais.

às regras (disciplinas espirituais), de modo a ser afetado continuamente a partir destes objetos.

O *nome* tem uma grande importância nessa mudança de identidade: o antigo “Brown”, *gerente geral* do tráfico do Bairro da Penha, agora é o “Pastor Washington”. Da mesma forma, são “Pastor Wadlei”, “Pastor Daniel”, “Diácono Kleiton”, “Evangalista André”, anteriormente conhecidos por seus nomes ou apelidos na *rua*. Essa é a nova forma, o novo status como são vistos agora por eles mesmos, pela Igreja e por Deus, e posteriormente fora da estrutura, com o reconhecimento da família, dos vizinhos e dos próprios traficantes, mesmo os que viveram a carreira do tráfico junto com eles.

A *linguagem* agora mudou. Tanto o modo de falar, as expressões, como no modo de se vestirem e tratarem os outros, agora são pessoas diferentes. Expressões e jargões típicos do meio evangélico são usados constantemente: *varão, vaso, Oh Glória, Eita Glória, Glória a Deus, tribulação, provação, irmão, querido, amado, Senhor, promessa, revelação, Satanás, Diabo, jejum, oração, preço, propósito, humilhação, testemunho, consagração, almas, fazer a obra*, etc. Usar roupa social, terno e gravata, andar arrumado, cheiroso, com barba e o cabelo aparados (exceto em épocas de *propósitos de humilhação*) e com uma Bíblia, seja segurando-a nas mãos ou debaixo do braço, são parte da identidade dos membros que ocupam cargos na Igreja Operando Deus. O tratamento em relação às pessoas, tanto pelo *testemunho*, quanto pelo interesse em ter a pessoa *salva*, como membro da Igreja, é um tratamento cordial, atencioso e generoso.

A partir de uma nova visão de mundo, agora embasada pelo entendimento da Bíblia Sagrada, as situações são classificadas de uma nova forma. Os momentos de dificuldades agora são classificados de *provações*, que servem para reforçar o caráter e a identidade, tornando-os mais fortes, mais firmes e estabelecidos na fé. Os momentos de dedicação às disciplinas [no caso as espirituais] são chamados de *consagração*. A realização do trabalho agora é *fazer a obra*. *Deus fala* com o crente de diversas formas: através da própria Bíblia Sagrada, através de situações, de visões e de sonhos (revelações), através da Igreja (pastores e outros irmãos), através da oração. O *inimigo* agora não é mais aquela pessoa contra a qual existem disputas ou desavenças, mas é *Satanás*, que veio *para matar, roubar e destruir* e usa a vida de outras pessoas para fazer o mal, ludibriando-as, já que é o *pai da mentira*. Para que um determinado objetivo difícil seja alcançado são feitos *propósitos*. Mesmo o trato com o dinheiro e a

prosperidade agora têm um novo sentido: parte do dinheiro é destinado a *primícias, dízimos e ofertas* para a *obra de Deus* e “prosperar” significa ter para se sustentar e para ajudar os outros.

Os vícios de comportamento da vida pregressa no crime ou mesmo aqueles advindos de outras socializações, e que são contraditórios à vida do crente e às doutrinas da Igreja Operando Deus sempre são confrontados, sobretudo nos momentos de *provas*. A “base de resistência” do crente, fundamental para enfrentar as *provas* e ser “aprovado”, está fundamentada nos ensinamentos bíblicos, e, uma vez que a Igreja Operando Deus oferece diversas atividades em seu ambiente, justamente para que o crente possa passar a maior quantidade de tempo possível na *presença de Deus*, as concepções de realizações e valores passam a ser limitados aos daquele grupo social, cujas vivências e trocas de experiências ajudam o “crente em prova” a chegar a uma solução/decisão que supere o dilema vivido. O fato de passar a maior parte do tempo envolvido nas atividades eclesiais só reforça a nova identidade e consolida a nova visão de mundo.

Ademais é nas *provas* que a identidade do crente é forjada. Em sua obra, Strauss cita Kenneth Burke, que afirma ser nas zonas de ambiguidade – que, no caso do crente, seriam os momentos de *provas* – que ocorrem as transformações. “Sem essas zonas, a transformação seria impossível” (1999, p.44).

Os *testemunhos* do ex-trafficante são lembranças de atos passados, agora a partir da nova terminologia pentecostal. Eles são frutos de atos da pregressa vida no tráfico que são vistos com as lentes e perspectivas pentecostais, reavaliando conseqüentemente seus atos de transgressão e as conseqüências destes como *desobediência a Deus, permissão de Deus, agir de Deus, castigo de Deus, providência divina, plano de Deus* para que hoje ele chegasse na posição de evangelista, diácono, presbítero, pastor. Os *testemunhos*, sejam eles relacionados à carreira no crime ou já na carreira de crente, são este processo de lembrança no qual estão implícitos seletividade e reconstrução do acontecimento real, enfatizando certos aspectos e negligenciando outros, o que explica a suposta extravagância de alguns deles.

Uma das características da identidade dos crentes também descrita no testemunho do pastor Washington, é a ênfase na batalha espiritual, na luta do bem contra o mal, cuja perspectiva passa a fazer parte da vida como um todo: o eterno duelo entre Deus e o Diabo, o sagrado e o profano.

Outro dia eu fui no “Osesp”, prisão. Eu passei no “Osesp” 2. Ali era uma prisão de segurança máxima. Era como se fosse um caixote, uma Arca de Noé. Era tudo quadrado, tudo escuro, tudo tampado. Lá estava eu. Tinha um jovem que eu amava muito, tinha cuidado dele, tratado dele na Igreja [da prisão]. E ali a cadeia estava em rebelião, um motim. E as pessoas que estão marcadas para morrer eram as primeiras que pegavam. Pegaram umas 10 pessoas para matar. Eu estava há três dias *no óleo*⁵⁷, pagando o *preço*, e dizia para Deus: ‘Muda. Eu não aceito essas pessoas morrerem’. No quinto dia começaram a matar, começaram a rancar cabeça e jogar a cabeça. Rancavam os dedos e jogavam os dedos, o pé. Eu falei: ‘Deus, me dá autoridade para entrar lá no meio da reunião do demônio’. E aí o Espírito Santo falou bem assim: ‘pega essa calça e pega a Bíblia. Leva a calça e leva a Bíblia. Porque você entrou numa missão agora’. Nós fizemos um grupo de evangelismo e missão e subimos. Subimos no pavilhão do presídio. Aquela reunião de um monte de homem, tudo com faca, com pedaço de ferro na mão, tudo endemoninhado, você via o demônio. Tudo ensanguentado. E três pessoas marcadas pra morrer sentado. Uma coisa que nunca vi na vida: eu vi uma pessoa sentada, com uma cabeça cortada na mão. E o outro falando assim: ‘a próxima cabeça vai ser a sua’. Outro em pé fala assim pra mim: ‘quem deixou este homem subir aqui?’. ‘Não era para os irmãos, para a Igreja chegar aqui’. Eu falava assim: ‘Deus mandou eu vir aqui e falou: ai de vocês se tocar neste aqui’. Aquele jovem olhou assim pra mim. Nós pegamos a Bíblia, colocamos na mão dele, pegamos a calça e falamos assim: ‘agora, a partir de hoje, você aceita Jesus porque Deus te escolheu!’. Ele chorando falou: ‘eu vou morrer’. Eu falei: ‘você não vai morrer’. A reunião mudou o quadro: enquanto 100 estava do lado de lá a favor de Deus, 100 estava contra. Havia aquela luta, um lado falava: ‘ele vai morrer’; o outro: ‘não vai’. Ele falou: ‘Pastor, pode descer. Se Deus falou que tem grande obra na vida dele, vamos ver se Deus vai dar o livramento’. Descemos e começamos a orar. Fizemos um culto debaixo da chuva, de joelho, dizendo: ‘Deus, salva aquela alma. Salva aquela alma!’. Quando deu uma hora da manhã, eles desceram com aquele homem e falaram assim: ‘esse aqui não vai morrer não’. Aquele jovem passou no vale da sombra da morte e Deus não deixou ele morrer. (pastor Washington, 2017)

Strauss afirma que no campo da retórica existe cálculo da reação do público o suficiente para a ocorrência efetiva de uma “dose razoável” de manipulação verbal por parte do orador, que se utiliza de estratégias, táticas e técnicas para convencer o público. Observa-se que nos cultos, principalmente durante o momento da *Palavra*, que é o momento mais calmo do culto, é preciso envolver os fiéis. Nos cultos pentecostais um termômetro dos pregadores para o momento são as respostas dos fiéis com *Amém!* *Aleluia!*, *Glória a Deus!*, *Louvado seja o nome do Senhor!*. Em alguns momentos, principalmente quando se está contando testemunhos ou histórias, se os fiéis não estão respondendo desta forma, é preciso uma reinterpretação da atividade da pregação, buscando critérios de validação da mesma. Normalmente, esses critérios se baseiam na pregação de versículos chave da Bíblia Sagrada de características triunfalistas. Ou

⁵⁷ A expressão “estar no óleo” significa dizer que o crente estava revestido do poder do Espírito Santo, após se consagrar em jejum e oração. “Pagar o preço”, neste caso, diz respeito a sacrifícios como ficar em jejum, sacrificar a carne, passar fome, no intuito de vivificar o Espírito, estando mais próximo de Deus para o cumprimento de propósitos.

mesmo em sentenças como “Deus manda te dizer esta noite que...”, por parte do pregador profeta, que ratificam sua posição como “enviado de Deus” e conseguem elevar o nível do termômetro espiritual do público. Quando se aproxima da parte dessas “frases de efeito”, os pregadores engrossam a voz e falam em *línguas* – sendo que as línguas também podem acontecer durante a frase e logo após.

.... As pessoas falavam assim: “pra ele não tem jeito”, “pra ele não tem solução”, “pra ele somente a cadeia ou a morte”, [engrossa a voz] mas o Deus que dá a última palavra está aqui nessa noite para falar com você que ainda há esperança! [gritos de *Amém!*, *Glória a Deus*, *Aleluia*]

....talvez você tenha um filho nas drogas, um filho no tráfico, tenha alguém da tua família que está lá, mas eu quero dizer esta noite [engrossa a voz] não perca a esperança que através da oração Deus pode mudar a situação! [gritos de *Glória a Deus*, *Amém*, *Aleluia!*]

... Deus me trouxe aqui nessa noite pra dizer pra você que ainda que você esteja na cinza [engrossa a voz] ele te dará a mão nessa noite para te levantar! [gritos de *Aleluia*, *Amém*, *Glória a Deus!*]

(pastor Washington, 2017)

“Aquele a quem muito foi perdoado, muito ama”⁵⁸: essa máxima talvez possa explicar o envolvimento, a dedicação e o compromisso que os convertidos do mundo da criminalidade têm na Igreja Operando Deus, visando alcançar os objetivos comuns das empreitadas da congregação. A partir das narrativas de vida pode-se notar que o empenho e a lealdade deles às causas da Igreja é diferenciada, fato que os permitiu estar nas posições de evangelistas, presbíteros e pastores. Ao perceber que uma pessoa que veio do mesmo meio criminal consegue, mesmo com todas as dificuldades, mudar de vida trilhando a carreira do crente e que ainda é possível se utilizar de diversas qualidades que usava na carreira do traficante para alavancar essa nova carreira – como é a questão da disposição, da sagacidade, da persuasão, da gerência e outras – esse ex-criminoso sente-se capaz e estimulado a se empenhar pelo bem da comunidade eclesial, ressignificando suas qualidades para o novo grupo social.

Os ex-traficantes gastaram muito tempo e energia em disciplinas como jejum, oração, estudo e leitura da *Palavra*, além de terem participado de diversos cursos, seminários e encontros promovidos pela Igreja Operando Deus até que chegassem no patamar da carreira de crente no qual se encontram. E continuam participando intensamente das atividades, já que essa é a proposta da Igreja para todos os membros e, aqueles de

⁵⁸ Lucas 7.47, Bíblia Sagrada.

posição hierárquica maior, que detém responsabilidades maiores, ainda têm o fardo de terem que ser exemplo para os outros. Anselm Strauss explica que em todo o compromisso de longa duração – como o da carreira de crente – existe um consentimento com o sacrifício pessoal, tendo o grupo – comandado pelos pastores – o direito de exigir de seus membros os mesmos sacrifícios (dedicação às disciplinas espirituais, propósitos e campanhas que envolvem toda a igreja). Na qualidade de sua própria plateia e juiz, o crente exige de si mesmo que não vadia ao longo de sua carreira, vença as tentações (com a força da fé) e abandone tudo aquilo que não *agrada a Deus*, mas intensifique a sua busca por *ele*.

Segundo Strauss o auto-sacrifício é uma entrega de modo a promover as mais profundas convicções e propósitos, fazendo parte de um desígnio que transcende os próprios motivos impuros das pessoas. Por isso, não se surpreende que todas as disciplinas sacrificiais, como o jejum, cuja intensidade pode variar, possa ser buscado com alegria, promovendo um senso tremendamente vital de identificação e união mística de “integração à causa ou ao ser superior”. “O auto-sacrifício significa muitas vezes a mais firme das identidades e o mais total dos compromissos” (1999, p.59).

Algo que tanto nas colocações de Strauss, quanto no entendimento cristão e nas doutrinas da Igreja Operando Deus é comum é a evidência de que a identidade continuará a ser perpetuamente construída. De acordo com Strauss, a reavaliação da identidade humana, embora intermitente, aponta para o caráter incabado, nunca concluído, de cada vida individual. “Isso suscita considerações teóricas que giram em torno da consecução e da perda de autodomínio, de compromisso com valores...” (p. 47). Para ele, as continuidades da experiência pessoal estão relacionadas sistematicamente com as fornecidas pela estrutura social, mas não são asseguradas por essa estrutura.

Na teoria, a carreira do crente se estende daqui para a eternidade: o *salvo* será crente até a sua morte e o seu caráter, sua identidade – que deve se assemelhar à identidade do seu *Salvador* – nunca estará acabada aqui neste plano. “Somente quando o que é perfeito vier, o que é imperfeito desaparecerá”⁵⁹, descreve bem o que ainda se espera dessa vida em relação ao desenvolvimento de sua identidade: as *orações*, os *jejuns* o estudo e a leitura da *Palavra* jamais cessarão nesta vida; as *provas* continuarão a acontecer – afinal

⁵⁹ 1 Coríntios 13.10, Bíblia Sagrada

elas são provas de que a pessoa é de fato *crente*; os *sacrifícios* vão continuar; o *preço* ainda terá que ser pago até que os crentes cheguem “à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo”⁶⁰. Na Igreja Operando Deus, esse desenvolvimento da identidade do crente pode significar cargos de liderança – que exigem, além do caráter, determinadas habilidades específicas, dependendo do cargo – ou mesmo uma grande influência entre os *irmãos*, mesmo que em um cargo não tão notório. Consideremos também o risco da apostasia ou mesmo da migração para outra igreja evangélica, o que pode proceder por fatores ligados à Escolha Racional da Religião, pela disputa de interpretações no campo de batalha da retórica, por decepções relacionadas a escândalos ou até por recorrentes *derrotas* nas *provas*.

4.5 A “dádiva horizontal” entre os crentes

A lei da tripla obrigação: dar, receber e retribuir. Ao analisar a dádiva (ou dom), de Marcel Mauss, Tarot (2002) afirma que se trata-se de uma obrigação, um dever e uma estrutura que organiza seus elementos, um todo que inclui tanto os homens, quanto as coisas. Nessa estrutura, Mauss leva em conta tanto a existência do interesse, quanto a relação por desprendimento, e considera a dimensão simbólica da dádiva central para a construção do vínculo social, que excede a dimensão utilitária e funcional do bem, criando verdadeiras alianças entre doador e receptor. Em sua compreensão, a dinâmica da sociedade é simbólica e ambivalente, formatada como um círculo de doações, recebimentos e devoluções de bens/símbolos entre os homens.

O dom, segundo Martins (2005) opera totalizações sociais que são irredutíveis às funções e estruturas instituídas, já que desenha o meio do desenvolvimento e do sentido das funções e estruturas.

Se a organização do tráfico de drogas é articulada socialmente a partir da distribuição de um regime de dádivas (*responsas*) advindas da *consideração* ou *conceito* dos bandidos (capital social adquirido a partir do reconhecimento pelas boas contribuições ao mundo do crime), existe um mecanismo parecido na Igreja Operando Deus. Se no tráfico, a dádiva é a *responso* (cargos e *cargas*) dada pelos donos do morro e recebida pelos gerentes gerais (que vendem a mercadoria e dela tiram o seu salário) depois retribuem o

⁶⁰ Efésios 4.13, Bíblia Sagrada

patrão com os lucros da venda das drogas, na Igreja Operando Deus essa dádiva – que eu vou chamar de *dádiva horizontal* – seriam as próprias *almas*, cujo cuidado é a *incumbência de confiança* determinada pelo pastor, relativa ao cargo hierárquico que o fiel exerce. O capital social alusivo ao *conceito* seria a *fidelidade* para com o pastor e a comunidade (conjunto das *almas*) na realização do bom serviço, como descrito na passagem bíblica de Mateus 25.21: “Muito bem, servo bom e fiel; sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei”.

Os paralelos do mundo do tráfico em relação à realidade da Igreja Operando Deus seriam os seguintes: o morro e as *bocas* nele estão para o chefe do tráfico, assim como a igreja e as *células*⁶¹ dela estão para o pastor. A *mercadoria* e as *almas* levam respectivamente as marcas do chefe do tráfico e do pastor.

Nós temos várias células, temos umas 20 células. (...) Tenho uma escola chamada Escola de Crescimento (...) ensina a pessoa a ser um líder de célula (...) Ontem tinha cento e cinquenta e poucas pessoas aqui, mais cinquenta e poucas na outra congregação. Duzentas e poucas pessoas. Agora o que acontece: eu tenho um discípulo, que esse discípulo tem 20 discípulos. Eu tenho outro discípulo... esses discípulos que eu tô falando são líderes. Jesus tinha 12. Mas ele tinha 70 que não estavam ali com ele. Então eu tenho vinte e poucos líderes. Um líder que tem cinquenta e poucas pessoas, tenho um líder que tem seis pessoas, tenho um líder que tem 20 pessoas. Cada um deles tem um pouco com eles. (...) As células acontecem nas casas dos próprios discípulos. (...) Bons líderes têm boas estratégias. Hoje posso te dizer que sou um cara estrategista. Fico bem focado nisso, o que vai acontecer, com qual ferramenta eu vou fazer? Como vou poder ajudar as pessoas? (pastor Daniel, 2018)

Os pastores afirmam que é necessário esforço, disciplina e comprometimento com Deus, a Palavra e a Igreja (*fidelidade*) para que o membro possa crescer e alcançar boas dádivas (cargos que propiciem um maior prestígio e influência sobre as *almas*). Determinadas funções são associadas a habilidades e dons específicos, e o desenvolvimento dos mesmos, a partir de sua *fidelidade*, é essencial para o crescimento espiritual e hierárquico (dádivas). O pastor Wadlei descreve várias fases em que novos membros que vêm de outras congregações devem passar a fim de que possam ocupar seu lugar na hierarquia.

(...) lá você vai entrar como membro. O que vai te botar na posição do pastor é você passar por todas as fases. Não tem essas não: “ah, eu sou apóstolo”.

⁶¹ As “células” são uma denominação mais recente para os tradicionais “Pequenos Grupos”, que se reúnem semanalmente nas casas dos crentes para realizarem estudos bíblicos, orarem e terem comunhão. Eles contam com um líder designado pelo pastor.

Tudo bem... você vai entrar, nós vamos fazer a *consolidação*⁶², vamos ter uma revistinha de consolidação que conversa com você, mostra o “mistério” todo do nosso ministério⁶³, te ensina como você vai dar o primeiro passo dentro do ministério, como que tem que ser sua vida na Igreja, como tem que ser sua vida espiritual (...) Então você tem que passar pelos seminários, todos, para poder estar agindo, interagindo junto conosco. Aí sim, depois que você passou, tudo isso, você vai passar pela fase de conhecimento⁶⁴. Você vai ter a oportunidade de pregar... o pastor vai ver, qual é a habilidade que você tem de fazer o que? (...) Lá nós somos todos iguais, mas porém, cada um nas suas funções. (pastor Wadlei, 2019)

Em entrevista que fiz em maio de 2018, o pastor Daniel dá o exemplo do (na época obreiro) Kleiton que, na última visita que fiz à igreja, em março de 2019, já estava na hierarquia de *diácono* e tinha uma posição profética de respeito na Igreja Operando Deus, profetizando, inclusive, na vida da esposa do pastor-presidente em uma ocasião. Para ser reconhecido como “servo bom e fiel”, e receber a sua dádiva, o membro tem que se esforçar no intuito de tornar-se “irrepreensível”. Ele também dá o exemplo do pastor Washington, considerado o caso mais impressionante de transformação (ou *fidelidade*), já que tratava-se do traficante mais “pesado” e, após algum tempo, recebeu a dádiva do pastoreio, cuidando de *ovelhas* nas células, auxiliando na pregação da Palavra e tornando-se seminarista, dado ao grau de *fidelidade* que alcançou.

Tudo vai depender do esforço dele. (...) Com sete meses ele [Kleiton, na época obreiro, hoje diácono] já vai estar exercendo aí dentro da igreja... nós tivemos um congresso de homens, ele já tocou num congresso de homens, ele já toca, é *levita*⁶⁵. (...) Liderança [para o Kleiton] não. Pro cara atingir a liderança aqui ele tem que mostrar muita coisa. Aqui não é igual igreja que o cara entra hoje e tá com a mão no instrumento não. Não é assim. O cara tem que ralar, que batalhar muito. (...) No mínimo nove meses pra virar um líder. Sendo irrepreensível. Sendo constante. Se ele fizer isso... (...) Ele [Kleiton] vai estar exercendo um ministério, vai estar trabalhando como levita e a gente acompanhando, vai estar tocando violão. Agora, fora da igreja ele pode ir nos evangelismos, pode participar de todas as atividades, na célula. Até mesmo dar uma célula um dia, não como líder. Tem que passar por tudinho (...) Nove meses a criança demora pra nascer, geralmente. Pode acontecer de sair um pré-maturo, de sete, de oito... mas nove meses eu acho que é o ideal. (...) O [ex-traficante] mais “pesado” que a gente tem hoje aqui é o pastor Washington, que é o antigo “Brown”. Foi o que ficou mais tempo preso, cometeu mais crimes, crimes mais terríveis. (...) Meu discípulo, minha

⁶² Estágio de apresentação e estudo das doutrinas e estatuto da Igreja Operando Deus, de forma a consolidá-lo no novo membro.

⁶³ Neste caso, “ministério” se refere à própria Igreja Operando Deus, que se trata do ministério pastoral liderado pelo pastor Daniel Rocha.

⁶⁴ Estágio em que serão conhecidos a atestados (ou não) os dons, habilidades e aptidões que o membro possui para ser inserido em determinada posição.

⁶⁵ Membros da Tribo de Levi, no velho testamento, separados para cuidar do templo e de seus utensílios. Mais tarde, começaram a exercer o papel de porteiros, guardas, padeiros e também cantores e instrumentistas. (ANDRADE, Anísio R. O que é um levita?. Igreja Batista da Lagoinha. 20 de fevereiro de 2003).

ovelha. (...) A gente caminha junto tem sete anos e meio. Ele é minha ovelha (...) Ele é pastor, eu consagrei ele. (...) Ele é líder de célula e me ajuda, prega na Igreja, é seminarista, ministra em seminário. [pastor Daniel]

Então o *chefe do tráfico* dá a mercadoria (dádiva) relativa ao cargo, que é recebida pelo *gerente*, que a vende (“dá”), recebe seu salário e retribui o *patrão* com os lucros; assim como o pastor dá a *incumbência de confiança* sobre a *alma* (dádiva) relativa ao cargo, que é recebida pelo presbítero (por exemplo), que exerce a assessoria do pastoreio das almas da igreja em retribuição aos ensinamentos e cuidados do pastor para com sua vida e à confiança depositada pelo pastor no cuidado com as demais *ovelhas*.

Se o lucro do *chefe do tráfico* é o dinheiro, que também é o pagamento do *gerente* e das outras hierarquias; o lucro do pastor são as *almas* firmes na Igreja, que também são o pagamento do presbítero (por exemplo), junto com todo o conhecimento compartilhado com ele pelo pastor – conhecimento esse necessário para cuidar das *almas*, e que tem grande valia como capital social. Além disso, a *fidelidade* do presbítero também vem em retribuição ao “cuidado” do pastor pela sua vida, a partir das orações, jejuns, palavras de sabedoria e até bens, em alguns casos.

Quanto mais *considerado* ou *conceituado* for o traficante, maior a chance de subir de hierarquia e ganhar mais dinheiro e mais poder; quanto mais *fiel* for o crente, maiores são as chances de ele ser ordenado a cargos maiores, cuidar de mais *almas* e ganhar mais prestígio no meio eclesial. Quanto mais dinheiro e mais *almas*, maior é a prosperidade do tráfico e da igreja, respectivamente.

A Bíblia diz que quanto mais você busca, mais poder você adquire. Entendeu? Mais envolvimento, o amor pelas *almas*. Você saber compreender e amar as pessoas e se preocupar com as pessoas. Porque um pastor é isso, se preocupa com as ovelhas. A Bíblia diz que o pastor dá a sua vida pelas ovelhas. (...) O sacerdote é um homem que tá cuidando de você, tá orando por você, tá *pagando um preço* por você, tá jejuando (...) tava orando hoje de manhã cedo na Igreja lá em Flexal, Cariacica, aí a irmã foi e falou assim: “tem que ir lá na casa do meu irmão e fazer oração porque ele tá doente. Tá acometido por uma enfermidade nas vistas, tá quase ficando cego”. Aí eu saí e fui lá e, precisando trabalhar, mas mesmo assim, deixo muitas vezes de fazer uma venda para poder cuidar de uma *alma*. (pastor Wadlei, 2019)

4.6 A “dádiva vertical” que transforma o caráter

A pergunta central desse trabalho foi: como um criminoso contumaz consegue ter a vida transformada de modo a tornar-se um exemplo para sua comunidade, trazer benefícios

para a sociedade e ainda ajudar a transformar a vida de outros criminosos? Quem seria a pessoa ou o profissional (psicólogo, assistente social ou até mesmo policial) que estaria disposto a arriscar sua própria vida, subindo a uma *boca de fumo* para tentar ajudar aquele bandido a mudar de vida, sem receber nada em troca – ou até mesmo recebendo?

A minha hipótese é que a dádiva da *salvação*, uma dádiva abstrata, que eu chamo aqui de *dádiva vertical* é que possibilita a transformação da identidade do bandido em crente, fazendo-o obediente à *lei de Deus* e, conseqüentemente, às autoridades na sociedade e à lei dos homens. É a dádiva da *salvação* que faz esse ex-criminoso trabalhar em prol do seu próximo, da comunidade e da sociedade e ainda sair em busca de outros criminosos nas *bocas de fumo*, arriscando suas próprias vidas, acreditando na *salvação* e transformação desses bandidos.

Eu era uma pessoa que deveria estar morto. No Inferno. Tudo o que a gente faz, a gente colhe. Eu já fiz muitas coisas ruins. Então eu não merecia nem viver. E Deus, Ele entrou na minha história, rasgou o escrito de dívida e me deu uma oportunidade. Então é como se fosse um hospital onde Deus opera na vida das pessoas. Ele arranca o coração de pedra e transforma em coração de carne. Pega um camarada igual eu sem, sentimento, sem coração, que se tornou um criminoso, pessoa ruim, que era capaz de fazer qualquer coisa que imaginasse e rancou aquele coração ruim, que não tinha vida, que não dormia direito, disposta a matar, e transformou meu coração. (...) eu não aceito eu dar menos pra Deus do que eu dei pro Diabo. Se eu era capaz de fazer o tanto de doidera que eu já fiz na minha vida por Satanás e pelo dinheiro [ele mostra uma cicatriz em forma de cifrão que tem na mão, provavelmente feita com uma faca], porque pra Deus eu vou fazer menos? Eu não aceito isso. (pastor Daniel, 2018)

Ademais, a *salvação* encaixa-se em todos os requisitos do que seria a dádiva de Mauss. Ela é um bem simbólico circulante que leva em conta tanto a existência do interesse, quanto as ações por desprendimento e altruísmo, construindo vínculos sociais com a tripla obrigação de *dar, receber e retribuir*, vínculos esses que são verdadeiras alianças entre doador e receptor, formatando um círculo de doações, recebimentos e devoluções entre os homens. A *salvação* possui regras próprias e dela depende a existência da Igreja e toda a estrutura e funções da mesma.

Denominei a *salvação* de uma *dádiva vertical* porque ela é considerada pela própria Bíblia Sagrada um “dom que vem de Deus” (Efésios 2.8), um bem abstrato/simbólico que não pode ser produzido pelo próprio ser humano. Teologias à parte, em geral, o crente crê que a *salvação* tem a seguinte condição para ser adquirida: crer em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Já o sinal exterior de que o crente foi *salvo* – que

ele de fato *aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador* – é que ele passa a ter um caráter transformado a partir do estudo e da obediência às Escrituras Sagradas e, conseqüentemente, passa a realizar “boas obras” (Efésios 2.10). A conversão, que é este processo caracterizado pela mudança de mente e comportamento (*metanoia*), portanto, é a conseqüência da *salvação*.

É claro que a *salvação* é apresentada a partir da pregação do *Evangelho* pela Igreja, sendo esta considerada a agência terrena da *salvação*. A partir do momento que o crente ganha a *salvação* de Deus ele descobrirá que esta dádiva deve ser passada adiante em virtude do *grande comissionamento*: “ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura, fazendo discípulos de todas as nações, ensinando-os a observar todas as coisas que tenho mandado” (Mateus 28.19-20; Marcos 16:15). E também que o “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” (os dois maiores mandamentos, segundo a Bíblia Sagrada em Mateus 22.36-40), estão compreendidos também na realização do *grande comissionamento*.

Levar a *salvação* adiante, portanto, é uma obrigação do crente que foi *salvo*. A *salvação* é uma dádiva que é dada do alto, dada por Deus, por intermédio da *agência da salvação*, que é a igreja. O crente a recebe e tem, agora, a obrigação de passá-la adiante e este movimento pode acontecer simultaneamente de forma interesseira e altruísta. O ato de passar a *salvação* adiante é, ao mesmo o tempo, tanto um ato de *dar* ao próximo esta dádiva, quanto o de *retribuir* a Deus e à sua Igreja a dádiva recebida, já que, ao realizar a pregação da *salvação* (mandamento do *grande comissionamento*) estará obedecendo ao mesmo tempo a Deus e sua Igreja, contribuindo para o crescimento e a expansão dos mesmos. E é exatamente o que Deus e o que a Igreja esperam em retribuição, pois ambos têm o interesse de ver a maior quantidade de pessoas *salvas*. Mas, ao mesmo tempo, o fazem *por amor*, pois, na essência do entendimento, aquele que é o agente da *salvação*, Jesus Cristo, deu a sua vida *por amor*, e seus discípulos – os *salvos*, convertidos, sua Igreja – buscam um caráter como o dele no processo do desenvolvimento espiritual.

Muito mais do que um simples vínculo social entre o pastor e demais membros da hierarquia eclesial e convertidos, a proposta bíblica da *salvação* é a de criação de uma eterna aliança entre Deus e os *salvos* e de uma *família da fé* dos *salvos* entre si (Igreja), que vivem em aliança de fé uns com os outros. A proposta dessa *aliança vertical* é,

inclusive, gerar um vínculo mais poderoso do que o vínculo que o crente tem com a sua família de sangue, sendo Jesus considerado o seu *primeiro amor*. Já a aliança familiar da fé, em alguns casos, também pode ser mais forte do que o vínculo familiar sanguíneo.

As próprias relações de doação de um crente para outro dentro da Igreja acontecem no sentido da dádiva. Como descreve o próprio pastor Wadlei, o ato de *dar* uma cesta básica ao *irmão* que está precisando (no caso, equivalendo a suprir as necessidades do próximo) é encarado como *mandamento*: o *irmão* recebe essa dádiva e a *retribuição* chegará ao doador de alguma forma, talvez pelas mãos do próprio irmão que recebeu, mas certamente virá *de Deus*. Trata-se do ato de “ajuntar tesouros no céu”⁶⁶, pois a recompensa desse *ato a Deus* (há o entendimento de que quando se está servindo ao próximo, se está servindo ao próprio Deus, através de obediência ao *mandamento*) pode vir na forma de um “*galardão* nos céus”, na vida após a morte, ou mesmo uma recompensa ainda em sua vida terrena, através de bênçãos quaisquer que sejam, independente se aquele irmão que recebeu retribua ou não aquela dádiva.

A dádiva que é a *salvação* de um traficante, condenado à cadeia e à morte pela sociedade, e anteriormente ao inferno, *por Deus*, e agora ter uma *nova vida*, uma família estruturada, um emprego, um cargo na Igreja e ainda *ir para o céu* após a morte carnal é que explica e predispõe a circulação de outros tipos de dádivas, em forma de ajuda – cestas básicas, alimentos, serviços, dinheiro – ou de presentes mesmo. Em suas falas, eles já “estão no lucro”, “não são merecedores”, já receberam muito mais do que poderiam imaginar. A questão de *dar* é tanto um ato de gratidão e desprendimento, quanto um ato de interesse.

...foi uma porta dos céus que Deus abriu para nós e estamos aí firmes até hoje. Aí fui indo, fui levantado obreiro, depois fui levantado a diácono, depois levantado a presbítero e naquele dia que você foi lá fui levantado a pastor. (...) Eu quando comecei eu não tinha nada, nada, quando entrei na Igreja. Uma dificuldade terrível. Passei por situações difíceis, perseguições, que a gente sempre passa, passei desemprego. Graças a Deus, Deus nunca deixou faltar nada dentro de casa pra gente. Mas já fiquei sem dinheiro pra comprar nada. Hoje graças a Deus temos essa casa, temos duas motos, temos dois carros, tenho uma empresa aqui, que é o depósito aqui embaixo (...) tem um lá em Cariacica, ao lado da nossa Igreja e hoje eu tomo conta de 30 membros da Igreja, uma Igreja que comporta 150 pessoas. Nos cultos de quarta-feira e domingo. E estamos aí para a honra e glória do Senhor, mas

⁶⁶ A passagem de Mateus 6.19-20, diz para não ajuntar “tesouros na terra”, mas “tesouros no céu” o que, na interpretação significa obedecer a Deus e a seus mandamentos de forma sincera, e não para ser visto, como faziam os fariseus. Significa ser um bem-aventurado (Mateus 5) e, desta forma, receberão sua recompensa nos céus.

passei uma situação difícil na mão de Satanás, e se não fosse esse Deus maravilhoso, acho que eu nem estaria vivo. Porque as pessoas que tentaram contra a minha vida [o próprio pastor Washington e o diácono Kleiton], Deus colocou pra construir a minha casa. O outro que tentou [contra a minha vida] ajudei ele, hoje ele é casado, e Deus me usou pra passar revelações pra ele sobre o emprego dele, hoje ele é dono de uma barbearia, o Kleiton, profissional. Falei com ele “eu via você num lugar maior”... Na outra semana Deus abriu a oportunidade pra ele de estar num lugar maior. Eu via a esposa dele antes mesmo de conhecer, eu falei a ele “eu via você com uma mulher assim e assim...”, Deus bradou com o fogo do Espírito Santo mesmo. Hoje ele é casado. Deus tem me usado bastante na Igreja. As revelações que Deus tem me dado tem acontecido, as profecias. E nós somos uma igreja que ajuda. Nós temos lá duas cestas básicas lá embaixo e vamos levar pra pessoas do ministério, pessoas que não são do ministério. Na minha despensa, graças a Deus, nunca faltou nada. (...) Então é isso, a gente aprende a dividir também. Às vezes eu tô aqui com cinco quilos de arroz. Às vezes tem uma família que precisa ali, eu tiro um pouco do meu e levo lá. Hoje pelo menos ela vai ter o que comer essa pessoa. A gente trabalha assim. (pastor Wadlei, 2019)

A fala do pastor Wadlei revela uma dimensão inimaginável da dádiva da *salvação*: ela foi capaz de fazer inimigos mortais virarem amigos. Em sua época de tráfico, o hoje pastor Wadlei sofreu uma tentativa de homicídio pelo então “Brown” (atual pastor Washington) e também pelo diácono Kleiton. Agora, como crentes, eles trocam dádivas entre si. Além de ter ajudado o diácono Kleiton espiritualmente, através das profecias em sua vida, o pastor Wadlei teve a sua casa no bairro Santa Martha, em Vitória, completamente construída pelo pastor Washington, que tentou matá-lo. Não só o pastor Washington, mas outras pessoas da congregação contribuíram voluntariamente para a construção da casa, comprovando que a dádiva continua circulando, mesmo sem a retribuição material do irmão crente.

(...) Aí quem fez essa casa aqui foi um pastor. Hoje ele é pastor. Mas antes, na minha primeira saída, há 17 anos atrás, do Bairro da Penha, justamente por causa da droga de novo, ele era o conhecido “Brown”, hoje é pastor Washington. Ele entrou dentro da minha casa e tentou tirar minha vida, minha e da minha família. Meu filho estava com cinco anos de idade, minha filha com um aninho. E na hora que ele subiu a escala ele disse: “eu vi um ser de branco aqui dentro e ele falou assim: ‘se você tocar nele eu vou ceifar sua vida. Não toque nele, porque ele é ungido meu’”. (...) Se passaram anos, ele ficou preso 12 anos, saiu de lá convertido, na presença de Deus, estava lá na nossa igreja, e ele ficou sabendo que tinha um rapaz que precisava construir uma casa. Aí quando ele me viu, ele não se lembrava de mais de mim. Mas eu se lembrava todinha a história. Ali nós fomos pra um Encontro com Deus, no Sítio Pouso do Cristão, que a nossa igreja sempre trabalha em cima disso. Nós fomos lá. Lá eu contei a história que ele não se lembrava mais. Ele me pediu perdão, eu perdoei ele, e a partir dali ele começou a fazer a minha casa. E hoje ele construiu os quatro andares que tem aqui. Ele que construiu a minha casa. Quando a gente conta esse testemunho eles veem que o agir de Deus é maravilhoso na vida daquele que busca Ele. (...) Ele veio, nós oramos juntos, perdoamos nós, um perdoou o outro e ele começou a trabalhar pra mim. Não só ele, teve um pastor de Minas Gerais que veio e me abençoou.

Trabalhar pra mim eu contratando o serviço dele, de pedreiro. O valor dele de R\$ 150, ele me cobrava R\$ 80 o dia. Coisa que não faz pra ninguém. Os ajudantes, pessoas que moviam o coração através da pregação, vinham, ajudavam. Foi vindo, ajudando e construindo essa casa. (pastor Wadlei, 2019)

4.7 Dádiva da prosperidade

O tema da prosperidade, que é visto na narrativa do pastor Wadlei, também é uma questão atrelada à dádiva da *salvação*. Ele explica que existe uma lógica espiritual ligada à prosperidade do *salvo*. Segundo o pastor Daniel, tudo começa com o fato de que o dinheiro, que era o “senhor” do então traficante, passa agora a ser um “servo” do crente convertido para a realização da *obra* e da *vontade de Deus*. Logo, o desprendimento, ou a “libertação” de “Mamom” (considerado o “deus do dinheiro”), que antes era senhor das vidas, é o caminho para começar a obedecer aos propósitos que Deus tem relacionados ao dinheiro e à área financeira da vida do crente da Igreja Operando Deus. Essa *libertação financeira* é um sinal de submissão e obediência a Deus e mesmo de conversão.

[Eu] O cara que se converteu, fez tudo certinho... Se ele não der o dízimo, isso é um sinal de não conversão?

Existe as leis. Quais são: a Bíblia diz que (vou ter que te dar uma aula aqui)... a questão é a seguinte: por que o cara trabalhava no tráfico?

[Eu] Dinheiro.

Quem era o deus do cara?

[Eu] Satanás, Mamom...

Mamom. Quantos senhores a Bíblia diz que existe?

[Eu] Dois.

Quem falou isso? Jesus. A Bíblia diz que não tem como você adorar a dois senhores, não tem como você adorar a Deus e a Mamom. Quem é Mamom? O deus do dinheiro. Então o camarada tava no tráfico. Então ele tinha que pagar as leis do tráfico, que era a parte do *dono* [do morro], da *responso*. E ficar com o lucro dele, não podia ganhar nada mais. (...) O camarada se converteu. Ele foi pro tráfico por causa de que? Ele gosta de tomar tiro de polícia, ele gosta de ir preso? Ele foi pro tráfico por causa de dinheiro. (...) Dízimo não se dá, dízimo se devolve. Na Palavra de Deus se aprende isso. Se o camarada não consegue devolver o dízimo, ele tá preso em alguma coisa, ele tá preso no dinheiro. Se ele tá preso no dinheiro ele tá preso em qual senhor? Mamom, que é o deus do dinheiro. (...) Quando a pessoa vem dizimar, ela está dizendo o que: esse não é o meu deus, então eu entrego ele no altar. (...) Os homens consideram Mamom um deus, dão a própria vida por ele. (...) “Eu entrego a minha vida, mas meu carro e minha casa, não”. As pessoas elas são apegadas nisso. (...) A gente tá aqui [na sede da Igreja Operando Deus], tem uma internet ligada aqui de 50 mega. Eu tenho que pagar. Tem uma luz ligada aqui, então eu tenho que pagar. Uma água

geladinha, tenho que pagar. (...) existe um Reino do céu na Terra. Esse reino para ele andar na terra, que se move por coisas físicas, tem que ser movido com dinheiro físico. Então esse camarada ele tem que reconhecer que ele não manda mais nele, que ele é um servo de Deus, que “servo” no grego significa “escravo voluntário”... ele tem que reconhecer e se submeter àquilo. (...) Então uma das demonstrações de conversão é ele reconhecendo que não 10% é de Deus, mas tudo o que ele tem é de Deus, e ele devolve 10% porque o Senhor pediu pra ele devolver os 10%. Não só os 10%, mas como também oferta, primícias, então tem tudo isso. Mas o dízimo é a décima parte. Quando ele tá pegando aquela décima parte e está ofertando, é um dos sinais, de que ele está obedecendo a Palavra (...) (pastor Daniel, 2018)

A partir da *obediência financeira* na devolução dos *dízimos*, das *ofertas* e das *primícias* abre-se caminho para a dádiva da prosperidade: o fiel *dá* o dinheiro, a igreja *recebe* e Deus *retribui*. É recorrente nos cultos ouvir-se de um fiel um testemunho de *bênção financeira* a partir da obediência nessa área. Assim como é normal o pastor desafiar a congregação a investir em determinada empreitada da Igreja Operando Deus e também fazer *revelações* na área financeira. Alguns exemplos que aconteceram comigo nos cultos que estive presente foram: o pastor Daniel desafiando os membros a pagarem quatro boletos de conta de luz da “Casa do Oleiro” (a casa de recuperação para dependentes químicos da Igreja) que estavam vencidos e a luz estava prestes a ser cortada, assegurando que essa atitude traria retornos espirituais e financeiros; o pastor Daniel profetizando um carro na vida do, então presbítero, Wadlei; os pastores encorajando a congregação a investir em uma nova filial da igreja para 300 membros na periferia de Cariacica, e que isso traria retornos espirituais e financeiros. O que não é *dízimo* e nem *primícias*, cujo entendimento da Igreja Operando Deus é de que esses dois são mandamentos, ou seja, apenas se devolve – e o ato de obediência pressupõe *bênçãos*, inclusive materiais – é tratado como oferta. E a oferta entra lógica da *lei da semeadura*: semear para colher. Mais uma vez o fiel *dá* o dinheiro, a igreja *recebe* e Deus *retribui*. Vale salientar que o conceito de *prosperidade financeira*, segundo o pastor Wadlei, é “ter para poder ajudar os outros”. O pastor conta casos em que a sua *fidelidade financeira*, ou mesmo um gesto de generosidade, foi retribuído.

[Eu] Existe uma lógica espiritual da prosperidade financeira?

Sim. Fidelidade para com Deus. Temos que ser fiel a Deus. A Bíblia diz que devemos honrar o Senhor com nossos dízimos e nossas ofertas. Então quando nós honramos ao Senhor as janelas do céu se abrem. Quem abre as janelas do céu? Deus. Mas janela você consegue abrir pelo lado de fora? Quem abre a janela é quem tá por dentro. Quem tá por dentro é Deus. Ele é o dono do outro e da prata. Somente Ele. Só Ele. Igual... hoje na presença de Deus você não tem o que você tinha no mundo, você sabe disso. Então isso é realidade. Eu vejo pessoas que hoje poderiam estar muito bem estruturadas, mas pela

infidelidade dele para com Deus, eles não conseguem adquirir. E o primeiro de tudo é a *primícia*. *Primícia* é o primeiro. Antes de você tirar o *dízimo* você tem que tirar sua *primícias*. (...) É um dia de trabalho seu, aí você vai lá e *primícia*, você honra. Honra o sacerdote com suas *primícias*. E vai pro sacerdote (pastor principal). Porque o sacerdote é um homem que tá cuidando de você, tá orando por você, tá pagando um preço por você, tá jejuando... Então o sacerdote precisa de locomover pra vir pra sua casa, pra fazer uma oração... (...) Rapaz, quer ver uma coisa que dá certo? Vou te contar uma coisa que eu fiz prova, Deus ele me mostrou. (...) Eu tava um dia no supermercado e falei assim: “eu vou comprar um sorvete pro pastor”. Aí o *Espírito Santo de Deus* falou assim: “não, você vai comprar esse sorvete para o filho do pastor”. Aí eu falei: “eu vou dar pra pastora”. E Ele falou assim: “não, você vai comprar é para o filho do pastor”. Eu falei: “amém”. (...) Aí eu peguei e comprei o sorvete, cheguei lá e dei pra os filhos do pastor. Rapaz... eles adoraram, eles amaram aquilo. Amaram aquilo. E fiquei com aquilo aí pensei “que bênção”. Aí precisava mexer no quarto da minha filha, né, comprar o porcelanato pro quarto da minha filha aqui embaixo. E pra comprar o porcelanato ia ficar mais ou menos uns R\$ 400. Fora o porcelanato, só a mão de obra. Aí veio um irmão lá de Flexal e foi e colocou porcelanato. A aí não me falou preço e nem nada. Aí eu pensei naquilo: “gente, como eu vou fazer?”. Aí pensa que não, rapaz, quando terminou o serviço, eu falei: “quanto que é?”, ele falou: “nada não”. “Eu tô presenteando a sua filha”. Ganhei muito mais do que um sorvete *varão*, muito mais do que um sorvete. É uma lógica espiritual. (...) (pastor Wadlei, 2019)

Ele ainda contou mais casos, como no dia em que não tinha dinheiro para *primiciar* o pastor e realizou serviços para ele, e no dia em que nem precisou pagar por um serviço em sua moto.

Meu pastor, ele tava muito atarefado e eu sem vender nada. Já tinha dois dias sem vender nada, com umas contas pra pagar, eu precisava pagar R\$ 2.300 de dívida. Os boletos vindo já, vencendo, porque eu compro parcelado as minhas compras, no cheque ou no boleto. (...) Um belo dia eu falei “pastor, eu vou te *primiciar* um dia”. “O que o senhor quer que eu faça?”. Ele falou assim: “eu quero que você faça um varal lá em cima pra mim”. Eu fui lá e fiz um varal. Depois ele virou e falou assim: “tem como você levar a minha esposa lá no Shopping”, esqueci o nome... Moxuara. Fui lá, peguei e levei ela, ela trocou o sapatinho do filho dela e tal, demorou mais ou menos umas três horas pra fazer isso tudo. Quando eu encostei na porta da casa dela, quando ela saiu, meu telefone tocou desembolado. Eu fiz R\$ 1.250 naquele dia. R\$ 1.250! O dia todo sem uma ligação, rapaz. Ali foi o agir de Deus naquela hora, rapaz. Eu fui e paguei o boleto. Deus nunca deixou faltar. (...) Outro fato que aconteceu, de eu ser uma pessoa abençoadora, foi a moto, que minha moto estragou, eu precisava consertar ela. E eu falei assim: “rapaz, esse mês foi fraco pra mim, só deu pra mim pagar as contas de energia, conta de água, deu pra mim pagar cartão de crédito, então eu tenho o dinheiro só pra pagar o boleto bancário e pra fazer compra pra dentro de casa. E como eu vou fazer pra pagar essa moto? Eu vou lá pra pegar essa moto. Eu vou dar o cheque, vou dividir no cheque”. Quando eu cheguei lá pra pegar a moto eu perguntei ao dono do estabelecimento “quanto é o valor?”. Ela falou assim: “toma a chave, pode ir embora, que Deus te acompanhe”. R\$ 750 o valor. E eu não paguei nem um real. (pastor Wadlei, 2019)

Percebe-se que a distribuição de dádivas, sejam elas em forma de dinheiro, serviço, profecia, oração entre parte dos crentes da Igreja Operando Deus é praxe, todas somente possíveis pela dádiva superior da *salvação*, que propicia a *libertação financeira*, o *amor ao próximo* (também em forma de serviço), o *semear para colher*, e também o uso dos dons, como o de profecia e o da fé. Isso mostra também a dimensão das alianças criadas entre os crentes, que são, antes de tudo, aliança e compromisso *vertical*, com Deus, que são materializados horizontalmente, na vida de seus irmãos na fé, na sua família da fé, que é a Igreja Operando Deus.

4.8 A salvação dos traficantes

E eu fui pra esse assalto, fiz uma promessa com o Diabo. Eu falei assim pro Diabo: “Se eu não voltar com o que eu quero, eu quero que da minha boca e do meu nariz jorre sangue”. E quando desci pro assalto, o cerco se fechou. Houve uma troca de tiros, eu tentei correr e o Diabo na minha mente falando assim: “você vai morrer mesmo? Mata, leva um também”. E a pessoa numa distância de cinco metros me atirando e ao invés de correr, eu ia pra frente dando tiro, o tiro pegando em mim e o Diabo falando: “é hoje que eu te levo, a sua alma”. Eu todo furado e quando vi que só tinha uma bala no tambor e comecei a correr, correr muito. Era o final da minha vida. (...) eu botava o dedo embaixo tinha um buraco, mas quando tampava aqui saia aqui. Eu estava todo furado. (...) E quando fui ver a minha boca começou a sangrar, o meu nariz começou a jorrar. Eu lembrei do que eu falei com o Diabo, eu amaldiçoei a minha própria vida. (...) Eu implorava assim: “Deus não deixa eu morrer”. (...) Quando eu estava lá peguei a minha arma, olhei pra ela, coloquei de lado, e falei assim: “Deus me dá uma última chance, a última oportunidade pra viver”. Eu via que eu estava morrendo, ali caído, mas dentro de mim falou algo mais forte: “Jesus”. Eu comecei a falar assim: “Deus, se o Senhor me der a última oportunidade hoje, e não me deixar morrer, a partir de hoje eu vou aceitar ao Senhor, e vou pregar a Tua *Palavra*, aonde eu botar a planta do pé eu vou falar do Teu Nome”. (...) Aquele cara que outra hora era um traficante, que pra sociedade não valia mais nada, quando eu falei aquilo mudou tudo. Eu troquei a arma pela *Palavra*, troquei a metralhadora, a doze, o fuzil, o 38, pela *Palavra de Deus*, que ela vai e não erra o alvo, é certa, é pra dar vida! (...) Os policiais me acharam. Olhou pra mim e disse: “há quantos anos eu tô atrás dele. Vamos matar ele logo, vamos acabar com ele aqui”. Mas eles não sabiam que eu tinha aceitado a Jesus. Quando eles pegaram a minha cabeça e começaram a bater na escada falando ‘morre desgraçado, morre’. Eu falei “Senhor, a minha vida está nas tuas mãos”. Formou uma rodinha de policiais, pisando na minha cabeça, dizendo: ‘morre’. Depois chegou aquele monte de pessoas curiosas falando: ‘morreu’. A notícia chegou lá na minha família: “ele morreu”. Minha mãe começou a chorar, meu pai começou a chorar. Minha família entrou em pranto, pensando que eu tinha morrido. A minha família estava sem esperança. (...) Quando os policiais estavam olhando chegou uma viatura, naquela época era o Santana. Olhou pra mim rapidamente, “abre o caminho, pega ele”, pegou eu, botou dentro do carro. Eu vi os anjos chegando ali já e falei assim: “Deus...”. (...) Me levaram dali para o hospital São Lucas. “Eu falava: Deus eu vou morrer”. Mas algo dentro de mim falava: “você não vai morrer mais, porque você me aceitou. Eu vou mudar a sua vida!”. (...) Cheguei na porta do hospital tinha uma enfermeira que era crente. Enquanto os policiais me pegavam, me

jogaram de qualquer maneira, ela gritou bem alto e disse: Ei! Não toca nele, porque ele também é ser humano! Ela me abraçou e me levou para dentro. Deus colocou seus servos ao meu lado para me ajudar. (...) O batimento cardíaco só ia descendo. 90, 80, 70... O médico olhou em volta assim: “acabou”. (...) Eu lembro que o médico botou a máscara em mim... eu apaguei. (...) No outro dia acordei e estava todo costurado: 30 pontos na barriga. (...) Comecei a me recuperar. Quando estava no corredor do hospital, eu vi um médico, olhou pra mim e disse “Washington” (ele falou outro nome porque eu tinha até nome falso...). “Eu fiz três cirurgias”. O médico me disse: “eu peguei o seu coração na mão Washington, abri o seu peito, rasguei o seu peito, e enfiei a minha mão dentro de você, tirei o seu coração pra limpar ele, porque ele tava todo preto. Você tomou um tiro à queima roupa. Eu tive que limpar o seu coração e botar ele de volta”. Ele tirou o meu coração e botou de volta de mim, sabe o que é isso?! Limpou meu coração e botou de volta. Ele falou assim: “Eu fiz três cirurgias, e dos três você foi o único que sobreviveu”. (...) Aí você fica pensando o tanto de livramento que Deus te dá. Fiquei pensando: “Deus tem uma obra em minha vida”. (pastor Washington, 2019)

Voltamos às perguntas: que método inventado pelo homem é capaz de produzir transformação na vida de um criminoso contumaz? Esse testemunho do pastor Washington dá uma dimensão do que significa a dádiva *salvação* na vida de um bandido. Escolhi o testemunho dele por se tratar do ex-criminoso mais emblemático convertido na Igreja Operando Deus, considerado o “mais pesado” dentre os demais que viveram a vida, ou carreira, no tráfico. A *salvação*, como explicado anteriormente, se dá no processo de “aceitar Jesus como Senhor e Salvador”, mas é comprovada mediante a *conversão*, o “arrepentimento dos *pecados*” e a *metanoia*. Neste caso ele entrega (*dá*) a sua vida ao Senhor, *recebe* uma nova vida e a partir daí reparte a sua nova vida santa com os outros, *retribuindo* a Deus o “favor imerecido” (*salvação*) a partir do *serviço ao Senhor*: “a partir de hoje eu vou *aceitar ao Senhor*, e vou pregar a *Tua Palavra*, aonde eu botar a planta do pé eu vou falar do Teu Nome”. Este ciclo é indefinidamente repetido desde o início da Igreja primitiva e continua a partir de cada vida convertida.

Washington admite: “Deveria estar morto. Deveria estar no inferno agora. Tanta coisa errada que fiz, quanta gente que fiz sofrer... Mas fui alcançado pela *graça*, favor imerecido do Senhor. Ele morreu pra me *salvar*... As coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo”. Quantas pessoas não desejavam a morte de Washington? Os próprios policiais, em sua narrativa, o queriam morto. Mas ele viveu. Como se explica isso? Para alguns, sorte, acaso, destino. Para ele, só a sua fé em Jesus consegue explicar. Só o Deus que se fez homem para “dar vida em abundância” e se entregar na cruz pela *salvação* dos pecadores que “mereciam o inferno” explica sua sobrevivência. Quem, na sociedade, daria a mesma chance a ele de recomeçar sua vida com “o escrito de dívidas

[espirituais] pago a partir do sangue derramado” – embora socialmente ele tivesse que pagar pelos seus delitos – relevando o seu passado criminoso, possibilitando uma *vida nova*, cheia de promessas? Ninguém, nem a sua família. Para ele, só Jesus, por sua *salvação*, que vem pela *fé* a partir da *graça* e, conseqüentemente, a sua família da fé, a Igreja Operando Deus, lugar onde frequentam outras pessoas que passaram por trajetórias de vida semelhantes à dele e, portanto, podem acolhê-lo com a empatia necessária. Este fato explica o seu apego à *salvação* e à *agência da salvação* para reconstruir sua vida, numa nova carreira, com uma nova identidade, com um Deus que “só tem planos de bem” e “quer o melhor” para ele.

Esse mesmo Deus não está somente aqui na igreja; Mas é uma referência para vários tipos de pessoas. Aqui tem pessoa que já foi sequestrador, assaltante, condenado a 28 anos de prisão, 10 anos preso, aqui tem ex-assaltante, ex-trafficante, ex-homicida, pessoas de tudo quanto é tipo, porque é um lugar de oportunidade. Então a Igreja Operando Deus é um lugar de oportunidades pra essas pessoas. É igreja onde o camarada pode chegar como estiver. (pastor Daniel, 2018)

Para o pastor Daniel, pastor-presidente da Igreja Operando Deus, já acostumado com o pastoreio de ovelhas com vidas pregressas criminosas, a diferença de se pastorear alguém que venha do mundo do crime ou da dependência química é a resiliência do pastor e da Igreja para com essa pessoa no início no processo de conversão e o não julgamento, em caso de transgressões. O trafficante tem muitas coisas a serem acertadas *na rua com o tráfico* e com a Justiça.

Não [pode] desistir dele, independente se ele matar, se ele roubar, se ele destruir. Não desistir dele. É tratar ele... o cara comete um homicídio, ele assaltou alguma coisa ou fez alguma coisa errada. Eu não vou crucificar o cara. Mesmo a gente que tem uma dificuldade de uma coisa pequena, que é pecado, ele tem a dificuldade em outras áreas, às vezes vencer a droga, o vício... então a gente vai tentar ajudar o camarada. Tem o discipulado. Dentro de 24h a 48 horas, esse camarada tem que receber uma ligação. O que a gente fazia? Pelo menos na pessoa que aceitava aqui. O cara aceitou Jesus, acabou de aceitar Jesus, se ele quisesse a gente já mandava ele pra nossa casa de recuperação. Na hora. E lá dava toda a assistência que ele precisasse. Então o que acontece. A gente tem que tentar ajudar arrumar um emprego pra ele. A gente tem que ver se esse camarada tem que se entregar pra polícia ou não. A gente vai nos aconselhamentos, porque alguns deles estão foragidos. Às vezes está indo no fórum, a gente aconselha a fazer tudo certinho e se acertar com a Justiça. Se ele for um camarada que é um gerente do tráfico de drogas. “Então entrega tudo, entrega a gerência. Entrega tudo o que você tem, se livra de tudo de errado que você tem e vem ficar limpo”. Porque tem uma orientação pra ele. Tem um discipulador que discipula o cara. Não só pro trafficante, mas pro outro também. Porque esse trabalho que a gente faz, o trabalho do discipulado, da célula, da visita, é um trabalho espiritual que funciona tanto com médico, quanto com o trafficante. O que vai fazer o efeito é o tanto que a pessoa quer, que vai fazer efeito. Porque o jejum e a oração

que funciona com o traficante é o mesmo que funciona pra um juiz. A diferença vai ser o nível do que eles querem. (pastor Daniel, 2018)

O pastor Daniel explica que o processo de entregar o cargo no tráfico não é complicado, já que “tem muitos” querendo entrar no lugar da pessoa que está saindo, seja para ficar responsável pela venda de determinada *carga* ou por um cargo de gerência. A parte mais complicada da situação podem ser os inimigos que essa pessoa cultivou (a partir dos homicídios que cometeu, espancamentos...) e, principalmente, os débitos com a Justiça. O pastor Washington que, nesta área, era o que mais devia, passou mais de 10 anos na prisão. Logo depois do episódio em que quase morreu, durante o processo de recuperação da cirurgia pela qual passara, ele fugiu do hospital e voltou para casa. Segundo ele, a sua prisão foi uma *intervenção divina* na sua vida e a Igreja dentro do presídio o acolheu.

Passou sete dias depois, fugi do hospital e voltei pra casa, falei: “meu Deus, eu sou um crente agora o que eu tenho que fazer? O diabo quer me levar pro tráfico de novo, mas eu não posso”. (...) Antes de eu pensar isso, sabe o que Deus fez? Me levou lá pra atrás das grades. Eu fui debaixo de pancada, todo costurado, apanhando, falsificação ideológica, quadrilha, tráfico de drogas, assalto, sendo acusado pela morte de um polícia, me batendo, me espancando... E Deus me colocou atrás das grades, que era para eu fazer missão atrás das grades. Comecei a buscar a Deus e a falar com Deus: “Deus, eu quero ser um mensageiro, eu quero ser um pregador da sua *Palavra*, eu quero fazer o seu *ide*”. Comecei a ler Bíblia, comecei a consagrar. (...) Teve um dia que cheguei na Igreja, quando cheguei na cadeia e o mundo dizia: “vem pra cá”. Mas a Igreja dizia: “não, vem pra cá; o mundo quer te abraçar de novo”. O Senhor veio me abraçar. Sabe o que é uma Igreja, uma Igreja em comunhão? Quando viu minha humilhação, quando viu minha humilhação, todo sangrando, o pastor falou assim: “o irmão Washington não vai fazer nada, enquanto ele não sarar. Nós vamos lavar as roupas dele, vamos cuidar dele, vamos ensinar ele. Ele não vai ter esforço nenhum aqui dentro da Igreja. A única coisa que ele tem que fazer é jejuar, orar e ler Bíblia”. (pastor Washington, 2017)

Sua conversão aconteceu a partir de muita dedicação às práticas e disciplinas espirituais. Algum tempo após ser *salvo*, Washington já começou a passar a dádiva da *salvação* adiante.

Lá no presídio, o vaso é no chão. Quando eu abaixava lá pra fazer necessidades, o sangue descia. Eu não podia nem fazer esforço, o sangue descia. Minha carne sendo maltratada. O irmão falou assim: “você sabe o que é jejum?”. Ele falou “você vai ficar sem pão e sem café”: Eu falei “misericórdia...”. Eu falei “não posso ficar sem café”. Ele falou: “se você quer ter uma vida santa, comece a jejuar”. Eu comecei a jejuar. Eles falaram “você vai ler 11 capítulos por dia”. Eu falei “Jesus”. Eu começava a ler um capítulo me dava sono, eu começava a ler um capítulo, ficava inquieto, a minha mente não encaixava. “Mas você vai ler 11 capítulos por dia”. (...)

Quando eu fui ver, estava lendo livros, estava jejuando, orando, *pagando o preço*. Porque uma Igreja precisa *pagar preço*... (...) Aí Deus falou comigo: (...) o seu chamado é a *Palavra*. Eu comecei a me dedicar. Comecei a *consagrar*, orar, a ler Bíblia. Tinha dias que lia um livro por dia. Livro de Gênesis, que é 50 capítulos. E Deus começou a me preparar. (...) Deus muda a vida de um traficante? Muda! Deus muda a vida de um assaltante? Muda! (...) Com dois meses já estava pregando a *Palavra*... Eu comecei a pregar a *Palavra*, eu comecei a *evangelizar*. Aquele desejo de pregar estava no meu sangue. Comecei a ir para o corredor, a ir para a quadra e comecei a dizer o que Deus tinha feito na minha vida. (pastor Washington, 2017)

4.9 Ex-bandido *salvando* bandido

Sendo traficante ou não, o mandamento do *salvo* é: “ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Marcos 16:15; Mateus 28:19-20). A dádiva da *salvação* recebida, não deve ser retida. *Salvo*, agora o desafio é passar a *salvação* adiante, um mandamento cujo cumprimento *retribui* tanto a Deus, quanto à Igreja – *agência de salvação* – a dádiva recebida. A Igreja Operando Deus, por estar inserida no contexto da periferia, no Bairro da Penha, onde o problema da criminalidade atinge a muitos, tem estratégias tanto para alcançar pessoas comuns, quanto para evangelizar os bandidos. É comum subir às *bocas* para a realização de evangelismos e o respeito aos evangélicos por parte do bandidos é notório, seja por possuírem parentes crentes ou por conhecer a história da pessoa que o está evangelizando, no caso de um ex-bandido do bairro.

Ontem mesmo eu tava no tráfico evangelizando. Subi para orar ali em cima, no topo do morro, do monte que tem lá em cima e aproveitei e desci passando nos tráficos de droga, orando pela rapaziada. Eles param o tráfico, baixa a cabeça e curva arma. A gente para a boca. Viciado comprando droga a gente para. Ele vai comprar e descer a gente para e “pera um pouquinho, vem cá”, a gente ora, libera uma palavra. Para tudo irmão. (...) Já fizemos evangelismo aqui em mais de 50 pessoas. (...) Fica na pracinha ali, onde a gente monta às vezes os instrumentos ali e faz um louvor e vai evangelizando e consagra a praça inteira (...) o trabalho do tráfico você tem que ter muita sabedoria para trabalhar dentro dele. Mas já fizemos cultos no tráfico, onde eles param o tráfico e agente bota os equipamentos, som e para, e a gente faz um culto pra eles também, se precisar, se eles quiserem. Mas é um trabalho que gosto de fazer.

[Eu] Como é a aceitação de vocês lá no meio?

Eu era de lá né, querido. Eu tenho furo de bala que larguei desse morro. Eu tenho história aqui. A gente é respeitado aqui no bairro. A gente é referência aqui, eu era traficante aqui irmão. Os mais antigos aí, vê o que Deus fez na minha vida. Tenho traficante que traficava comigo, que hoje é membro da igreja, ovelha minha. Os moradores respeitam. As pessoas falam “meu Deus do céu, o que Deus fez na sua vida”. Então uma coisa é você sair de um lugar e ir morar em outro lugar onde ninguém conheceu a sua história. Outra coisa

é quando eles viam você igual Satanás aí no morro e vendo hoje como um homem de Deus, uma família abençoada, uma pessoa de referência. Então é totalmente diferente irmão. Quando eu me converti muitas pessoas foram na igreja para ver se era verdade. O pastor falava do altar, “olha esse irmão que tá aí tá cumprimentando vocês na entrada, quando nós íamos lá no tráfico de drogas tava lá com duas .40 na mão assim, um camarada terrível, hoje tá aí assim, ó: olha só como Deus faz”. Pastor tinha orgulho de falar, então é uma referência dentro da comunidade. Você vai entrando dentro dos becos, das casas, dentro dos lugares, as pessoas param “pastor” e pedem oração. Então é uma referência no bairro. Não só eu como vários outros aqui, vários. Que foram muito mais terríveis do que eu fui.

[Eu] Já houve conversão na hora que vocês foram?

É raro. É muito raro. No tráfico de drogas é raro. (pastor Daniel, 2018)

Embora sejam raras as conversões ou *decisões* dos bandidos *por Jesus* no ato do evangelismo, como descrito pelo pastor Daniel, o entendimento é que o importante é a *semente* lançada, como descrito na *Parábola do Semeador* na Bíblia Sagrada (Mateus 13.1-23). A *semente* corresponde à Palavra pregada e a *terra* em que a semente foi plantada é o coração da pessoa. A semente pode cair pelo caminho e um pássaro comê-la – significando a pessoa que ouve a Palavra, não a entende e vem Satanás e arranca o que foi semeado no coração; pode cair em terreno pedregoso, com pouca terra e pouca profundidade, que logo nasce, mas é queimada pelo calor do sol e, por não ter raiz, seca – fazendo referência à pessoa que ouve a Palavra e recebe com alegria, mas, como não tem raiz, permanece por pouco tempo, e quando vêm as dificuldades (*provações*), logo a abandona; pode cair em terreno espinhoso e, quando os espinhos crescem, sufocam-na – significando a pessoa que ouve a Palavra, mas as preocupações da vida e o “engano das riquezas” (v. 22) sufocam a Palavra, tornando-a infrutífera; e, finalmente, pode cair em uma terra boa, na qual nasce, cresce e gera uma boa colheita, de cem, sessenta, e trinte frutos por um – significando o que ouve a Palavra, a entende e a faz multiplicar entre as pessoas. A partir do lançamento da *semente* a Igreja ora pela ação do *Espírito Santo*, que é o *responsável* por convencer as pessoas da “verdade, do pecado, da justiça e do juízo”: “Eu não convengo ninguém. Quem convence é o *Espírito Santo*. A *revelação* só vem através dele”, diz o pastor Daniel. Quando um bandido é *convertido* o grande diferencial deste em relação aos demais crentes no sentido de compartilhar a sua *salvação* é a disposição, segundo o pastor.

Eu não tenho medo de entrar em qualquer lugar. Eu não tenho medo. Eu entro em qualquer lugar meu irmão. Pra arrancar uma ovelha a gente só não peca, mas faz o que for necessário. Para pra imaginar o camarada pegar e mandar o traficante dar um tiro na cabeça dele [fala isso referente a uma

história que contou para evitar que uma *ovelha* sua fosse assassinada]. O cara é muito doido né, pra fazer um troço desses. “Eu troco a minha vida pela dele”. A minha mentalidade, eu não aceito eu dar menos pra Deus do que eu dei pro Diabo. Se eu era capaz de fazer o tanto de doidera que eu já fiz na minha vida por Satanás e pelo dinheiro [ele mostra uma cicatriz em forma de cifrão que tem na mão, provavelmente feita com uma faca]. Porque pra Deus eu vou fazer menos? Eu não aceito isso. Eu não converto ninguém, quem converte é o Espírito Santo, a Palavra de Deus. Mas se eu conseguir ganhar um traficante pra Jesus, 85% é que ele vai ter muito mais disposição do que outras pessoas que geralmente vão ter medo. Vão temer. (...) E se eu morrer? Já morri, já tô morto há muito tempo. “Já não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim”. Entendeu? Então, não tô nem aí com o que vai acontecer. Minha vida já tá entregue. (...) Se eu ia morrer pro Diabo, qual é a diferença de morrer pra Jesus... A diferença é que vou estar mais perto dele mais rápido. E vou ter a honra de morrer em nome dele. (pastor Daniel, 2018)

Além de orar e *liberar* porções da *Palavra de Deus* sobre a vida dos traficantes, uma das armas mais estratégicas dos fiéis da Igreja Operando Deus para *salvar* a vida dos criminosos é o *testemunho*. A igreja possui projetos evangelísticos e programas que alcançam o público do tráfico, como o “Jesus na Boca” – ideia de duplo sentido – idealizado pelo próprio pastor Daniel, que é direcionado para a *evangelização* nos pontos de tráfico (na época da entrevista, maio de 2018, o projeto encontrava-se parado); o “Vitória/Flexal aos pés de Cristo” – que abrange vários pontos dos bairros, inclusive os pontos de tráfico, uma vez por semana, orando e convidando-os aos cultos, e dentro da própria programação do culto, uma série chamada “Das Cinzas para a Glória”, focado somente em testemunhos, muitos deles envolvendo fiéis com vidas pregressas na criminalidade ou na dependência química. Na narrativa do pastor Wadlei é possível perceber a importância de testemunhar sobre quem ele agora é, já que a sua história *antiga* com o Bairro da Penha é conhecida por muitos da comunidade, inclusive os que estão no tráfico. Aliado aos testemunhos, os *dons do Espírito Santo*⁶⁷ (sobretudo os de “palavra de conhecimento” e “profecia”, o que os fiéis da Igreja Operando Deus podem chamar de “visão” ou de “revelação”) também são amplamente utilizados na Igreja para levar *revelações* de Deus às pessoas em questão, de modo a contribuírem para a *salvação* das mesmas.

Mas nós vamos estar subindo o Bairro da Penha pra dar o nosso *testemunho* de lá de onde nós éramos. Lá na *boca*. Nós vamos na *boca*. Levo a *Palavra*. Essa semana eu fui atrás de um traficante que na época queria me ver morto. Fui lá atrás dele pra levar um sonho que Deus me deu aqui. E o mesmo sonho

⁶⁷ Normalmente são considerados nove os dons do Espírito Santo de acordo com a Bíblia Sagrada (1 Coríntios 12. 8-11): palavra de sabedoria; palavra de conhecimento ou da ciência (através de sonhos, visões, revelações); fé; cura; operação de milagres; profecia; discernimento de espíritos; variedade de línguas; interpretação de línguas.

que Deus me deu, Deus deu à minha esposa, no mesmo dia. Eu deitado na cama, minha esposa deitada ali no chão, ela não é de dormir de tarde. Ela teve um sonho com ele e eu tive um sonho. Quer dizer, Deus dando um despertar pra ele. Nós vamos, nós subimos, nós vamos nos locais, nas famílias. (...) Então nós trabalhamos em cima disso, de pessoas. E o *poder de Deus* é manifestado nessas pessoas também. Porque eu creio, *varão*. Eu creio no que Deus fez comigo. Olhando aos olhos nu, aos nossos olhos assim, não era pra eu ter o que eu tenho hoje, não era nem pra eu estar onde estou hoje. (...) Então eu acredito nas pessoas, eu acredito na mudança. E a gente trabalha da mesma forma que eu queria que tivesse trabalhado em mim. Dessa forma que o Ministério Operando Deus trabalhou na minha vida. Tratando, cuidando, estando do lado. (...) Tinha *boca de fumo* que eu não podia subir porque as pessoas falavam assim: “se você subir aqui nós vamos arrancar sua cabeça”. Hoje em dia eu subo lá, prego pra eles, oro pela vida deles. Eles têm reverência. Eles estão fumando a maconha e eles abaixam, ou mesmo apaga. Tão com a pistola, eles guardam as armas e ali eles têm o temor. Eles nos tratam assim... (...) Teve uma *revelação* que foi passada. Do banho de sangue, você ficou sabendo da revelação? (...) A boca de fumo ficou parada uma semana, você já viu alguma boca de fumo ficar uma semana parada? (...) Eles ouviram o que o profeta disse. Eles têm reverência, eles têm o temor, eles sabem quem é Deus. Ele é o Soberano, não existe outro. O que dá vida é Ele. Ele que tira você do lago do pecado, porque sem Ele não conseguimos alcançar nada. (...) Respeitam muito. A maioria deles têm parentes que são evangélicos, mães e pais... (pastor Wadlei, 2019)

Salvar a vida de um traficante, portanto, trata-se de um processo complexo. Primeiro é preciso que a pessoa se interesse, de alguma forma, naquela vida que a grande maioria da sociedade quer morta ou, se a quer transformada, não tem a vontade, o incentivo, a coragem, o conhecimento e/ou nem a disponibilidade para tal. Depois é preciso que a pessoa tenha um conhecimento de causa ou uma vivência para saber com quem está lidando e *onde* está pisando, além de fatores anteriormente citados, como a coragem em adentrar um local no qual pode ser morto e o incentivo para fazê-lo. E, finalmente, deve-se ter a certeza de que o método do qual vai se utilizar, funciona de fato e, preferencialmente, levar uma amostra. Só um traficante daquela mesma localidade que recebeu a dádiva da *salvação* consegue atender a todos esses quesitos, sendo a pessoa mais capacitada em toda a comunidade – seria presunção dizer “do mundo inteiro”? – para *salvar* outro traficante do Bairro da Penha do cruel destino da cadeia ou da morte.

A partir da hora que o traficante foi *salvo*, é mandamento que ele ame o seu próximo e “dê a sua vida por ele”, pregando a *salvação* a ele, inclusive a outros traficantes. A obediência ao mandamento garante *galardão*, *tesouros nos céus*, ou seja, recompensas, ainda que na *eternidade*. Neste sentido, ele tem interesse, incentivo e disponibilidade. Ele já foi um traficante, sabe como funciona a dinâmica do tráfico local, onde ficam os principais pontos, conhece os traficantes, têm toda uma história com o bairro e o tráfico

que o munem do quesito “conhecimento e vivências” para adentrar este terreno. O método é o mesmo que funcionou nele – a pregação da *Palavra da salvação* – e a amostra da eficácia do método é ele mesmo, sua vida transformada e o seu *testemunho*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nestes dois anos e meio de Mestrado, minhas perspectivas sobre o tema “atuação das igrejas evangélicas frente à criminalidade em bairros de periferia” – tema inicial do meu projeto – mudaram bruscamente. Ao adentrar no curso, em 2017, esperava chegar à conclusão de uma atuação frustrada das igrejas evangélicas diante desta situação – sobretudo do tráfico de drogas e da violência dele decorrente – e da necessidade de uma parceria cognitiva entre a academia e a Igreja que pudesse unir as duas potencialidades na busca por um objetivo social comum: a diminuição dos índices de violência nas periferias. Bom, continuo com este pensamento, analisando uma atuação aquém do possível por parte da Igreja, mas crendo que o alcance social da Igreja onde o Estado ou qualquer outra instituição não chega – dentro das *bocas de fumo* – aliado a pesquisas acadêmicas que possam embasar através de dados precisos os principais problemas sociais a serem atacados e necessidades sociais a serem supridas, poderia fazer uma enorme diferença para o alcance deste objetivo. E, aqui, não cito a questão do evangelismo e proselitismo religioso como solução, mas um entendimento social – também bíblicamente embasado – que diz respeito ao serviço voluntário do exército de membros que a Igreja possui em diversas áreas do conhecimento, de modo a combater esses problemas e suprir essas necessidades apontadas pelos dados acadêmicos através dos estudos no campo e posterior análise. Apesar de ser dever do Estado, sabemos da ineficiência do mesmo em tratar determinados assuntos e ao mesmo tempo há um contingente dentro das igrejas capacitado a atuar socialmente. Não me atenho aqui a tirar responsabilidades do Estado, tampouco em uma aliança entre Igreja e Estado. Mas a uma função que é consentida por determinadas linhas teológicas dentro das igrejas evangélicas, que defendem que a instituição se engaje na luta por justiça social. Cito isso, apesar de todas as polêmicas existentes na atuação político-social de parcela da igreja evangélica, como em nosso governo teocrático atual, sobre o qual me posiciono contrário na quase totalidade de suas iniciativas.

Entretanto, confesso que consegui enxergar na atuação da Igreja Operando Deus uma solução que ainda não existe no que diz respeito à ressocialização do traficante, ainda que isso aconteça através da conversão religiosa, algo que não cabe ao Estado. Sabe-se que a quantidade de homicídios bateu recordes no ano de 2018⁶⁸, assim como a

⁶⁸ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/com-625-mil-homicidios-brasil-bate-recorde-de-mortes-violentas.htm>

superlotação nas prisões do Brasil⁶⁹, dados que possuem influência majoritária das *facções* do tráfico de drogas. A atuação da Igreja Operando Deus, através de seus evangelismos e seus métodos que incluem diversos cursos, seminários, programas, campanhas, dispensação de *dons* e outros, têm surtido um efeito que nenhuma outra entidade consegue, transformando a vida de traficantes por meio da dádiva da *salvação*, o que diretamente contribui para a diminuição das estatísticas de homicídios, diminuição do número de encarceramentos, aumento do trabalho formal, aumento na arrecadação de impostos (membros tornando-se empreendedores formalizados), tudo isso em um multinível com o ciclo de circulação da dádiva da *salvação* expandindo-se constantemente.

A Igreja Operando Deus possui uma grande vantagem sobre outras congregações evangélicas e instituições de outros segmentos, já que possui em sua mais alta hierarquia três pastores que conhecem detalhadamente os caminhos do tráfico, têm toda uma história vivida na localidade que inclui suas carreiras como traficantes, são *testemunhos* vivos da transformação de vida, ou seja: são prova de que a metodologia da igreja funciona. Não seria absurdo afirmar que estas seriam as pessoas mais preparadas, capacitadas e entusiasmadas em todo o mundo a trabalharem a transformação de vida dos traficantes que atuam no Complexo da Penha, o que conseqüentemente contribuirá para a diminuição dos índices de violência e para um maior bem-estar da sociedade.

O simples fato da existência de uma grande quantidade de igrejas no Bairro da Penha já é um fator que ajuda não só os traficantes, mas qualquer morador da comunidade, a se desprender, de alguma forma – ao menos nos momentos em que estão congregando com os *irmãos* seja no culto, numa reunião eclesial ou em qualquer outro tipo de atividade que a igreja oferece – do cotidiano violento que vivencia. Além da própria espiritualidade, do consolo que a conexão com o sagrado propicia nos momentos de aflição, a Igreja Operando Deus oferece um ambiente receptivo a pessoas de todo o tipo, através de uma cartela de atividades que abrange áreas como música, dança, esportes e lazer, na qual o membro pode se vincular. Mesmo no caso de ser a última das hipóteses, na falta de opções oferecidas pelo Estado ou outras entidades, o vínculo à igreja pode ser uma escolha racional diante do risco de se envolver ou de ser vítima da criminalidade. É vista como um local de refúgio tanto para o morador assolado pela

⁶⁹ <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/superlotacao-aumenta-e-numero-de-presos-provisorios-volta-a-crescer-no-brasil.ghtml>

violência do tráfico, quanto para o traficante que quer sair do tráfico, ou mesmo que precisa de uma oração ou aconselhamento – oportunidades para evangelizá-lo, pregar a *Palavra da salvação*, *salvá-lo* e trazê-lo para a carreira de crente.

A utilização da noção de “carreira” em relação ao período de vida no tráfico e agora como crente, ajudou muito a analisar os dois mundos paralelamente, encontrando particularidades, mas também equivalências em ambos, como a questão do capital social (no tráfico, *conceito* ou *consideração*; na igreja, *fidelidade*), dos diversos níveis hierárquicos presentes nas duas carreiras e também da dádiva (no caso da Igreja, a *dádiva horizontal*), as *responsas* (cargos e *cargas*), no tráfico, e as *almas* e respectivas *incumbências de confiança* depositadas pelo pastor, na Igreja Operando Deus. Os crescimentos em *conceito* e *fidelidade* podem representar ascensão hierárquica no tráfico e na igreja respectivamente.

Além disso a noção de “carreira” auxiliou a esclarecer as transformações de identidade do traficante para o crente, como a mudança de *nome* (antes do nome próprio, agora vem o título: pastor Daniel Rocha, diácono Kleiton Quirino, evangelista André...); a mudança na linguagem, incluindo as expressões, jargões, estilo de se vestir, de se cuidar, de se comportar e até as manias do mundo crente em seu repertório expressivo; a transformação no estilo de vida (agora baseado nas disciplinas espirituais) e nas interações com os elementos do mundo, para citar os mais marcantes.

O conceito de conversão trazido por Darmon, como uma “obra de si” – uma transformação da pessoa exercida sucessivamente pelo próprio indivíduo e pela instituição em questão, que requer esforços e técnicas específicas – ajudou a visualizar este conceito – oriundo do campo da religiosidade – para as mais diferentes “carreiras” da vida às quais exigem adaptação, como no caso do próprio tráfico. Ajudou, inclusive, a analisar a conversão para a carreira de crente de forma mais cuidadosa, enxergando nas “provas” momentos necessários relacionados ao processo de conversão entre as carreiras, momentos em que a *aprovação* trazia firmeza na nova identidade, consolidando a trajetória na nova carreira.

Em ambos os casos, tanto no tráfico, quanto na Igreja Operando Deus, ficou claro como as empresas (a do crime e a da fé), suas estruturas físicas e hierárquicas e suas funções possuem condição de existência na circulação das dádivas das *responsas* e da *salvação* respectivamente, responsáveis também pela perpetuação e crescimento dos

empreendimentos. A *salvação* produz a circulação de diversos outros tipos de dádivas, como ajudas, favores, serviços e presentes, que podem ser retribuídos *horizontalmente* com contradons semelhantes, ou mesmo *verticalmente* através de bênçãos de diversos tipos, inclusive materiais.

Essa dissertação aconteceu em um momento de minha vida no qual tive que conciliar diversas frentes com o Mestrado, tais quais os cuidados com a família (mulher e filha), trabalho diário, carreira musical, projeto Rei das Ruas e cuidados domésticos. Nesses dois anos e meio, a espiritualidade envolveu todas essas frentes, e com o Mestrado não foi diferente, tanto ao encarar a trajetória pessoal no curso em si, quanto na ânsia de ver o resultado prático da espiritualidade – mesmo em uma denominação religiosa diferente – na dissertação, pelo prisma das Ciências Sociais, diante de problemas que me tocam há tempos, como é a questão de toda a violência decorrente do tráfico. O desafio de tentar olhar a espiritualidade através da academia foi extremamente custoso desde o início, pela dificuldade de separar o *sujeito religioso* do *cientista social*, tendo que passar por um verdadeiro processo de *conversão* (Darmon) para conseguir analisar os fatos a partir das lentes deste último. Soma-se a isso, o fato de vir de uma graduação em Jornalismo, portanto fora da área do Mestrado, há mais de uma década.

Apesar de todas as *provas* que encontrei nessa jornada da dissertação, considero que analisar a espiritualidade, sobretudo pelo prisma da *dádiva* me deixou muito contente com os resultados obtidos pois, afinal de contas, o cristianismo é uma história de *dádivas*, como o próprio Caillé, um dos maiores estudiosos de Mauss, defende. As vitórias em cada momento de crise (*provas*) vivenciados nesta jornada acadêmica – que não foram poucos, inclusive chegando a cogitar o abandono – serviram para o fortalecimento da *identidade* de pesquisador nesse processo de *conversão* que perdurou até o fim da dissertação. E, por que não dizer, fortaleceu a própria *identidade espiritual* uma vez que a fé se confirmou na ciência e vice-versa.

Minha esperança é de que este trabalho tenha contribuído de alguma forma, mesmo que mínima, para a discussão dos temas aqui analisados na comunidade acadêmica, e para a *carreira* de algum cientista social, que em sua empreitada possa discordar, concordar, propor alterações, encontrar casos semelhantes ou evoluir as abordagens desenvolvidas nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

35 MILHÕES de pessoas ascenderam à classe média. Exame on-line, São Paulo, 21 set. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/35-milhoes-de-pessoas-ascenderam-a-classe-media/>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

ABI-EÇAB, Alice. **Religião e violência na periferia de São Paulo**. In: Revista Anagrama, USP, São Paulo, set./nov. 2011.

ABUMANSUR, Edin Sued. **Os pentecostais e a modernidade**. In: PASSOS, João Décio (org.). Movimentos do Espírito. São Paulo. Paulinas, 2005.

AGAMBEM, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGÊNCIA BRASIL. **Superlotação nos presídios brasileiros é de 175%, diz CNPM**. Portal R7, 18 jun. 2018. Cidades. In. <<https://noticias.r7.com/cidades/superlotacao-dos-presidios-brasileiros-e-de-175-diz-cnpm-18062018>>

ALMEIDA, João F. **Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica do Brasil.

ALMEIDA, Ronaldo. **A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Atlas da Violência 2018. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Rio de Janeiro, 2018

ATO LEMBRA mortes de 91 policiais no Rio de Janeiro em 2017. Agência Brasil Online, Rio de Janeiro, 25 jul. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2017-07/ato-lembra-mortes-de-91-policiais-no-rio-de-janeiro-em-2017>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o conceito de cultura**. In: Revista Antropolítica, 19. Niterói: EdUFF, 1995.

BAUGH, K. Jr. **The methodology of Herbert Blumer: critical interpretation and repair**. Cambridge University Press, 1990.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2010.

BIORKI, Marcelo. **Rimas de Sangue**. Rimas de Sangue. Shekinah Rap, Rima Cruz Produções, São Paulo, 2010.

BLUMER, Herbert. **“Sociedade como interação simbólica”**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 16, n. 46, p. 14-22, abril de 2017. 7p.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: O poder simbólico. RJ: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pronatec**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>> . Acesso em: 14. Jul. 2017.

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo, nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 13 n. 38 São Paulo Oct. 1998.

CARVALHO, Claunísio A. **O candelabro**. Estudos Gospel. In:<<https://www.estudosgospel.com.br/estudo-biblico-evangelico-diversos/o-candelabro.html>>

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2017**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, 2017.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política**. SP: Cosac Naify, 2011, p. 115-134

COM 62,5 mil homicídios Brasil bate recorde de mortes violentas. Portal UOL. Maceió, 05 jun. 2018. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/com-625-mil-homicidios-brasil-bate-recorde-de-mortes-violentas.htm>>

CORREA, Amélia S. **Interacionismo simbólico: raízes, críticas e perspectivas atuais**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS. Vol. 9 Nº 17, Janeiro – Junho, 2017

CORREA, Diogo S., DIAS, Rodrigo C. **Crítica e os momentos críticos: de la justification e a guinada pragmática na sociologia francesa**. Mana 22(1): 67-99, 2016

CORREA, V.S., VALE, G. **Ação Econômica e Religião: Igrejas como Empreendimentos no Brasil**. Revista de Administração Contemporânea. vol.21, no.1, Curitiba, jan./fev, 2017.

COSTA, Joílson B. **Militância, dádiva e conversão religiosa: o caso dos presidiários evangélicos em busca da dupla salvação**. UFPE, 2005.

CRIANÇAS COMEÇAM no tráfico de drogas do Rio aos oito anos de idade, diz instituto. Portal R7 On-line, Rio de Janeiro, 28 dez. 2009. Disponível em:

<<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/criancas-comecam-no-traffic-de-drogas-do-rio-aos-oito-anos-de-idade-diz-instituto-20091227.html>> . Acesso em: 30 jul. 2017.

CUNHA, M. N.. **Mídia, Gênero, Pentecostalismos e o "Ecumenismo de Conveniência"**. In: Célio de Pádua Garcia. (Org.). Pentecostalismos e Sociedade: impactos e/ou cumplicidade. 1ed.São Paulo: Terceira Via; Fonte Editorial, 2017, v. 1, p. 75-98.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DARMON, Muriel. **A noção de carreira: um instrumento interacionista de objetivação**. Politix 2008/2 (nº 82), p. 149-16, 2008.

DARMON, Muriel. **Sociologia da conversão. Socialização e transformações individuais** in C. Burton-Jeangros, C. Maeder (dir./Hrsg.). Identidade e transformação de estilos de vida, Seismo, Genebra e Zurique, 2011, pp. 64-84.

FAVRET-SAADA, Jeanne, **Ser afetado**. Cadernos de Campo, n.13: 155-161, 2005

GAMA. Monalisa R. **O preço da conversão: análise das trocas simbólicas e dos mecanismos de objetivação dos conversos na Assembleia de Deus – Campina Grande – PB: 2015.**

GARCIA, Célio de Pádua. **(Neo)pentecostalismos e sociedade: impactos e/ou cumplicidades**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

GARCIA, Ricardo. **O Evangelho da Metanoia**. Corrigindo o Foco. 2016. Disponível em: <<https://wilsonsandoval.com/2016/05/27/o-evangelho-da-metanoia/>> ,

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas e sinais. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

GOUVÊA, Gustavo. **Roubos e Furtos Crescem no ES**. Jornal ES Hoje, Espírito Santo, 23 jul. 2017. Segurança, p.3.

GOUVÊA, Gustavo. **Espírito Santo tem a maior taxa de menores infratores do país**. Jornal ES Hoje, Espírito Santo, 27 nov. 2014. Segurança, p.3. nº 527.

GRILLO, Carolina C. **Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas**. – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2013.

IACK, Pollyanna L. **A produção da trajetória institucional dos adolescentes e jovens egressos da medida socioeducativa de internação: da segregação ao extermínio sob o viés da biopolítica**. Educação e Direitos Humanos, Departamento de Direito, UFES, 2017.

IGREJA Operando Deus. Disponível em: <<http://www.igrejaoperandodeus.com.br>>

INSTITUTO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO DO ESPÍRITO SANTO. **Quem somos**. Disponível em <<https://iases.es.gov.br/quem-somos>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

LEMIEUX, Cyril. **Da teoria do *habitus* à sociologia dos testes**. Paris, Editions Complexe, 2008, p. 179-205.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac & Naify, 2003, p. 11-46.

LIMA, R. S.; BUENO, S. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo, 2016.

MACHADO, Carly. **Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias**. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 153-180, jul./dez. 2014.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. **Violência Urbana, sociabilidade violenta e agenda pública**. In: SILVA, Machado da (Org). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**. In: *Revista de Estudos da Religião*, PUC, São Paulo, dez. 2008.

MARTINS, Paulo H. **A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação**, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 45-66, 2005.

MAUSS, M. **Ensaio Sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MEDRADO, Lucas. **A adesão pentecostal de bandidos e ex-bandidos: um estudo sobre religião e periferia na favela do Jardim São Jorge em Cidade Ademar – SP**. II Simpósio Internacional da ABHR. UFSC. Florianópolis, 2016.

MESQUITA, Wania. **Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro**. In: *Estudos de Religião*, v.23, n. 37, 89-103, jul./dez. 2009

MISSE, Michel. **Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"**. *Lua Nova*, São Paulo, 79: 235-244, 2010.

O QUE significa ministério? **Esboçando ideias**. Disponível em: <<https://www.esbocandoideias.com/2012/02/o-que-significa-ministerio.html>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Pronasci**. Disponível em: <<http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/PRONASCI.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Vitória em dados**. Disponível em <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Inclusão Social e Cidadania: A Perspectiva das Organizações, Redes e Movimentos.** In: Inclusão Social Identidade e Diferença: Perspectivas Pós-Estruturalistas de Análise Social, Orgs.: Aécio Amaral Jr./Joanildo Burity. São Paulo: Anna Blume, 2006.

SILVEIRA, Natalia; BERTOLI, Naiana. **Líderes Pentecostais e Juventude: Religiosidade no Contexto da Favela.** UFES, 2016.

SIMÕES, Walter. **Assistência Social: legislação e programas sociais do Governo Federal.** Câmara dos Deputados, Brasília, 2010.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

STRATHERN, Marilyn. **Cortando a rede.** Ponto Urbe, ed.8, São Paulo: USP, 2011.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras: A Busca de Identidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SUPERLOTAÇÃO AUMENTA e número de presos provisórios volta a crescer no Brasil. Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/superlotacao-aumenta-e-numero-de-presos-provisorios-volta-a-crescer-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 25 set. 2017.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **Pentecostalismo em contextos de violência.** Reflexões sobre a religiosidade popular. SP. 2006. 58 f. Monografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006

TAROT, Camille. **Pistas para uma história do nascimento da graça.** In: MARTINS, P. H. A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana.** Editora: EdUFF, 2008, p. 19-51.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Da macumba às campanhas de cura e libertação: a fé dos traficantes de drogas em favelas do Rio de Janeiro.** In: Revista Tomo, Dossiê Sociologia da Religião. Universidade Federal de Sergipe, n. 12 jan./jun., 2009

WACQUANT, Loic. **Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada.** Rio de Janeiro: Revan, 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Brasília: EdUnB, 1991.